

6.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ADGHIRNI, Zelia Leal. O jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis: UFSC, v.2, n.1, p.45-57, 1º semestre de 2005.

AGUIAR, Leonel. Os valores-notícia como efeitos de verdade na ordem do discurso jornalístico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos, SP. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2007.

_____. Critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (orgs.). **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014, p.219-235.

AGUIAR, Leonel; BARONI, Alice. O campo jornalístico em disputa: pesquisas sobre as práticas discursivas dos fotojornalistas e fotógrafos populares. **Alceu**, Rio de Janeiro: PUC-Rio, v.16, n.31, p.141-154, julho a dezembro de 2015.

AGUIAR, Leonel; BARSOTTI, Adriana. Jornalismo amador: proposta para definir as práticas jornalísticas exercidas pelo público em ambiente interativo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2011.

AMARAL, Marcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANTUNES, Elton. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Galáxia**, São Paulo: PUC-SP, v.9, n.18, p.85-99, dezembro de 2009.

ARGOLO, José Amaral. **Reportagem policial: percepções e desafios no cotidiano jornalístico**. Rio de Janeiro: E-papers, 2014.

ASSIS, Francisco de. A identidade profissional do repórter na voz de jornalistas “das antigas”: as experiências de Audálio Dantas e Ricardo Kotscho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900 – 2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. Quem são os jornalistas? In: **História cultural da imprensa: Brasil, 1800 – 1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p.141-178.

BARCELLOS, Caco. **Rota 66**. 16.ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

BARONI, Alice. Espaços de (in)visibilidade na produção de narrativas visuais: fotojornalistas e fotógrafos populares nas favelas cariocas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14., 2016, Palhoça, SC. **Anais...** Brasília: SBPJor, 2016.

BARROS, Antonio; JUNQUEIRA, Rogerio. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014, p.32-50.

BARSOTTI, Adriana Baquer. **Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas**: o jornalista on-line como mobilizador de audiência. Rio de Janeiro, 2012. 272f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BECKER, Beatriz. Entre a narrativa e o acontecimento: a linguagem do telejornal. In: **A linguagem do telejornal**: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro, E-papers, 2005, p.37-105.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. Conceitos. In: **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p.145-187.

_____. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.197-221.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 36.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BERTOLINI, Jeferson. O contrato social da imprensa: por um Leviatã do jornalismo. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul - RS: Unisc, v.4, n.1, p.208-220, agosto de 2016.

BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W. Mito, registro e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999, p.263-277.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. O espírito do capitalismo e o papel da crítica. In: **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.31-79.

BONNER, William. **Jornal Nacional**: modo de fazer. São Paulo: Globo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. Linguagem e poder simbólico. In: **A economia das trocas linguísticas:** o que falar quer dizer. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p.79-126.

_____. **O poder simbólico.** Lisboa: Edições 70, 2016.

BRASIL. Decreto-Lei nº 5452, de 01 de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1943. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm. Acesso em 15 de junho de 2017 às 17h45.

_____. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016:** hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2016.

BREED, Warren. Controlo social na redacção. Uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias.** 2.ed. Lisboa: Vega, 1999, p. 152-166.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Informação, educação e entretenimento. In: **Uma história social da mídia:** de Gutemberg à internet. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p.188-265.

CARNEIRO, Cristine Gerk Pinto. **Jornalismo e público:** reconfigurações no contexto digital. Whatsapp do Extra como ferramenta histórico-tecnológica. Rio de Janeiro, 2016. 204 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

COSTA, Lailton Alves da. Gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo – SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2010, p.43-83.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo:** a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora – MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

DANTAS, Audálio. **Tempo de reportagem.** São Paulo, Leya, 2012.

DINES, Alberto. **O papel do jornal:** e a profissão de jornalista. 9.ed. São Paulo: Summus, 2009.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014, p.62-83.

DUNNE, M.; PRYOR, J. & YATES, P. The logico of enquiry. In: **Becoming a researcher**. Berkshire (Grã-Bretanha): McGraw-Hill Education, 2005, p. 11-26.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: researcher as subject. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **Handbook of qualitative research**. Second edition. California (Estados Unidos): SAGE Pubs, 2000, p.733-768.

FIGUEIREDO, Pedro de. Prestação de serviços nos novos jornais populares: um estudo de caso do “Meia Hora”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul, RS. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2010.

_____. Teoria Organizacional: uma análise a partir dos conceitos de papel social e de novo espírito do capitalismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016.

FIGUEIREDO, Pedro de; SAUDINO, Fernanda. Uso do WhatsApp na construção das notícias: reflexões sobre as teorias do jornalismo na era digital. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 18.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **Microfísica do poder**. 25.ed. São Paulo: Graal, 2012.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (orgs.). **Crêterios de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicaçôes. Florianópolis: Insular, 2014, p.85-113.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999, p.61-73.

GEERTZ, Clifford. Por uma teoria interpretativa das culturas. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.13-41.

_____. Os usos da diversidade. In: **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.68-85.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987. Texto na íntegra disponibilizado na internet no site do próprio autor sem paginação. Disponível em: <<http://www.adelmo.com.br/index1.htm>>. Último acesso em 18 de junho de 2017 às 18h30.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GROHMANN, Rafael. O jornalista como receptor. In: FIGARO, Roseli (org.). **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013, p.204-270.

GUERRA, Josenildo Luiz. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (orgs.). **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014, p.39-49.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o “mugging” nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999, p. 224-248.

HANKS, William F. Os gêneros do discurso em uma teoria da prática. In: **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 64-117.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ática, 1995.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. A verdade: o primeiro e mais confuso princípio. In: **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003, p.59-79.

KUNCZIK, Michael. Problemas relacionados com o trabalho no jornalismo. In: **Conceitos de jornalismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002, p.151-183.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

_____. **Estrutura da notícia**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989.

LEMOS, André; LEVY, Pierre. A mutação das mídias. In: **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010, p.69-83.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MANUAL da Redação: Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Cidade virtual: novos cenários da comunicação. **Comunicação e Educação**, São Paulo: USP, s/v, n.11, p.53-67, janeiro a abril de 1998.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

MCCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. The agenda-setting function of mass media. **The Public Opinion Quarterly**, Oxford (Reino Unido): Oxford University, v.36, n.2, p.176-187, verão de 1972.

MEAD, George H. Thought, communication, and the significant symbol. In: **Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist**. Chicago (Estados Unidos): The University of Chicago Press, 1967a, p.68-75.

_____. Meaning. In: **Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist**. Chicago (Estados Unidos): The University of Chicago Press, 1967b, p.75-82.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 4.ed. Rio de Janeiro: Ática, 2004.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. **Repórter no volante: O papel dos motoristas de jornal na produção da notícia**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

_____. O “novo ritmo da redação” de O Globo: a prioridade ao jornalismo digital e seus reflexos nas condições de trabalho e produção da notícia. **Parágrafo**, São Paulo: FIAM-FAAM, v.2, n.2, p.59-79, agosto a dezembro de 2014.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Por uma antropologia da notícia. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo: Intercom, v.25, n.2, p.11-41, julho a dezembro de 2002.

NEVEU, Erik. Introduction. In: **Sociologie du journalisme**. Paris: La Découverte, 2009, p.3-8. Versão digital. Disponível em: <<http://www.cairn.info/sociologie-du-journalisme--9782707158277.htm>>. Acesso em 14 de julho de 2017 às 23h05. Sem paginação na versão digital.

PENA, Felipe. A teoria do jornalismo no Brasil após 1950. In: SOUSA, Jorge Pedro (org.). **Jornalismo: história, teoria e metodologia: perspectivas luso-brasileiras**. Porto (Portugal): Edições Univ. Fernando Pessoa, 2008, p.226-295.

PEREIRA, Fabio Henrique; ADGHIRNI, Zelia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v.1, n.24, p.38-57, janeiro a junho de 2011.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. Os métodos de apuração. In: **A Apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.67-92.

REZENDE, Guilherme Jorge de. O jornalismo na televisão. In: **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000, p.70-91.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Do político à política. In: *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007, p.25-42.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RODRIGUES, Claudia Miranda. **Narrativas jornalísticas e midiativismo**: um estudo de caso sobre as rotinas produtivas do coletivo Mídia Ninja. Rio de Janeiro, 2016. 363f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ROXO, Michelle. **Profissão jornalista**: um estudo sobre representações sociais, identidade profissional e as condições de produção da notícia. Bauru, SP, 2005. 225f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e prática científica. In: **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007, p. 99-126.

SILVA, Marcos Paulo da. Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (orgs.). **Crítérios de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014, p.25-38.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p.95-123.

SODRÉ, Muniz. A forma da notícia. In: **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.131-151.

_____. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999, p. 91-100.

SOUSA, Jorge Pedro. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**, Covilhã (Portugal): Universidade da Beira Interior, versão online, 2002. Último acesso em 25 de junho de 2017: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>>.

_____. Estratégias e actividades de comunicação em sociedade: o jornalismo. In: **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. 2.ed. Porto (Portugal): Edições Univ. Fernando Pessoa, 2006, p.193-304.

SPONHOLZ, Liriam. O que é mesmo um fato? Conceito e suas consequências para o jornalismo. **Galáxia**, São Paulo: PUC-SP, v.9, n.18, p.56-69, dezembro de 2009.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014, p.51-61.

TARDE, Gabriel. O público e a multidão. In: **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.29-77.

TEIXEIRA, Clodine Janny. **Vítimas ocultas das mortes escancaradas**: as repercussões da morte violenta de um jovem na vida dos sobreviventes. São Paulo, 2016. 314f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: volume I – porque as notícias são como são? 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do jornalismo**: volume II – a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

_____. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2014, p.98-109.

TUCHMAN, Gaye. **Making News**: A study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1978.

_____. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999, p.74-90.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo (org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.11-28.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

WALTZ, Igor. **O jornalista em tempos de internet**: considerações sobre identidade e práticas profissionais na comunicação em rede. Rio de Janeiro, 2015. 188 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

WEAVER, David H.; MCCOMBS, Maxwell E; SPELLMAN, Charles. Watergate e os media: análise de um caso de agendamento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **O poder do jornalismo**: análise e textos da Teoria do Agendamento. Coimbra (Portugal): Minerva, 2000, p.63-76.

WHITE, David Manning. O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999, p. 142-151.

WOLF, Mauro. O newsmaking: os valores-notícia. In: **Teorias da Comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença, 1999, pp. 195-217.

Entrevistas concedidas ao autor

BARCELLOS, Felipe. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 09 nov. 2016.

CARDOSO, Evandro. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 08 nov. 2016.

CARDOSO, Mariana. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 07 nov. 2016

CASTRO, Lúcio. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 09 nov. 2016.

CHAGAS, Priscila. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 10 nov. 2016.

CONY, Aldir. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 10 nov. 2016.

ERNESTO, Luarlindo. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 09 nov. 2016.

FERREIRA, Moabe. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 10 nov. 2016.

GIFFONI, Matheus. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 07 nov. 2016.

JANOTTI, Luiz Carlos. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 09 nov. 2016.

JESUS, Marcos Antônio de. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 08 nov. 2016.

MARTINIANO, Roberto. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 08 nov. 2016.

MOREIRA, Marcelo. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 10 nov. 2016.

NASCIMENTO, Rafael. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 08 nov. 2016.

PRADDO, Osvaldo. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 08 nov. 2016.

QUEIROZ, Dennis. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 10 nov. 2016.

RESENDE, Dayana. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 09 nov. 2016.

ROCHA, Milton; MILANEZ, Denilson. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 07 nov. 2016.

SPONCHIADO, Bruno. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 07 nov. 2016.

TEIXEIRA, Pedro. Entrevista concedida a Pedro Figueiredo. Rio de Janeiro, 10 nov. 2016.

7. APÊNDICES

APÊNDICE 1

Diário de campo

As anotações desse diário de campo contemplam experiências que eu tive como repórter da madrugada entre junho e dezembro de 2016. No fim de maio, a chefia de reportagem me escalou para madrugada porque esse seria o horário que eu faria quando meus pilotos fossem aprovados, o que veio a acontecer no começo de agosto. Essas anotações se limitam apenas às observações que fiz durante a madrugada nos dias de pautas em que havia contato com outros colegas da imprensa.

01 de junho de 2016 – Retirada de lajes da Ciclovia Tim Maia

A madrugada do dia 1 de junho de 2016 era minha segunda madrugada a trabalho. Não havia nenhum factuel acontecendo. E eu, então decidi, junto com a apuradora do horário, fechar uma história de um roubo de uma caminhonete da Suipa – a Sociedade União Internacional Protetora dos Animais. A história tinha acontecido cedo. Bandidos levaram a caminhonete da instituição, que carregava ração para os animais. A Suipa sobrevive de doações e um roubo seria um gasto a mais para uma instituição voluntária que não tem muitos recursos. Como o crime não havia acontecido de madrugada, a ideia era voltar ao bairro da Penha, onde ocorreu o assalto, e fazer um povo-fala sobre a violência na região. Quando seguíamos para a reportagem, o cinegrafista Evandro Cardoso recebeu uma ligação. Era o Milton Rocha, cinegrafista do SBT, passando a informação de que começariam a ser retiradas as lajes da ciclovia Tim Maia que tinha caído em abril. A produção do SBT tinha apurado essas informações. E o Milton estava dividindo com os concorrentes. No primeiro momento, minha reação foi de indagação. Se outra emissora tinha apurado e a gente não, por que estavam dividindo a informação? Antes de irmos à Penha, passamos pelo local da retirada, na Avenida Niemeyer, entre o Leblon e São Conrado. Chegamos primeiro por causa da proximidade geográfica da nossa redação⁸¹. Em seguida, chegaram SBT, Band e Jornal O Globo. Fui apesentado pelo Evandro aos colegas. Reparei que o SBT não tinha repórter – apenas um cinegrafista e o operador – enquanto que a Band não tinha operador – era apenas a dupla do repórter com cinegrafista. Tive um primeiro contato com o Lúcio Castro, repórter da Band, que disse que estava havia pouco tempo na madrugada e que eu rapidamente iria me acostumar com o horário. A imagem da remoção da laje da ciclovia repercutiu em todos os jornais do dia seguinte. Fiquei me perguntando como seria se os colegas não tivessem avisado nossa equipe. Percebi que em um determinado momento todos combinaram de ir embora juntos.

08 de junho de 2016 – Policial militar baleado na cabeça

O caso do dia era o seguinte: um policial militar levou um tiro na cabeça durante um patrulhamento em uma rua no bairro de Rocha Miranda, na Zona Norte da cidade. Ele e seu colega sinalizaram para o motorista de um carro supostamente roubado para que parasse. Só que os suspeitos começaram a atirar. Uma das balas atingiu a cabeça do policial. Ele foi levado para o Hospital Estadual Carlos Chagas, em Marechal Hermes, e transferido para o Hospital Estadual Getúlio Vargas, na

⁸¹ A redação da TV Globo fica no bairro do Jardim Botânico, bem mais perto do Leblon que as demais redações dos veículos que participaram da cobertura.

Penha. Fomos todos para lá. Globo, SBT, Jornal O Globo, Band, Rádio CBN e a equipe da Record TV. No local estava o policial que dirigia a viatura e que não tinha se ferido. Ele estava muito abalado e, apesar dos meus pedidos, não topou gravar entrevista. Um suboficial do batalhão onde os policiais eram alocados também não quis dar muitas informações. Isso mudou quando a Record chegou. O repórter deles era o Dennis Queiroz. Percebi que, em poucos minutos, o Dennis convenceu o oficial. Falavam de histórias antigas. O oficial dizia que sempre o assistia na TV. De repente, o oficial entra no hospital e sai com a identidade do policial ferido: um documento que toda a imprensa precisava. A identidade era importante para confirmar informações obtidas com as salas de operações e serviços secretos dos batalhões. Naquela situação significava conseguir uma foto de Rodolfo e ainda checar dados como nome completo, idade e tempo de polícia. Dennis ainda insistiu para o oficial dar entrevista. Sem sucesso. Ele, no entanto, deu a dica. Iria com a sua equipe ao Hospital Carlos Chagas, em Marechal Hermes, onde o PM foi levado inicialmente, para buscar o veículo alvejado.

Durante aquele tempo de entrevista com o oficial, percebi também um profissional que se destacava. Era Denilson Milanez, operador do SBT. Como tinha notado anteriormente, o SBT não tinha repórter de madrugada, mas sim o Denilson. Além de dirigir e cuidar do áudio e da iluminação, Denilson também atuava como repórter. Ele abordava os policiais perguntando informações e tinha fontes no WhatsApp que davam dicas de para onde ele deveria correr. Percebi também que o Denilson usava os jargões policiais na abordagem com eles, demonstrando intimidade.

Depois da dica do oficial do Batalhão da área, seguimos todos para o Hospital Carlos Chagas, em Marechal Hermes. Pela primeira vez, presenciei um comboio dos repórteres da madrugada. Como o deslocamento da Penha a Marechal passaria por lugares perigosos às vezes próximos de favelas e já passava das duas horas da manhã, as equipes se deslocavam seguindo uma à outra. O SBT ia na frente, porque Denilson conhecia bem o caminho. O Evandro Cardoso, que estava comigo em mais essa madrugada, me disse que isso era muito comum. Ele explicou que se sentia mais seguro indo com outros colegas juntos pois caso acontecesse alguma eventualidade, como um pneu furado ou uma falha mecânica no carro, ficaríamos vulneráveis em lugares eventualmente perigosos. Ele disse ainda que essa opinião era partilhada pelos outros colegas, especialmente porque nem todos os carros de todas as equipes são blindados.

Chegando ao Hospital Carlos Chagas, não vimos o oficial com quem tínhamos combinado. Foi então que eu, Dennis (repórter da Record) e Denilson (do SBT) fomos à sala de polícia⁸² para pedirmos autorização para fazermos imagens do carro atingido antes mesmo do oficial chegar, o que liberaria logo as equipes. Meu horário era às sete da manhã, mas algumas equipes largavam às quatro e às cinco horas, o que justificava a pressa. O policial da sala de polícia disse que não autorizaria nada. Dennis ainda insistiu, mas não teve sucesso. O jeito foi esperar do lado de fora do hospital. Depois da nossa chegada e incursão à sala de polícia, os seguranças da unidade fecharam as portas para dificultar nosso trabalho. No momento de espera, conversamos. Como depois vim a perceber que era rotina, um dos temas da conversa entre os coleguinhas era a insegurança durante a madrugada. As equipes compartilhavam experiências de medo e de sustos nas ruas do Rio. Um

⁸² Todo hospital do Rio tem uma sala de permanência de um policial militar, conhecida como “sala de polícia”. Ele é o responsável por repassar aos batalhões as informações de pessoas que entram vítima de violência nessas unidades.

técnico chegou a dizer que só trabalhava na madrugada pelo dinheiro. Foi a primeira vez que percebi que o trabalho da madrugada tem outro fator motivacional, que não a busca de ascensão profissional.

Depois da conversa, o oficial finalmente chegou. Disse que ia tirar o carro para mostrar para a gente. Fiquei distante junto com o Evandro Cardoso para fazer uma imagem. Eis que de repente o Dennis, da Record, começa a fazer perguntas e levar o microfone em direção ao oficial que estava dentro do carro. E o oficial começa a responder. Era uma entrevista que todos queriam.

15 de junho de 2016 – Policial baleado no mercado

Mais um policial militar vítima da violência. Dessa vez, um militar reformado, que levou um tiro no rosto. Corremos para o hospital onde a vítima estava internada. Chegando lá encontramos o Rafael, de O Globo, que tinha chegado antes. Segundo ele, a família não queria falar. Eu insisti. Conversei, expliquei. A esposa continuava sem topiar, mas um parente decidiu dar entrevista desde que não o identificássemos. Mas a entrevista não foi feita imediatamente. A equipe do SBT nos ligou avisando que já estava chegando e, por isso, aguardamos eles chegarem para fazermos a entrevista.

02 de julho de 2016 – Chegada Fernando Cavendish

Foi uma madrugada de sexta para sábado. Eu estava de folga porque trabalharia no fim de semana. Fui chamado para trabalhar às seis da tarde do dia anterior. A missão era fazer a chegada do empresário Fernando Cavendish ao Aeroporto Internacional Tom Jobim. A pauta era exclusiva. Os produtores da emissora tinham conseguido informações com fontes da Polícia Federal de que Cavendish chegaria naquela madrugada. Por ser exclusiva, não podíamos dividir com os colegas. Dias antes, a Polícia Federal havia deflagrado uma operação⁸³ com mandados de prisão contra envolvidos em corrupção. Só que o empresário estava viajando no dia da operação. Ele seria preso naquela madrugada, assim que chegasse ao Brasil. Foi o meu primeiro desafio com o “não poder” contar aos colegas.

Nossa primeira parada naquela noite foi o presídio Ary Franco⁸⁴, em Água Santa, Zona Norte do Rio. A orientação era clara: permaneceríamos lá até um determinado horário e depois seguiríamos para o Aeroporto. O motivo de irmos para lá era que o empresário Carlinhos Cachoeira, também preso na operação, tinha tido a prisão convertida para domiciliar e poderia sair a qualquer momento. O Marcos Antônio de Jesus, da CBN, tinha recebido a informação de uma fonte de que ele deixaria o presídio no fim da noite e início da madrugada e havia avisado no grupo do WhatsApp. Toda a imprensa estava lá. Percebi que os cinegrafistas já combinavam como fariam as imagens quando o empresário deixasse o presídio. Isso foi bem interessante, porque reforçava o coleguismo existente na madrugada. Em situações semelhantes de dia, não há nada combinado. Todos brigam por espaço para conseguirem a melhor imagem. Depois de um determinado horário, Cachoeira não saiu e desistimos em conjunto de aguardar na porta do presídio.

Como era madrugada de sexta para sábado, todos decidiram jantar no Cadeg – o Centro de Abastecimento da Guanabara, conhecido também como Mercado Municipal do Rio, em Benfica, na Zona Norte do Rio, aberto 24 horas. Foi a

⁸³ A Operação Saqueador cumpriu mandados de prisão de suspeitos denunciados pelo Ministério Público Federal por desvio de dinheiro público por meio de superfaturamento de obras públicas.

⁸⁴ O Presídio Ary Franco é a porta de entrada para presos federais no sistema penitenciário do Rio.

primeira experiência de interação com todo mundo. Toda a imprensa dividiu pratos de picanha, com arroz e batata frita. Foi um momento de muita descontração, em que uns contavam histórias dos outros. Pude perceber ali uma afinidade maior entre alguns grupos. Em um determinado momento, precisávamos seguir para o aeroporto, mas não podíamos contar para ninguém. A sensação que tive era de que estávamos de alguma forma “traindo” os colegas. Dissemos, então, que tínhamos que voltar à redação quando, na verdade, fomos para o Galeão.

Ao chegarmos lá, observamos no painel do desembarque internacional que não havia nenhum voo vindo da Itália, de onde o empresário estaria voltando. Imaginamos que era provável que ele fizesse alguma conexão no retorno ao Rio. Todos os funcionários do aeroporto davam informações de que era por aquele portão que o empresário sairia. Até que uma equipe da Polícia Federal apareceu na nossa frente. Eles nos indicaram que iriam trazer Fernando Cavendish pelo portão do embarque internacional. Foi quase uma hora de espera. Vimos uma equipe da TV Record – que não era da madrugada – chegando ao aeroporto e seguindo em direção ao desembarque. Pensamos: “será que estamos no lugar certo? Será que o policial nos confundiu?” Finalmente, Fernando Cavendish foi trazido pelos policiais no local combinado. Abordamos o empresário, que não respondeu nenhuma pergunta e depois acompanhamos o comboio da Polícia Federal até o Instituto Médico Legal, onde ele fez exame de corpo de delito. Mais uma tentativa de abordá-lo em vão. Seguimos o comboio, então, até o Presídio Ary Franco, em Água Santa. Aquela madrugada terminaria com a minha primeira entrada no ar como repórter – em uma entrada ao vivo no jornal das sete da manhã da Globo News.

07 de julho de 2016 – Homem morto na saída do shopping

Um homem foi morto na saída de um shopping em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, depois de ir ao cinema com a esposa e o filho. Essa foi a missão da madrugada do dia 02 de julho. Ao chegarmos ao local, toda a imprensa já estava posicionada. Não tínhamos nenhuma informação sobre o caso. A polícia não queria revelar nada. Uma parente da família também não disse muita coisa, apesar da nossa insistência. O horário do crime conseguimos com um vigia de uma empresa próxima ao shopping. Na hora de ir embora, como o local era perigoso, voltamos todos juntos em comboio até a Rodovia Washington Luis.

14 de julho de 2016 – Vigia baleado na saída do shopping

Um vigia de um shopping em Del Castilho, na Zona Norte do Rio, foi baleado depois de abordar um taxista que tentava sair do shopping sem pagar o estacionamento. A vítima foi levada para o Hospital Federal de Bonsucesso. Chegando lá, descobri que o Denilson do SBT tinha uma foto, que ele conseguiu na delegacia, do material apreendido pela polícia. Ele passou por lá antes de seguir para o hospital, e dividiu o que conseguiu com o grupo. A família estava no hospital, mas queria distância das câmeras. O Dennis da Record insistiu. Conversando aos pouquinhos, ele comentou que morava perto da vítima e foi gerando pontos de identificação até convencer um parente do vigia a falar. Gravamos a entrevista e retornamos.

21 de julho de 2016 – Bomba no Meier

As vésperas da Olimpíada do Rio, começaram a surgir pela cidade objetos suspeitos. Um destes foi uma caixa abandonada na Rua Dias da Cruz, uma das

principais do Méier, Zona Norte do Rio. Um eletricitista da Prefeitura que trabalhava no local desconfiou e avisou a Polícia. O esquadrão antibombas foi chamado. Foram horas de espera. Nesse tempo, tiramos fotos, batemos papo. Percebi que as situações de espera maior são aquelas em que as equipes da madrugada conseguem interagir mais. A polícia chegou mais de três horas depois. Era um alarme falso. O objeto foi explodido. E todos voltaram para as redações.

31 de agosto de 2016 – Tiros em uma praia deserta em Guaratiba

Na noite do dia 30 de agosto, nossa equipe foi antecipada para fazer a chegada no aeroporto das primeiras delegações que viriam ao Rio para a Paralimpíada. No entanto, descobrimos que um estrangeiro teria sido baleado em um tiroteio em uma praia em Guaratiba, bairro distante da Zona Oeste do Rio. A história era mais do que isso: um bandido chegou atirando contra pessoas que estavam acampadas na Praia Funda, uma praia deserta da região. Nossa pauta mudou imediatamente. E partimos atrás de algum detalhe sobre essa situação. No caminho, decidimos avisar os colegas de outras emissoras, sugerindo que fôssemos juntos ao local do crime. Milton e Denilson, do SBT, já sabiam e estavam no Hospital Municipal Lourenço Jorge, na Barra, o hospital de referência da região. O Rafael, de O Globo, achou que era muito distante e que não valia correr. Debati no carro com o meu cinegrafista para onde iríamos. E insisti na ideia de ir para a região de Guaratiba, mesmo sozinhos. Minha justificativa era que, por sermos uma equipe de TV, precisávamos de, pelo menos, algumas imagens de apoio do local e de uma passagem próxima ao acidente.

Quase uma hora depois de tomarmos a decisão, finalmente chegamos à Guaratiba. O crime teria acontecido na Praia Funda. Nossa equipe errou o caminho para lá e acabamos parando na Praia de Barra de Guaratiba. Na praia onde paramos havia uma viatura da polícia militar quebrada. Saltamos para pedir informações e descobrimos que aquela viatura era uma das que tinham corrido para o crime. E que os outros carros acionados estavam chegando ali para tentarem ajudar a levar a viatura enguiçada. Em poucos minutos, descobrimos que entre os policiais havia também bombeiros moradores da região que, de folga, se prontificaram para ajudar no socorro às vítimas. Esses bombeiros tinham gravado imagens do resgate. Ninguém tinha essas imagens. E nós éramos a única equipe de reportagem no local. Dentro do carro da polícia havia ainda uma testemunha do crime que, depois de uma conversa com o bombeiro, topou dar entrevista sem se identificar. Preparamos tudo para a entrevista, mas uma policial militar não permitiu dizendo que ele não podia sair da viatura antes de chegar à delegacia. Decidimos, então, seguir os carros da PM até a delegacia do Recreio, onde o caso seria registrado, já com os vídeos exclusivos no meu celular. Chegando na delegacia, ouvimos a testemunha e aguardamos.

Descobrimos que quatro pessoas foram levadas para o hospital: dois baleados – o guia brasileiro e um polonês que estava acampado – e mais duas mulheres. De repente, chegaram à delegacia as duas mulheres. Uma delas era uma documentarista americana que estava acampada na praia quando tudo aconteceu. Ela foi para o hospital porque ficou em estado de choque. Já recuperada, decidi dar uma entrevista para a gente. A outra vítima não quis falar. Nesse momento, avalei com o meu cinegrafista, Evandro, que deveríamos avisar os colegas da imprensa. Mas decidimos também que os vídeos exclusivos que conseguimos no local não dividiríamos, já que, apesar dos nossos avisos, ninguém quis correr conosco para Guaratiba.

A equipe do SBT foi a primeira a chegar à delegacia. Eles quiseram gravar com a documentarista americana, mas ela não falava português. Foi aí que percebi mais um aspecto da solidariedade na madrugada. A pedido do Milton e do Denilson, eu traduzi as perguntas que eles queriam fazer e, no final, fiz um breve resumo do que ela falou. Curioso foi que chegou um policial civil e perguntou: “afinal, você trabalha para a Globo ou para o SBT”? Todos rimos.

Tudo pronto para irmos embora, mas os depoimentos ainda não tinham acabado. Eu comecei a conversar com a outra vítima – a brasileira. Era uma menina jovem de pouco mais de 20 anos. Os policiais militares já tinham me explicado que ela sofria de uma doença grave e que foi ao hospital porque com a confusão entrou em crise. A preocupação dessa menina em aparecer era porque ela não queria que se explorasse a questão da saúde dela. Depois de muita conversa, eu consegui convencê-la de que não abordariamos a saúde dela, apenas o que aconteceu na hora do crime. Feito isso, conseguimos gravar e voltamos para a redação.

01 de setembro de 2016 – Estudante morto na porta da faculdade

Na madrugada do dia 01 de setembro, um estudante de direito morreu na porta da Universidade Estácio de Sá, no Rio Comprido, Zona Norte do Rio, bem perto da subida do Morro do Turano. Em 2003, no mesmo campus universidade, uma universitária⁸⁵ ficou tetraplégica quando levou um tiro no pátio no intervalo das aulas. O fato de um novo crime no mesmo campus da universidade chamou atenção num primeiro momento. Dessa vez, os parentes contaram que o aluno de direito tinha ido comprar um churrasquinho na hora do intervalo quando foi assassinado. No hospital para onde ele foi levado, ninguém da família queria dar entrevista. A Record já estava por lá. Conseguimos convencer um parente a falar conosco sem se identificar. Na entrevista, a pessoa disse que Wanderson já havia sido preso, mas que cumpriu a pena e estava em liberdade. Disse também que o crime aconteceu a poucos metros de uma cabine de polícia. Decidimos, então, em comboio com todos os colegas seguir para o local. No final, fomos todos para a Divisão de Homicídios, na Barra, onde terminamos a apuração.

17 de novembro de 2016 – Ex-governador preso

Na véspera, o ex-governador do Rio, Anthony Garotinho, havia sido preso por suposto uso de um programa social para compra de votos nas eleições municipais de Campos de Goytacazes, município do Norte Fluminense, cerca de um mês antes. Durante o depoimento na Polícia Federal, Anthony Garotinho se sentiu mal e foi levado para o Hospital Municipal Souza Aguiar, no Centro do Rio. O ex-governador apresentou um quadro de problemas cardíacos e passou a madrugada internado na unidade. Toda a imprensa estava por lá. Eu fui render outra repórter da TV, que estava de plantão desde cedo à espera de algo que pudesse acontecer. Foi uma madrugada como poucas. De muito cansaço e pouco trabalho. Em um determinado momento, a esposa do ex-governador deixou o hospital sem falar com a imprensa. Durante a madrugada, um médico chegou para acompanhá-lo. Não sabíamos direito o nome do médico. Depois de uma rápida pesquisa no Google descobri de quem se tratava. Dividi o nome com os colegas e o abordamos para uma entrevista. Ainda durante essa madrugada, um morador de rua achou que estava sendo filmado e agrediu a equipe da Record, chegando a quebrar parte do

⁸⁵ Luciana Novaes ficou internada por 1 ano e 9 meses. Em 2016, foi eleita vereadora pela cidade do Rio. Mais informações em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1845369-vitima-de-bala-perdida-assumira-cadeira-na-camara-do-rio-de-janeiro.shtml>>.

equipamento da emissora. De notícia mesmo, nada aconteceu. Passamos a madrugada jogando conversa fora.

20 de novembro de 2016 – Queda do helicóptero da PM na Cidade de Deus

Noite do dia 19 de dezembro. Eu estava de plantão no dia 20 de manhã, mas recebi uma ligação da redação pedindo que eu viesse na madrugada. Nossa missão era seguir para o Centro Integrado de Comando e Controle, na Cidade Nova, região central do Rio, onde estava reunido o secretário de segurança para tentar avançar em algo. Mais cedo, um helicóptero da Polícia Militar tinha caído durante uma operação que a PM fazia na Cidade de Deus, comunidade com Unidade de Polícia Pacificadora, próxima aos bairros da Barra e de Jacarepaguá, na Zona Oeste. Naquele momento, não se sabia se o helicóptero tinha sido alvejado em alguma troca de tiros ou se havia sofrido algum tipo de pane.

Ao chegar à porta do CICC notei que curiosamente, mesmo sendo fim de semana, a “equipe” da madrugada estava quase completa. Rafael, em O Globo, Dennis, na Record, Milton e Denilson, no SBT. Eu estava com o repórter cinematográfico Luís Junior, que também era do horário. Como se tratava de um acontecimento de grande repercussão, a assessoria de imprensa estava trabalhando mesmo durante a madrugada. Eles passaram para a gente informações dos nomes e fotos dos policiais mortos e nos ajudaram viabilizando uma entrevista com o secretário de segurança. Eles informaram ainda que havia um fuzil apreendido na delegacia do Tanque, próxima à Cidade de Deus, para onde seguimos com o intuito de fazer imagens do material.

24 de novembro de 2016 – Dois mortos em uma pizzaria no Grajaú

Chegando à redação, o informe: dois mortos em um tiroteio em uma pizzaria, que também funciona como sorveteria, no Grajaú, Zona Norte do Rio. Como a nossa equipe é a que entra mais tarde, fomos os últimos a chegar no local. Conversamos com o gerente da loja. Ele nos passou o primeiro nome do segurança morto e disse que o outro baleado era o marido de uma funcionária que foi buscá-la depois do trabalho. Assim como os colegas tinham feito antes de eu chegar, tentei uma entrevista, mas ele não quis gravar de jeito nenhum e apontou o motivo: o dono da loja, que estava bem perto dele. Alguns minutos depois de terminar o bate-papo, a Divisão de Homicídios estava começando a deixar o lugar. Fomos abordar o policial para saber o nome das vítimas e outras informações, como idade. O policial não quis passar. Assim que terminou o trabalho da polícia, seguimos para o Hospital Federal do Andaraí, onde os dois foram levados e acabaram morrendo. Chegando lá, eu, Rafael, de O Globo, e Lúcio, da Band, fomos à sala de polícia. O PM foi muito solícito e nos passou todas as informações. A família de uma das vítimas ainda estava por lá. Ele era o marido da funcionária da loja e acabou morrendo assim que chegou ao hospital. A família estava muito abalada. A esposa estava em estado de choque. Eu estava com o Rafael mais uma vez, tentando de alguma maneira abordar um parente menos próximo que pudesse nos dar um relato. Ao ouvir o primeiro “não”, eu ia insistir. Mas foi aí que meu colega falou: “Pedro, não. Eles estão sem condições. Vamos respeitar”. O Rafael estava certo e eu, pensando na reportagem perdi ali a sensibilidade. Mais um aprendizado da madrugada.

30 de dezembro de 2016 – Morte do Embaixador da Grécia no Brasil

O embaixador da Grécia no Brasil passava o recesso de fim de ano em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, cidade natal da sua esposa. Numa segunda-feira à

noite, ele sumiu, segundo relato da família, saindo em um carro alugado. Dois dias depois, a mulher registrou queixa na Polícia Federal, que repassou o caso à Divisão de Homicídios da Baixada Fluminense, já que ele estava de folga. Isso era tudo que tínhamos de informação na madrugada daquele dia 30 de dezembro. Mais uma vez, toda a imprensa se reuniu para fazer plantão naquela delegacia. Naquela tarde, um carro tinha sido encontrado com corpo carbonizado dentro. Fizemos imagens do carro. Os policiais não nos deram espaço para qualquer tentativa de descobrir novas informações. Do lado de fora, parentes de um policial militar. Ele tinha sido chamado para prestar depoimento como testemunha, mas não tinha sido liberado. Por volta das três horas da manhã, o delegado responsável pelo caso retornou à delegacia. Ele não nos deu nenhuma informação. Ao longo do dia, a história teria seu desfecho. A esposa foi a mandante do crime e o executor era o PM, que tinha ido à delegacia como testemunha.

APÊNDICE 2

Entrevista com Aldir Cony, editor da TV Bandeirantes.

- 1) Quanto tempo você ficou na madrugada, quando saiu e para qual função seguiu? Conta para a gente sua trajetória da madrugada até aqui por favor.**

Aldir: Fiquei seis meses na madrugada mais ou menos. Foi desde o final de 2014 até o meio de 2015. E aí rolou a famosa barca⁸⁶ do jornalismo, demitiram muita gente e acabaram com essa função de editor da madrugada. A madrugada passou a ter só repórter e cinegrafista. Até pensei: ‘acho que já era, vou rodar’. Por sorte, para mim, preferiram cortar o editor da tarde, demitir o editor da tarde e me puxar para a vaga dele. Então acabei continuando na Band na função que estou agora que é a de editor à tarde do Jornal do Rio e Jornal da Band.

- 2) Como é que era a sua rotina? Você chegava aqui e o que que você fazia até ir embora?**

Aldir: A função, na verdade, era quase que de um repórter da redação. Eu digo assim porque é uma equipe só para cobrir teoricamente o estado inteiro e hoje em dia com WhatsApp e a internet como um todo a gente recebe na Band e na Bandnews FM, que é a rádio do grupo, muito material, muita informação, muito vídeo. Então eu tinha uma função de fechar materiais que chegavam por outras formas alternativas. Se por um lado ficava de olho em tudo que estava rolando enquanto o repórter estava na rua com o cinegrafista dele, por outro também tinha a função de ser o editor dele, editor de texto e de imagem. Eu chegava na redação às 23 horas quando o repórter já estava na rua. Ele chegava às 21 horas com o cinegrafista. Então, normalmente, quando eu chegava, não encontrava com ele porque ele já estava em uma pauta produzida ou em um factual. E às vezes ele retornava à redação por volta das três horas da manhã. Eu não ia ficar à toa das 23 horas às três da manhã, Então eu me atribuía essa função, que, na verdade, não foi ninguém que pediu ‘olha, Aldir, você vai ter que fazer isso’. Mas eu via que chegava um material muito grande de madrugada pela Band e pela Bandnews e

⁸⁶ Termo informal para se referir às demissões coletivas nas redações do Rio.

comecei a fazer isso. Às vezes eu pedia para o repórter, que era o Pedro Paulo Spoletto, só narrar aquele material. Hoje em dia lá na Band eu mesmo tenho narrado até, mas na época da madrugada eu não fazia isso. O repórter só narrava o material que eu fechava e eu já deixava pronto e editado, com a lauda feita no espelho para ser exibido no Brasil Urgente. E quando o repórter chegava da rua começava a lidar com a matéria dele, fazer, de fato, o trabalho de editor, como a gente conhece, como eu falei editor de texto e de imagem. Enquanto ele estava na rua, cara, eu ficava conversando com ele, trocando uma ideia, “Fala aí cara, você tá onde, o que que está acontecendo aí?”.

3) Vocês discutiam de alguma maneira tanto como a pauta ia se desenrolar como para qual pauta seguir se surgisse um factual?

Aldir: Rolava muito isso, principalmente por isso que eu acabei de falar do WhatsApp, de muitas fontes que chegavam, muita gente que mandava: “Ó, tá rolando um tiroteio aqui em tal lugar”, “ó, tá pegando fogo num colégio aqui não sei aonde”. E como eu ficava de olho nisso eu passava muito para ele. Primeiro para o Pedro Paulo Spoletto, que era o repórter que estava na minha primeira metade de madrugada, e depois para o Fernando David que foi o que ficou no lugar dele. Era mais ou menos uma curadoria do que estava rolando para ir trocando uma ideia com o repórter, até porque na Band não tinha mais ninguém: não tinha produtor de madrugada. Era a gente e a gente.

4) Como é que funcionava essa colaboração entre os diferentes veículos de madrugada? Como é que você via isso? Você participava também ou era mais o repórter?

Aldir: Eu não lidava muito com a galera de outras emissoras não. Até participava de um grupo de WhatsApp, ficava de olho no que estava rolando, mas quem estava sempre em contato com os repórteres de outras emissoras era o nosso repórter. Eles estavam todos na rua, então eles se falavam mais. Acho que na redação ajudava mais em relação ao que não estava com os outros repórteres, o que não estava ainda no noticiário, o que não estava nas redações. Se eu percebesse algo rolando, passava para ele.

5) Você lembra assim de muita coisa que vocês fizeram a partir de uma dobradinha com o coleguinha?

Aldir: Direto, direto. Alguma coisa que o cara que da Record estava fazendo e a gente estava numa outra história totalmente diferente. Aí eles avisavam e trocávamos.

6) Como que você acha que as práticas jornalísticas e a rotina dos profissionais de madrugada são diferentes daqueles que trabalham durante o dia?

Aldir: Acho que o principal é você estar sozinho ou quase sozinho. Você não tem uma equipe, um *background* na redação. Você não tem produtores que vão poder te passar informação, poder apurar o que rolou. Você não tem um setor de apuração. Enquanto que durante o dia, às vezes, tem alguém na redação que vai poder te dar esse auxílio, na madrugada, é só você e o cinegrafista. Agora, no caso da Band, nem editor tem mais na madrugada. Então acho que essa coisa de ter que se aliar a quem teoricamente seria um adversário. Ou seja, você tem que contar com a colaboração

e colaborar também com as outras emissoras: acho que talvez essa seja uma diferença importante.

7) Sei que você já falou um pouquinho, mas se você pudesse falar mais: como é que funcionava o processo de apuração num horário em que não há assessoria de imprensa?

Aldir: Fazia ronda, até para a gente não deixar de noticiar nada. A madrugada recebe uma cobrança muito grande. Não dava para chegar no dia seguinte e verem que tal emissora fez uma história e a gente não fez. Então rolava muito de a gente ter que fazer ronda na redação. Às vezes já com alguns batalhões, algumas delegacias específicas onde você sabe que rola mais notícia e para os bombeiros que têm de madrugada um telefone de plantão. A gente tinha que fazer muito isso: ir atrás da notícia, não esperar ela chegar. Tinha muita gente que mandava mensagem no aplicativo WhatsApp: eu respondia essas pessoas e apurava se o que elas estavam mandando era verdade, porque chegava muita mentira.

8) Qual você acha que são as principais limitações assim do horário da madrugada? Segurança? Ou alguma limitação de tecnologia, por exemplo?

Aldir: Segurança no meu caso não porque isso era mais para quem ia para a rua, mas tecnologia tinha muito na verdade. De madrugada você não tem ninguém, você não tem um técnico para ajudar. De dia tem um departamento de TI, tem informática que cuida de tudo, tem o Ingest. Na madrugada nem Ingest tem. Eu é que tinha que ir lá, botar o cartão na máquina lá para capturar o material.

9) Você já passou por alguma situação em que você tenha tido que decidir junto com o repórter em qual acontecimento investir? Que critérios vocês usavam para fazer essa escolha?

Aldir: Isso acontecia direto, mais com coisas pequenas até. Teve esse acidente de ônibus aqui, mas teve também um incêndio em tal lugar: para qual que a gente vai? Pensando assim num mundo ideal, acho que o mais importante seria aquilo que afetasse a vida de mais pessoas. Então, assim, a gente tem que pensar qual é a abrangência daquilo. Se um bueiro estourou em uma rua e não feriu ninguém, no máximo o que vai causar é um problema no trânsito. Por outro lado, se você tem um acidente de um ônibus interestadual em que morreu muita gente, obviamente, você vai partir para o que afeta diretamente a vida de mais pessoas em mais lugares. Mas tem também os termos práticos. Na Band, por exemplo, não temos auxiliar. Em quase todos os casos, o cinegrafista é motorista também. Então, tem a questão de ter que parar o carro para fazer uma imagem. Você tem uma coisa que é relevante, mas muito longe. Se a gente for correr lá para o fim do mundo para fazer uma história, a gente vai acabar não chegando a tempo e ainda vamos perder o que aconteceu aqui perto. Então acho que a gente tinha que colocar na balança: de um lado a relevância e do outro a viabilidade de se fazer o que a gente queria fazer.

10) Que tipo de assunto você mais abordou enquanto esteve na madrugada?

Aldir: Policial. Disparado, sei lá, 80% do noticiário deve ter sido polícia.

11) Você lembra de alguma cobertura marcante?

Aldir: Teve um caso específico que nem repercutiu tanto que foi uma morte na Linha Amarela⁸⁷ de um cara chamado Olderige Catelan. Me lembro do nome dele até hoje. Foi a primeira vez que eu chorei de madrugada sozinho na redação. Não me lembro qual foi o detalhe da história, só lembro que ele estava na Linha Amarela, foi assaltado, deram tiro e ele morreu. Aí ligamos para a polícia e conseguimos a identificação dele. Era um nome diferente: Olderige Catelan. Fui procurar no Facebook para ver se tinha uma foto e aí vi um monte de fotos dele com a família.

12) Você gostava de trabalhar na madrugada? Por quê?

Aldir: Gostava. Essa coisa de ser eu e mais duas pessoas ao longo de, sei lá, sete horas, sendo responsáveis por tudo que acontece no estado do Rio de Janeiro para uma das maiores emissoras do Brasil. Se for parar para pensar, isso é muita coisa. Se acontece um grande caso como aconteceram alguns, está nas suas mãos aquela história. Então estar ali com essa responsabilidade ainda bem jovem, eu achava muito interessante e foi um aprendizado muito grande. Eu tinha que escrever e fechar muito texto de redação, então eu comecei a praticar muito mais do que antes quando eu era da tarde. Trabalhando de madrugada eu comecei a colocar mais a mão na massa, então esse aprendizado e essa responsabilidade era o que eu mais gostava de madrugada.

13) O que te motivava a trabalhar na madrugada? Era a possibilidade de aprender, crescer, o que que era?

Aldir: Acho que é meio isso sim. É como eu falei, o que mais me motivava lá, o que eu mais gostava era estar sempre aprendendo, era estar sempre tendo que me virar sozinho. Eu aprendi muito com isso. E até hoje em dia eu percebo que aprendi a fazer tal coisa nos tempos da madrugada. Em relação a texto, como a gente ficava em algumas partes da madrugada um pouco à toa até, quando não estava rolando factual e a matéria produzida já tinha sido feita, ficava às vezes horas ali eu e o repórter a sós na redação. Então era um tempo as vezes de aprender mesmo, de conversar, de até treinar passagem.

14) Que diferenciais você acha que um profissional da madrugada tem que ter?

Aldir: Acho que ele tem que jogar nas onze. Não pode ficar dependendo de produção, não pode ficar dependendo de apuração. Ele tem que se garantir, não pode querer mordomia de ligar para a redação para que alguém apure para ele. Ele vai ter que apurar. Tem muitos repórteres que vão gravar com o especialista e pedem que, enquanto isso, você ligue para a Secretaria de Saúde, por exemplo, e que apure em que situação está a pessoa. Na madrugada, não tem isso. Vai gravar com o especialista, mas também vai ter que ir lá no hospital, ligar para lá para ter a sua informação. Porque é só você e você. Se não pegar a informação, não vai ter matéria.

15) E como você definiria um repórter na madrugada, entendendo o repórter como todo produtor de conteúdo de uma equipe de reportagem?

Aldir: Acho que ele tem que ser um cara de mil e uma utilidades. No meu caso, eu tinha que ser editor de texto e editor de imagem, escrever texto e apurar. Só aí são

⁸⁷ Via expressa na cidade do Rio que liga o bairro da Barra da Tijuca à Ilha do Fundão.

meio que quatro funções talvez numa redação normalmente durante o dia. Na madrugada, às vezes uma pessoa vai ter que concentrar todas essas funções, então acho que esse cara, como eu falei, vai ter que jogar nas onze, ter mil e uma utilidades.

APÊNDICE 3

Entrevista com Bruno Sponchiado, editor da TV Globo

1) Conta um pouco sobre sua trajetória profissional e em que momento passou pela madrugada.

Bruno: Eu me formei pela ECO/UFRJ no final de 2012 e comecei meu primeiro estágio na Reitoria da UFRJ, mas eu fiquei um mês no máximo, porque era fim de ano e pensei que seria o último verão livre da minha vida. Larguei o estágio, fui para a Bahia e, na volta, consegui um estágio na Rádio Tupi, onde fiquei durante um ano, de fevereiro 2011 até fevereiro de 2012. Foi quando eu passei para o programa de estágio da Globo e aqui dentro fiz muitas funções: produtor na apuração, produtor do RJTV1, produtor do RJTV2, Globo Comunidade, coordenação de vivo. Até que surgiu a oportunidade de me tornar editor. Primeiro como editor do Radar⁸⁸ dividindo a edição com a produção de véspera do Bom Dia Rio e depois foi quando eu entrei para a madrugada efetivamente como editor em novembro de 2014. Fiquei quase um ano, até outubro de 2015. E desde então, estou às quatro da manhã, acumulando edição do Bom Dia Rio e do RJTV1.

2) E quando você trabalhava na madrugada qual era estrutura da TV Globo nesse horário? E como essa estrutura aumentou ou diminuiu com o tempo?

Bruno: Comparando com hoje, acho que ela cresceu, na época era realmente só eu, o Matheus (Giffoni – apurador da madrugada na época), um repórter, um cinegrafista e um editor de imagens.

3) Como era a sua rotina?

Bruno: Eu gostava de chegar sempre entre dez e meia e onze da noite para pegar a construção do jornal junto com as editoras de véspera, da noite. Muitas vezes eu já mudava alguma coisa no jornal, já sabendo como o Eduardo (Teixeira – editor-chefe do Bom Dia Rio na época) ia gostar de pegar o jornal quando ele chegasse. E aí até duas da manhã, que era a hora em que chegava o editor de imagens, eu participava de toda essa construção do espelho do jornal, da paginação dos vivos e dos VTs. Ao mesmo tempo, ia vendo com o apurador da madrugada se tinha algum factual ou alguma coisa deixada do dia anterior para a equipe da madrugada fechar. Eu não gostava e até hoje não gosto quando tem alguma coisa que acontece à tarde e deixam para a equipe da madrugada fazer por não ter equipe de noite. Acho que a equipe da madrugada tem que fazer algo que acontece de onze da noite até quatro da manhã. Isso porque ninguém quer ver algo que aconteceu de tarde com uma passagem neutra na porta da delegacia de madrugada. Daí a equipe ia para a rua e quando voltava a gente entrava na ilha de edição até as seis da manhã.

⁸⁸ Quadro de tempo e trânsito do telejornal Bom Dia Rio.

4) Como é que vocês avaliavam o que era ou não notícia de madrugada?

Bruno: Ah, aqueles princípios básicos de noticiabilidade, né? Um assalto, um arrastão em São João de Meriti, se não tem morto não valia a pena deslocar a equipe, ainda mais naquela área que é perigosa. Um assalto com morto em São João do Meriti ou um arrastão no Méier sem morto, a gente ia primeiro no Méier por uma questão de proximidade e até segurança. Mas era sempre decidido em conjunto, com algumas exceções do repórter que às vezes não queria fazer tal coisa e aí a gente mandava o cinegrafista sozinho para não perder a história.

5) Às vezes o repórter não queria ir...?

Bruno: Às vezes o repórter não queria ir e a gente avaliava que realmente não precisava o repórter ir para apurar sendo que era uma situação que o cinegrafista poderia ir. O Matheus fechava muito com o pessoal do Lapa Presente⁸⁹ que estava surgindo naquela época, então a gente tinha muita coisa na Lapa, muita coisa, todo dia tinha coisa na Lapa, prisão de um traficante. A gente sempre mandava uma equipe sozinha lá, fazia umas boas imagens, pedia uma notinha coberta e tal, às vezes até um VT, dependendo do caso. Mas sempre foi feito em conjunto.

6) Como você acha que as práticas e as rotinas de profissionais da madrugada são e eram diferentes daqueles profissionais que trabalhavam de dia?

Bruno: A gente não tinha chefia, a orientação era sempre nossa. A gente voava sozinho, se guiava pelos princípios do jornalismo, pelo bom senso e pela ética, já que a gente não tinha um chefe para fazer uma consulta. Então essa independência / liberdade era o que basicamente guiava a gente nas decisões, na maneira como a gente fazia tal cobertura. Dependendo se tinha alguma dúvida muito bizarra, a gente ligava para o editor-chefe para tomarmos algum tipo de decisão, mas isso era raro.

7) Além da ausência de chefia, você via alguma limitação em relação ao horário? Segurança? Tecnologia? Edição?

Bruno: Se a ilha de edição travasse de madrugada, tinha que esperar o pessoal da técnica chegar às cinco da manhã para resolver. E não só: pedidos de arte, arquivo, só às cinco da manhã. Isso deu uma melhorada ultimamente porque eles aumentaram em meia hora a equipe da madrugada e meia hora a equipe da manhã, mas ainda tem um buraco de duas horas ali que você fica à mercê das imagens que foram feitas na rua para cobrir uma reportagem. Até por ser uma equipe só, com a limitação da segurança em alguns aspectos, fica muito complicado.

8) O que você vê de limitação de segurança?

Bruno: A gente tenta evitar a saída do ciclo Zona Sul e Centro até o Méier. Depois do Méier já fica um pouco mais perigoso a gente evita de ir, por mais que a gente tenha carro blindado, a gente não tem escolta. É uma grande limitação você sair por aí exposto com carro logotipado, que às vezes não sei se facilita ou piora a circulação da equipe de reportagem. Essas limitações acontecem principalmente na Baixada (Fluminense). O ponto que a gente tinha na Baixada era a Divisão de Homicídios, em Belford Roxo. Então, para resolver essa falta de imagens, eu pedia

⁸⁹ A Operação Segurança Presente é uma parceria da iniciativa privada com o Governo do Estado do Rio. Em algumas regiões da cidade, o patrulhamento se tornou de responsabilidade dessa operação.

muito para o cinegrafista gravar dentro do carro. Liga a câmera dentro do carro, fica dando uma volta por vias expressas ou rodovias para cobrir com isso. Então a limitação de segurança era essa, de lugares que a gente não podia ir para não expor a equipe.

**9) Você acha que acontece uma colaboração entre diferentes veículos?
Como isso funciona e como se diferencia do que acontece de dia?**

Bruno: Acho que as equipes da madrugada de todos os veículos são muito mais parceiras. Eu acho que eles se sensibilizam pelo horário, horário ruim de trabalhar, horário ruim de cobrir as coisas, porque batalhão não é sempre que atende, bombeiros não é sempre que eles atendem. Então exceto em casos de grandes furos de reportagem do tipo não factual ou um factual assim mais “produzidinho” com uma mega fonte, todo mundo compartilha as informações. Claro que tem maneira de garantir a melhor imagem, garantir a melhor sonora. Por exemplo, a gente descobriu um negócio. Ao invés de avisar antes de sair, avisa no caminho. Mas isso vai muito da percepção do apurador que está ali. Acho que durante o dia não tem isso. Eu acho que durante o dia exceto uma grande confusão no trânsito, um acidente para você dividir no *mailing*. Eu quando trabalhava na apuração não usava *mailing*, só final de semana. Final de semana cada um ajuda o outro

10) Como é que você via o processo de apuração num horário que não tem assessorias de imprensa? Você achava que era importante ter uma relação melhor com fontes, mais à moda antiga?

Bruno: Acho que era uma relação que era construída ao longo do tempo. O Matheus, no final, já conhecia os policiais que ficavam na sala de escuta e na P2 de cada batalhão, já sabia os números de cor. Ele tinha boas fontes, com delegado, com inspetor, gente dentro das UPPs. E eu acho que sem assessoria de imprensa volta um jornalismo antigo que era feito realmente. Não era “control C, control V”⁹⁰. Tem que fazer ronda, botar a mão na massa, queimar o ouvidinho ligando para as pessoas. Quando eu estava na madrugada, a gente não tinha ainda o WhatsApp da Globo, que eu acho que mudou bastante a forma como a gente faz e produz o jornalismo. Muita coisa chega pelo WhatsApp da Globo e muda um pouco a dinâmica de como se apurar aquela notícia.

11) Você acha que na madrugada tem alguma diferença nos critérios de noticiabilidade em relação aos praticados durante o dia?

Bruno: Não sei, porque de madrugada não acontece muita coisa em termos de quantidade. Durante o dia como tem mais gente na rua a circulação de pessoas é muito grande as coisas acabam acontecendo mais em termos de violência, acidente de trânsito, e de madrugada não. São menos coisas porque são menos pessoas trafegando. Só que aquilo como eu expliquei da segurança é um fator principal: a gente não vai botar a equipe em qualquer lugar. Eu acho que, sei lá, é muito difícil explicar assim. Mas é difícil, acho que vai muito do senso, na cabeça, na hora de entender se é notícia ou se não é notícia. Intuitivo. Acho que é pura intuição. Isso aqui não vai afetar a vida de ninguém. É aquela velha história: cachorro que morde o homem ou o homem que morde o cachorro, uma coisa é ou uma coisa não é notícia.

⁹⁰ Expressão informal de um comando no computador que significa “copiar e colar”.

12) Que tipo de assunto você acha que mais se aborda na madrugada?

Bruno: Violência. Totalmente polícia. Foram exibidos pelo menos 20 VTs que eu fechei com o Guilherme (Peixoto – repórter), com o Danilo (Vieira – repórter) e com a Raquel (Honorato – repórter) sobre tiroteio no Alemão. Nossa! Foi o tempo todo, tempo todo. Acho que a violência deu uma escalada legal nos últimos meses, mas é o que acontece de madrugada infelizmente né? Coisa ruim, coisa ruim que acontece de madrugada, mas a gente já fez bastante coisa sobre tempo, tipo chuva, frio, morador de rua e algumas coisas que deixaram da noite para a gente terminar, desenvolver a história. Mas o principal mesmo é polícia.

13) Conta uma cobertura marcante

Bruno: Marcante? O problema é que, para mim, a partir do meio da madrugada eu saí e fui para o Radar, né? Então as coberturas que eu mais me lembro dessa época de madrugada foram dentro do Radar já ao vivo. Foi cobertura de chuva, protesto dos taxistas, uma tentativa de assalto a um posto de gasolina que a gente pegou às 6h20 e ficou ao vivo no ar até 7h30, com o Guilherme (Peixoto) improvisando no Globocop⁹¹ e a gente correndo para todo lado. Uma troca de tiro no BRT. Mas eu me lembro de uma das primeiras matérias que eu assinei na madrugada que foi a prisão de um maníaco, o *serial killer* da Baixada. O Junior Alves (repórter cinematográfico) fez toda a matéria, gravou com o cara, fez as perguntas sensacionais. Eu e o Guilherme (Peixoto) pegamos aqui cada disco, fomos ouvindo e montamos a quatro mãos o texto, e deu entre sete e oito minutos de VT no Bom Dia Rio. E foi bem legal porque deu uma repercussão. Muita gente viu meu nome, e veio falar comigo, poxa que legal.

14) Você gostava de trabalhar na madrugada?

Bruno: Gostava. Gostava bastante. Porque você não pega trânsito para ir, para voltar é raríssimo pegar trânsito porque é contra fluxo. O salário, não vou negar. O adicional noturno e as horas extras que eu fazia faziam toda a diferença no final do mês. Além disso, eu gosto muito de trabalhar sozinho, de meter a mão na massa em muitas coisas. Infelizmente, acho até que é um defeito meu, eu não gosto muito de delegar muito função, eu gosto de eu mesmo pegar e fazer. E na madrugada é isso: é você muito sozinho. Como editor você sofre, toma decisões, edita, ajuda até na produção de algumas coisas. Às vezes, o Matheus estava atolado e pedia para eu ligar para alguma pessoa eu ligava. É muito tranquila a redação de madrugada. Às vezes eu botava uma musiquinha ali, uma rádio, o trabalho fluía bem, entendeu? Só que o corpo depois pede a conta, né?

15) O que te motivava a trabalhar na madrugada?

Bruno: Foi o primeiro degrau como editor. Apesar do horário, foi a primeira promoção que eu tive. Por mais que aqui dentro se diga que não há diferença entre produção e edição todo mundo diz que foi promovido quando você vira editor. Então, eu estava começando uma nova etapa da minha carreira e tal e a sensação também de construir um jornal. Porque eu ajeitava todo o espelho do jornal, mudava a ordem das coisas, porque eu conversava com o editor-chefe e ele me explicava como ele gostava das coisas e deixava praticamente pronto. Raríssimas vezes que ele mudou alguma ordem crucial a não ser que acontecesse algum problema técnico. Geralmente era aquilo que eu deixava e, muitas vezes, eu pedia para ele para

⁹¹ Nome dado ao helicóptero da TV Globo.

escrever a escalada. E ele deixava como forma de treinamento. Então eu me sentia muito responsável pelo conteúdo que estava ali dentro entendeu?

16) Quais os diferenciais um profissional da madrugada tem que ter?

Bruno: Agilidade. Tem que ser ágil, tem que fazer várias coisas ao mesmo tempo. O tempo voa na madrugada. Quando você já viu, já são três horas da manhã e você tem que tomar decisões rápidas. Apesar de não ter trânsito, pode acontecer alguma coisa enquanto a equipe já estava no caminho de uma pauta. E aí você descobre que os coleguinhas já estão nesse novo factual e você tem que tomar decisões rápidas. Como você é muito sozinho, a responsabilidade fica muito em cima de você. Então quanto mais rápido e ágil você for na tomada de decisão, na hora de meter a mão na massa, melhor até pela quantidade de coisa que aparece para fazer.

17) Uma última pergunta... como é que você definiria um repórter da madrugada?

Bruno: Acho que ele tem que ter a ideia do que uma pessoa que está acordando cedo quer saber quando ligar a televisão. Acho que não é para qualquer um. Por mais que seja um lugar que geralmente coloquem pessoas que está começando a carreira ou terminado a carreira, eu acho que para você fazer um bom trabalho tem que ser um profissional bastante completo, mesmo que seja inexperiente de idade ou de tempo de carreira. Como você está muito sozinho, você acaba fazendo muita coisa e sendo responsável por muita coisa, já que não tem outras pessoas para te ajudar a tomar decisão ou realmente a fazer o trabalho.

APÊNDICE 4

Entrevista com Dayana Resende, repórter do Jornal O Globo

1) Conta um pouco sobre sua trajetória profissional e em que momento passou pela madrugada.

Dayana: Eu comecei na Band. Aí fui para o Jornal O Fluminense, onde fiquei mais tempo. Eu era contratada, saí de lá para fazer um *freela*⁹² de três meses aqui sem compromisso de ficar e tal. Aí acabou o contrato, saí um mês por questões burocráticas e voltei contratada. Isso já vai fazer dois anos. Eu estudo à noite, faço letras. E quando surgiu uma vaga, surgiu para o horário da faculdade. Aí eu perguntei: “ah, não tem outro horário”? Eu nem sabia que existia esse horário da madrugada. Mas quando soube, topei. Pensei assim: “Ah cara, que loucura, né”? E acabei ficando quase um ano na madrugada.

2) Como você acha que as práticas e rotinas jornalísticas da madrugada são diferentes das praticadas durante o dia?

Dayana: Quando entrei na madrugada, confesso que eu entrei com muito medo, porque não tem chefe de reportagem. Eu entrei logo num jornal grande, de madrugada, e não seria orientada por ninguém. Então, assim, a maior diferença e dificuldade é você não ter orientação. É você estar na rua, nesse meio tempo pode estar acontecendo um monte de coisa do outro lado da cidade e você não fica

⁹² Termo informal para se referir a trabalho *freelancer*, temporário.

sabendo, sabe? Você fica um pouco desorientado. O primeiro mês foi complicado por isso. Porque não é como quando você tem um chefe de reportagem te ligando: “Oh corre não sei para onde”. É você e você. A diferença é essa, né: para o trânsito, nem se fala, né? Você chega em Bangu em 20 minutos. Você corre para pauta que você não correria de dia. E as pautas da madrugada ganham um destaque muito maior que durante o dia. Um assassinato em Duque de Caxias que eu já fui fazer ganhou destaque na Globo.com⁹³ e ficou como uma das mais lidas do dia. Já de dia se a gente faz uma matéria sobre isso, de repente entra assim como uma notinha, tal. Está longe de ser mais lida, sabe? Você deve saber que O Globo não dá tanta importância para isso. Isso a gente acaba deixando mais para o Extra. Então, assim tem essa diferença. A madrugada também é assim: 99,9% é violência. Eu vivia mais preocupada. De dia não a gente vai tanto para polícia.

3) E você sabe dizer por que essas matérias da madrugada davam tanto retorno?

Dayana: O dia começa ali na madrugada e a gente consegue emplacar uma matéria da madrugada facilmente na Globo.com. A gente consegue facilmente emplacar ali e isso acaba gerando muito acesso no O Globo. Qualquer coisa que a gente publique na madrugada tem um grande retorno por causa disso, porque a Globo.com por não ter tanta matéria, tanta equipe na rua, acaba pegando tudo que a gente faz, mas isso é uma coisa mais específica do Globo assim.

4) E quando você tinha duas pautas, duas coisas importantes na madrugada, o que fazia você correr para uma e não correr para outra?

Dayana: Aí a gente vai de acordo com o público do jornal. A gente tem a regrinha internamente, nada por escrito, que se aconteceu na Zona Sul é pauta. Qualquer coisa que aconteça em Copacabana, Ipanema, na Zona Sul é pauta. Então assim, o mundo pode estar caindo em Duque de Caxias, mas se uma senhora perdeu um cachorro em Copacabana a gente vai para essa história porque o público do Globo é um público mais da classe média alta.

5) Então você vai mais pelo suposto público, como você imagina o público do jornal...

Dayana: É como a gente imagina o público do jornal, que é realmente o público que lê. Assim, o pessoal da Baixada, o pessoal da Zona Norte lê mais o Extra assim, e do Globo é mais Zona Sul. E isso não é nem o que eu acho, é de fato. E aí eu vou por aí.

6) E como a notícia chegava para você? Era a partir de fontes? Coleguinhas? Como era?

Dayana: Na madrugada a gente não tem muita fonte. Quem é sua fonte na madrugada está dormindo. Na madrugada está todo mundo dormindo. E, assim, como a escala é de plantão⁹⁴, a sua fonte pode estar ali como pode não estar. Então a primeira forma como a gente chega até a situação é o Twitter. A gente recebe 90% das informações assim. A partir do Twitter da Lei Seca, do Centro de Operações,

⁹³ Portal que reúne os sites de todos os produtos do Grupo Globo. A *home* da Globo.com é o espaço de maior audiência do grupo na internet e, por isso, uma chamada na capa é disputada pelos diferentes veículos, como forma de alavancar a audiência de seus portais.

⁹⁴ Os policiais civis e militares do Rio trabalham em jornadas de plantão.

que são páginas que funcionam o dia inteiro, a gente chega até a notícia e vai apurando a partir dali, ligando para o batalhão, para a Polícia Civil, para os bombeiros.

7) Você fazia ronda?

Dayana: Eu não. Mas, assim, a ronda é quando chego e a cidade está super tranquila, não tem nada. Aí por desencargo de consciência a gente vai lá e faz a ronda. Mas o Twitter te fornece muita coisa ali. A gente chega e já tem uma carga de coisa ali para a gente apurar, sabe? Então uma ronda nem se fazia necessária.

8) E como é que surgiu a ideia de criar o grupo?

Dayana: A gente era um grupo pequeno. Coloca aí uns cinco veículos na madrugada: Globo, Record, O Dia – que nem tem mais – e Band. Éramos um grupo pequeno, e a partir disso a gente estava na rua e, de repente, por exemplo, perdia o contato com eles. Quando estava na redação tinha o *mailing*, mas na rua não tinha essa opção. Então comecei a ficar perdida com isso. Às vezes eles estavam correndo para um lugar e eu não estava e quando eu chegava numa pauta e não tinha nenhum colega, isso me assustava. Eles estão em algum lugar que eu não estou, a cidade está bombando em algum outro ponto que eu não sei, como já ocorreu. Então, eu falei assim, numa pauta. Foi o que mesmo? Ah, foi um acidente com uma mulher, lá na Baixada, longe à beça – tipo de coisa que a gente não correria de dia. Foi um acidente, um atropelamento em que a mulher morreu. Como a gente se via todos os dias, eram as mesmas pessoas todos os dias, a gente vai criando uma certa amizade. Claro que existe a concorrência entre um veículo e outro, mas a amizade acabou falando mais alto. Para não correr o risco de um estar e outro não estar, falei que ia fazer o grupo. Inicialmente eramos, sei lá, cinco ou seis pessoas. Agora são 20, não sei, tem que contar, tem gente à beça. Porque como existe escala de plantão, como tem gente que sai, volta, aí foi aumentando e ficou um negócio gigantesco, e eu acho que ajuda muito assim.

9) O que que você acha diferente da relação dos colegas na madrugada em relação ao dia?

Dayana: Eu acho que é isso dessa colaboração, assim. Que de dia não acontece, acho que não é nem por má vontade, mas por falta de tempo. Porque na madrugada você tem muito mais tempo para apurar uma coisa, para fazer, para dar atenção ao colega. Então às vezes o colega pede uma informação que ele não tem e você tem tempo de passar para ele enquanto continua apurando o seu. A galera da madrugada é mais fiel um com o outro. Existe a concorrência entre alguns veículos, mas é mais pessoal do que entre empresas. Por exemplo, Record e SBT tem essa rixa eterna em pauta de polícia. CBN, O Globo, a TV Globo, até por ser mais um grupo, também se unem e passam informação, a não ser quando é uma exclusiva. Aí a gente respeita também, que também é raro ter uma exclusiva na madrugada, mas acontece. Hoje em dia também todos os veículos têm WhatsApp. O Globo tem WhatsApp, O Dia tem WhatsApp, enfim, todo mundo tem, então as informações chegam muito rápido até você. Se você estiver escondendo, você vai para a rua, vai encontrar com todos os colegas, e se você não avisar que está indo, vai ficar feio para você. Então, é quase que unânime todo mundo avisar. Quando, de repente, é área de risco, se discute “o que que vocês acham de ir ou não?”

10) O título do grupo “Família da madrugada” foi ideia sua?

Dayana: É, exatamente por isso, por ser essa união assim, é família da madrugada, né? Por ser todo mundo muito fiel um ao outro, por essa amizade, tal, aí eu coloquei “família da madrugada”. Até para o próprio título tocar a pessoa. Para que todos lembrem, aqui é grupo de trocar informações, vamos se manter fiel um ao outro.

11) E o pessoal foi receptivo à ideia?

Dayana: Ah sim, porque a gente já era amigo dentro do trabalho. A gente já tinha essa amizade. Todo mundo super adotou, todo mundo gostou, e eu acho que, por mais que, por exemplo, eu não esteja mais na madrugada o grupo está funcionando. Eu não me excluo porque ele pode me ser útil de alguma forma. E eu acho que todo mundo aprovou assim, porque adiantou a vida de todo mundo de certa forma.

12) Você gostou de trabalhar de madrugada?

Dayana: No início, no primeiro mês, eu chorei muito, porque eu não conseguia dormir mais de três horas. Eu tinha outras coisas para fazer, tinha que estudar e eu não conseguia dormir. Aí eu fui lá e comprei um blecaute, coloquei no quarto e a partir do segundo mês já foi melhorando e eu fiquei apaixonada pela madrugada. Meu dia rendia muito, eu chegava em casa dormia seis, sete horas direto e eu ainda tinha o dia inteiro. Eu não pegava trânsito para voltar para casa, o carro me pegava em casa. Tem os prós e os contras, mas de certa forma acho que os prós pesavam mais.

13) Quais diferenciais você acha que o profissional da madrugada tem que ter?

Dayana: Ele tem que ter um *feeling* para notícia muito mais aguçado do que de dia, porque de dia você é só repórter. Na madrugada, você é repórter, você é editor, você é chefe de reportagem, é você quem vai decidir o que vale ou não. Você é que vai bater seu texto e colocar no site, e enxugar os erros. Então você é um pouco de tudo. Eu acho que o diferencial é esse, você tem que ter um feeling muito maior do que o pessoal de dia. Em compensação quem é da madrugada pode bater um texto em quatro horas. De dia você tem que bater um texto em 20 minutos para jogar no site e tem aquela concorrência toda de emplacar primeiro que qualquer outro jornal. Na madrugada, você pode chegar, pode tomar seu café, pode conversar e depois sentar e bater a pauta, bater a matéria.

14) E como é que você definiria o repórter da madrugada?

Dayana: Olha, tem todos as tribos, sabe? Eu sou muito diferente do repórter da TV Globo que é muito diferente do repórter da Record, cada um é muito diferente, mas eu acho que o repórter da madrugada se torna um repórter mais leve, mais tranquilo para trabalhar, menos estressado, menos tenso, menos preocupado. A nossa preocupação é deixar correr solto demais e perder alguma coisa.

APÊNDICE 5

Entrevista com Dennis Queiroz, repórter da Record TV

1) Conta um pouco para a gente da sua trajetória

Dennis: Eu tenho 41 anos, me formei na Universidade Federal de Alagoas, sou lá de Maceió. Aí estagiei na TV Gazeta, que é a Globo local, não tinha vaga no momento, me falaram que tinha vaga no Tocantins, na TV Anhanguera, que é a Globo no Tocantins. Peguei minha mochila e meti o pé. Trabalhei um ano e meio na TV Anhanguera. Mas eu queria voltar para a minha cidade, para a TV Gazeta. Só que as pessoas diziam assim. Eu sou de uma cidade pequena, a 320 quilômetros de Maceió, no sertão alagoano. Não chove, a pobreza é grande, e as pessoas diziam que era impossível eu trabalhar na TV Gazeta, porque tinha aqueles repórteres que estavam há 700 anos lá. Todo mundo foi contra eu fazer jornalismo na minha cidade, na minha casa, porque diziam que era um curso que não dava dinheiro, tal e tal. E geralmente lá, para você se dar bem, tem que fazer medicina ou direito. E eu sempre quis jornalismo. Eu falava para minha mãe quando eu era criança que eu queria ser jornalista, trabalhar em televisão, eu falava isso fazer jornal de televisão, quero aparecer na televisão. E eu mandei uma mídia, na época era uma fita mesmo, para o Clécio Vargas que foi como um interventor da Globo lá em Alagoas. Ele foi como uma pessoa da Globo para dirigir o jornalismo lá. E aí o Clécio viu meu material e falou “Quero você aqui”. Aí eu fiz mais uma loucura assim, eu tinha comprado móveis, vendi tudo que eu tinha e voltei para minha cidade. E lá trabalhei quatro anos na Gazeta. Durante esse período, tive a oportunidade de fazer matéria para a rede, Jornal Hoje, Jornal da Globo, Bom Dia Brasil. Jornal Nacional fiz umas duas vezes. Fazia intercâmbio, eles chamam de intercâmbio, eu saía da Globo de Maceió e ia para a Globo de São Paulo, porque o meu sonho era trabalhar na Globo de São Paulo. Eu tinha São Paulo como o lugar que eu ia conseguir alguma coisa. E aí eu fui umas três vezes fazer o intercâmbio, gastava a passagem, a Globo me dava a hospedagem, transporte, algumas coisas assim. E aí fiquei cobrindo folga de repórter, e tal. E o pessoal falava “Oh Dennis, para você vir para cá, você tinha que vir morar aqui”. Aí eu peguei, estava muito chateado já com a emissora que eu estava trabalhando, a afiliada da Globo. Pedi demissão e eu comecei a entregar mídias. E aí eu consegui uma vaga na RedeTV! de São Paulo. E aí eu fui, não imaginava que a RedeTV! fosse tão ruim como era. A matriz de São Paulo era muito ruim, as dificuldades eram imensas, as pautas eram terríveis, os carros eram sucateados, os equipamentos não prestavam. Aí eu falei: “e agora”? Como eu já conhecia um pessoal da Globo, liguei para alguns contatos e aí tinha uma gerente lá de jornalismo que me disse: “Olha Dennis, eu tenho uma vaga aqui pra você cobrir férias”. Eu fui. Era para ficar um mês, acabei ficando três, quatro meses. Sempre fui um cara muito aguerrido, mas também sempre tive um temperamento um pouco forte. Acabou que, enfim, não tive humildade de reconhecer algumas coisas, acabei não ficando lá, e aí me ofereceram uma vaga na Globo de Belo Horizonte, para cobrir férias também. O chefe lá era o Clécio Vargas, que era meu antigo diretor que foi de Maceió para lá. Aí o Clécio me chamou, fui, passei três meses na Globo de Belo Horizonte. Aí o Clécio falou: “Oh, Dennis, tem uma vaga para apresentar o MG InterTV, em Montes Claros, divisa de Minas com Bahia já. Eu fui, apresentei o MGTV, fazia reportagens também. Foi quando surgiu uma oportunidade de ir para a InterTV de Friburgo, que é a mesma rede. Eu vim para cá, adorei Friburgo, legal a cidade, mas pagava muito mal, o salário era muito ruim, tudo uma dificuldade. Aí foi quando eu acabei saindo de lá e entreguei uma mídia aqui para o Thiago Contreira, que era o diretor do Jornalismo. O Thiago gostou do meu trabalho, me chamou e já vai fazer dez anos que eu estou aqui na Record.

2) E quando você foi para a madrugada?

Dennis: Eu brinco e falo que eu fui enganado, porque o meu contrato era para trabalhar de duas da tarde às nove da noite. Só que o Thiago falou que estava precisando de alguém para madrugada e que achava que eu tinha o perfil e perguntou se eu podia ficar um período. Na época as condições eram muito boas. Eu ia ganhar três ou quatro vezes mais do que eu ganhava na InterTV. Eu fazia hora extra quase todos os dias e eles pagavam. A única coisa que ele me pediu foi assim: “Só quero uma coisa, eu preciso que você faça três ou quatro VTs por madrugada, porque nossos jornais são muito grandes”. Na época, a gente não tinha a estrutura que a gente tem hoje de helicóptero, de motolink⁹⁵, de mochilink⁹⁶ e tal. E o repórter da madrugada tinha a missão de abastecer os jornais da manhã com informação, porque a maioria das matérias eram repetidas por nossos jornais serem muito grandes. Isso era totalmente diferente do que eu fazia na madrugada da Globo de São Paulo. Na Globo eu fazia às vezes um VT, às vezes não fazia nenhum. Aqui tinha que ser quatro matérias por madrugada. E aí eu levei isso muito a sério porque eu era de outro estado, não conhecia ninguém aqui, e eu precisava sobreviver. Eu tinha que ajudar minha mãe que morava longe, então eu tinha toda uma necessidade de dar certo aqui. E o Thiago me dava toda a retaguarda. Ele dizia: “fica tranquilo, o carioca tem uma maneira diferente de trabalhar”. Tem gente que só queria dormir de madrugada, vinha para cá dormir. E eu nunca, pelo contrário. Eu achava que eu recebia para trabalhar de madrugada, se eu não quisesse trabalhar eu ia para casa descansar. Nisso eu fiquei quase dez anos. Até que eu pedi para sair e a resposta era: “Calma Dennis, o Fala Brasil gosta muito de você, porque você é o cara da rede, espera mais um pouco”. Eu até saí um período, mas logo depois voltei. Eu achei que era um castigo, mas, na verdade, eu funcionava muito bem na madrugada. Ninguém conseguia fazer três, quatro VTs na madrugada. Isso é uma máquina, uma engrenagem. Então você é uma peça ali, que precisa fazer a máquina funcionar, e eu acho que fazia isso bem.

3) E como você acha que as práticas jornalísticas e a rotina dos profissionais da madrugada são diferentes daqueles que trabalham de dia? O que você acha diferente?

Dennis: Eu acho que tudo é diferente, a gente tem que aprender a se virar mais. Lembro que uma vez, uma diretora lá da Globo de São Paulo falou: “um repórter é um bom apurador”. Tem frases que ficam ecoando na tua cabeça assim. Então essa foi uma frase que pegou. Eu não conseguia sair de uma reportagem enquanto eu não tivesse com todas as informações confrontadas com a Polícia Civil, a Polícia Militar e com as testemunhas, eu ouvia todo mundo. Eu sempre gostei de contar as histórias com fundamento. Só que a gente na madrugada não tem muitas vezes para quem ligar, não tem quem te socorra. Então é você e você mesmo. Você tem que correr atrás e isso te dá um lance de sobrevivência, que é muito forte. Não é que você seja melhor do que ninguém, mas você tem que ser dotado de mais capacidade que os repórteres da manhã e tarde, porque você aprendeu a se virar sem recurso e sem direito a reclamar também. É isso que você tem, vai lá e faz.

4) E como era o seu processo de apuração sem assessorias de imprensa, por exemplo? Você tinha fontes? Criou fontes?

Dennis: Eu criei fontes, porque eu estava chegando aqui ao Rio. Eu não conhecia ninguém. A Record tinha um jornalismo bem voltado para a área policial, que

⁹⁵ Equipamento de geração acoplado a uma moto. Traz mobilidade para entradas ao vivo.

⁹⁶ Equipamento de geração acoplado a uma mochila. Traz mobilidade para entradas ao vivo.

mudou um pouco de alguns anos para cá. Então o que eu fiz na época foi comprar um rádio Nextel, que todo mundo tinha, que era uma febre. Todo policial, todo mudo tinha. Como a gente era uma emissora policial, eu falei: “vou passar os meus contatos para todo mundo”. Porque era a única forma de eu chegar primeiro nos lugares. E quando ninguém for, eu vou lá e faço alguma coisa. Eu não vou deixar de fazer. Então eu passava o meu rádio para todo policial que eu conhecia. Assim que eu conhecia a pessoa, a primeira coisa que eu fazia era: “pega meu rádio, pega meu rádio”. Isso me fez muitas vezes chegar na frente. Muitas vezes, fazia amizade com os policiais. E também me rendeu alguns aborrecimentos, porque você não consegue dormir. E tem aquelas coisas, né? Às vezes você acha que aquela matéria não rende, mas que se você não for o policial vai ficar chateado. Tem aquela cobrança também e acaba que você tinha que ter uma postura mais séria, mais digamos assim, formal. E aí quando você quer criar uma intimidade, você tem que falar um pouco a língua do policial. Você acaba falando igual a ele para criar uma intimidade, para conseguir mais informação. Não nas minhas reportagens, mas na apuração do dia a dia. Isso te faz criar um vínculo com o policial. É uma troca, né, porque eles precisam de você para divulgar o que eles têm interesse. E você precisa deles para dar a informação. Nesse sentido, e contei muito com essas fontes durante o tempo que passei na madrugada, os policiais foram meus grandes aliados. Porque às vezes eles têm um jeito meio marrento de ser, mas quando você consegue ultrapassar essa barreira, consegue puxar ele para o teu lado, você só tem a ganhar. Muitas vezes não concordando com algumas coisas, concordando com outras, eu só tinha a ganhar. Essa coisa de criar intimidade com o policial não é uma coisa forçada, não é mentira. Eu tratava eles realmente como se fossem amigos, porque também naquele momento era a amizade que eu tinha, que eu precisava, então eu estava tratando eles de igual para igual. Eu puxava um assunto que às vezes falava um pouco da família, do filho. Então você meio que sai um pouco daquela rotina de trabalho, você deixa a pessoa ver que você também é um cara legal, que tem família... Muitas vezes eu ouvi isso, o delegado falar assim: “ah poxa, você é um cara legal, não fala só da entrevista, você fala de outras coisas também”. Sinceramente, não era uma coisa que eu forçava para fazer um estilo. Quando você é um cara autêntico, que faz aquilo ali com verdade, as pessoas conseguem perceber isso. Então eu vou na matéria ali, a ideia é nunca forçar a barra, mas fazer com que a pessoa entenda que seria interessante ela falar naquele momento.

5) Além das fontes, como era que as histórias chegavam até você?

Dennis: Algumas histórias chegam através de apurador, que fica na redação, que esse apurador geralmente troca informação com todos os outros apuradores dos outros veículos de comunicação e através das suas fontes, que, no meu caso, durante o período que passei na madrugada, digamos que 70% das matérias chegam através das minhas fontes.

6) Se você tivesse duas histórias na madrugada, o que te levava a decidir correr para uma e não correr para outra?

Dennis: Durante muito tempo o nosso diretor falava, “passa um rádio para mim”, mesmo durante a madrugada. Só que chegou um período que eu já tinha conseguido a confiança dele, e eu lembro bem quando ele falou para mim: “Dennis, eu confio em você, escolhe o que você acha que é o melhor”. É uma decisão difícil. Tem duas, às vezes, três histórias, o que me levava a ver primeiro digamos assim, quais eram os pontos positivos e negativos de cada história: quantidade de imagem, horário que

aconteceu. Por exemplo, não adianta ter uma história fantástica, mas quando chegar lá não ter mais nada para contar, não ter imagem. Então é assim, tem sonora com o delegado? Tem. Um ponto. O policial militar vai falar? Dois pontos. Tem um carro? Tem marca de tiro na parede? Tem. Então aquela ali vai ser a imagem mais forte, esse é um critério. O outro também é o peso da informação, o que vai chamar mais a atenção, também a política da casa, o que que a casa quer? Cada casa tem uma linha editorial.

7) Há uma tendência grande do repórter cada vez ir menos para a rua, isso no jornalismo de uma maneira geral. Você acha que na madrugada essa tendência se confirma ou não?

Dennis: Ah, cara, eu acho que tem que ir para rua sim. O repórter na redação eu acho que é como se fosse, posso ser até exagerado, um braço amputado ali do jornalismo. Porque a gente, o repórter, fareja a notícia. Então você tem que ir atrás, você tem que conversar com as pessoas, olhar nos olhos e aí pegar material. A gente está cada vez mais fazendo isso, pegando material dos outros e fechando. Eu não gosto. É material de WhatsApp, de cinegrafista mais cedo, de equipe muda⁹⁷... Enfim, é bom quando você começa uma história com começo, meio e fim, mas está cada vez mais difícil, né? A gente não tem tempo mais como antigamente da gente pegar o bloquinho, escrevendo do zero.

8) Quais você acha que são as principais limitações da madrugada? Algo em relação à segurança? Tecnologia? Edição?

Dennis: Cara, eu sou um cara muito obstinado. Até é uma falha minha, mas eu nunca vejo dificuldades, eu sempre vejo degraus, ou então, obstáculos que eu vou conseguir superar ali. E a madrugada tem muita coisa que são obstáculos. Primeiro que madrugada foi feito para dormir, aí você tem que adequar o seu relógio biológico. Uma das primeiras coisas que você tem que fazer. Se conseguir isso, ótimo, já consegui muita coisa. Eu tinha que ter uma boa cama para dormir, um bom ar condicionado, fechar tudo assim, blecaute, não ter luz, porque a minha noite vai ser de manhã e ninguém pode me incomodar naquele período ali. Então o que fazia com que eu tivesse energia para trabalhar de madrugada era isso, ter durante o dia um conforto e eu tinha um salário bom que me garantia isso também. Se não tivesse talvez tivesse sido mais difícil. E a questão da segurança, eu sempre fui um cara assim: vamos tentar? Vamos até mais perto para ver até onde é seguro? Nunca entrei em comunidade à noite. A gente obedece às regras. Hoje em dia você trabalha com equipe e ela tem mais força do que antigamente. Antigamente o repórter era meio que o líder, então o que o repórter falava estava escrito. Mas agora você tem que discutir com a equipe, e se um disser que não vai, ninguém vai. Antigamente se a maioria dissesse que ia, todo mundo ia. Então, mesmo quando todo mundo falava “é área de risco”, eu acho importante conversar e tentar sentir o clima. Obviamente que ninguém é *kamikaze*, não vai fazer nenhuma loucura. Mas, cara, vamos passar perto, vamos passar no entorno, vamos até onde der para ir, para ver. Vamos à delegacia, vamos ao hospital, acho que tem formas de você conseguir contar uma história, sem ficar na redação. Duas coisas que eu nunca gostei: ficar na redação e ficar dentro do carro. Eu acho o cúmulo o repórter que fica dentro do carro digitando enquanto o cinegrafista está lá fazendo as imagens. O repórter tem que estar perto do cinegrafista até para saber o que ele está fazendo ou ajudar.

⁹⁷ Equipe sem repórter.

9) Como é que você vê essa relação dos coleguinhas? De colaboração entre os jornalistas de diferentes veículos?

Dennis: É importante essa ajuda, essa colaboração, embora a gente saiba que cada casa tem uma política, por exemplo, na Globo a gente nunca tinha uma relação de troca muito grande. Como eu já trabalhei lá, sei que existia essa orientação de meio que trabalhar sozinho, de correr atrás do nosso jeito. Mas aqui no Rio eu percebo que as pessoas tinham já esse costume de trocar muita informação. Quando eu comecei tinha muito isso de “vamos correr todo mundo junto”? Era bacana, quando está todo mundo junto você cria uma corrente maior. Quando você tem mais elos daquela corrente ali fica mais difícil de romper. Com o tempo, foi desgastando um pouco isso. Às vezes a pessoa dizia que não ia quando chegava ela estava lá. Isso começou a acontecer. Agora, eu aprendi também a ser assim: passo a informação para todo mundo correr, mas não dá para eu ficar o tempo todo pegando a sua mão dizendo: “é isso”. Eu acho que você tem que chegar no local e fazer a sua parte. Apurar, conversar com as pessoas. O povo-fala, por exemplo, eu não preciso fazer o povo-fala com todo mundo. Cada um faz o seu. Já um personagem, se está todo mundo ali e você conseguiu, beleza. “Galera vamos lá fazer”, e todo mundo faz, é legal isso. Agora, sem esquecer que cada um trabalha para uma emissora. Eu vou lutar pela minha emissora, eu trabalho para ela e ela é que paga as minhas contas. Eu sou assim: a gente vai dividir, mas eu também vou correr atrás das minhas coisas, e se você for um cara que tiver querendo ir junto, fizer por onde, a gente vai estar junto. Teve uma situação assim. Acidente na Presidente Vargas. Passamos para todos os coleguinhas. E aí todo mundo respondeu: “Ah, acidente no Rio toda hora tem de madrugada”. Eu não estava fazendo nada, então eu pensei: “cara, vamos lá, porque por pior da hipótese dá um LOC V, um registro”. Quando nós chegamos lá era uma situação assim totalmente inusitada, eu não lembro exatamente o que era, mas era um sequestro que tinha acontecido. Tinha uma família, tinha criança e os carros tinham batido. Na verdade, não era um acidente, o carro que estava sendo sequestrado bateu no outro carro e aí a gente foi e a gente pegou tudo com exclusividade. No outro dia, nas redações todo mundo ficou louco, porque viram na Record e começaram a cobrar dos coleguinhas. Aí me perguntavam: “Pô, mas você não passou”? Eu passei, eu avisei que estava indo ao acidente. Agora, eu cheguei lá, tem várias de coisas, não é justo que eu tenha saído da redação para fazer a matéria e tenha que ficar no telefone passando tudo para quem nem ligou para a história. Não é justo isso, você acha que é justo? Teve outra situação também, que aconteceu lá em São Conrado, de um casal que sofreu um assalto e os bandidos jogaram o casal de um despenhadeiro e eles ficaram pendurados. A informação que chegou foi: “casal assaltado lá em São Conrado, está na 14ª DP⁹⁸”. Ninguém quis ir. Aí a gente correu, quando chegou lá a gente descobriu a história e foi a história do dia. A gente fez o VT com exclusiva com todo mundo e no dia seguinte todo mundo foi correr atrás, ninguém estava sabendo da história. Então assim, você não ficar dormindo é uma grande vantagem na madrugada.

10) Você tem alguma história marcante na madrugada?

Dennis: Teve a prisão do Nem da Rocinha, que eu soube também com exclusividade. Eu entrava às dez da noite nessa época, e um policial do (Batalhão de) Choque me passou: “Dennis, nós vamos prender o Nem da Rocinha agora, vem

⁹⁸ Delegacia do Leblon.

para cá”. Eles fizeram uma blitz e quando ele passou no capô, o Nem estava escondido no porta-malas do carro. Eles abriram e a gente pegou ele saindo do porta-malas, eles levantando a cabeça dele. Essa imagem emblemática dele saindo do porta-malas só a gente fez. Depois, as outras emissoras foram chegando e fizeram esse registro. Outro caso também que me marcou foi do Gélson (Domingos)⁹⁹. Era madrugada de sábado para domingo e chegou uma informação: “vai ter uma operação em Antares”. Era hora de ir embora já. A gente foi correndo para Antares. O Gélson morreu assim a dois metros de mim. Eu acho que esses dois casos foram os mais marcantes assim. Podia ter sido eu, ele estava a dois metros de mim. Mas ele, como era um cara que já fazia esse tipo de jornalismo, se expôs. Ele ficou atrás de uma árvore e a gente fez curso de como se proteger e tal e não é recomendável você ficar atrás de uma árvore. O ideal é você ficar agachado, próximo ao pneu do carro ou atrás de um poste, concreto ou uma parede. Mas árvore não, porque a bala de fuzil perfura. E aí isso aconteceu na nossa frente. Eu não conheci o Gélson, mas todo mundo gostava muito dele, eu fiquei muito abalado mesmo.

11) Você gostava de trabalhar na madrugada?

Dennis: Aprendi a gostar, eu precisava aprender a gostar por tudo que te falei. Hoje em dia até sinto saudade assim. Eu não consigo dormir, chego em casa cedo, você vira meio que zumbi e, às vezes, penso que era melhor estar trabalhando. Mas também se você ficar nessa nunca vai sair do horário, né?

12) Que diferenciais acha que o profissional da madrugada tem que ter?

Dennis: Diferencial, que é assim, não querer dormir. Não querer já é o primeiro passo. Você ter boas fontes... E outra coisa também que você não deve comer muito de madrugada porque você engorda, eu paguei um preço por isso.

13) O que que te motivava a trabalhar na madrugada?

Dennis: O que me motivava? Um que eu sou apaixonado pelo que eu faço, eu gosto muito de jornalismo, eu sou apaixonado por rua, conhecer pessoas, contar histórias, e era a oportunidade que eu tive numa emissora grande, que estava apostando no meu trabalho, que me deu uma missão e eu levo muito a sério as missões que eu recebo assim da vida. E as pessoas me elogiavam e eu gosto de elogio, sou leonino, adoro elogio. Então as pessoas me elogiavam: “Ah você arrebentou essa madrugada. Quatro VTs, Dennis, parabéns”. E os repórteres dos outros jornais falavam “Dennis, quando você não está na madrugada não é a mesma coisa, as suas matérias são completas”. Eu gostava de ouvir isso, e em certa forma eu virei mesmo que um personagem da madrugada. E durante muito tempo eu sempre andei de terno, nunca gostei de usar roupa muito casual. A tua imagem é muito importante e eu acho que o *blazer* deixa você muito mais confiável. As pessoas confiam numa pessoa de *blazer*.

14) E como é que você definiria um repórter da madrugada?

Dennis: Um maluco que não dorme, mas que tem uma das missões das mais nobre, vamos dizer assim, porque é o único repórter de uma grande emissora naquele

⁹⁹ Gelson Domingos da Silva era repórter cinematográfico da TV Bandeirantes e morreu em serviço durante uma operação policial no Morro do Antares, em Santa Cruz, em 6 de novembro de 2011. Ele estava filmando a troca de tiros entre policiais e bandidos e acabou sendo atingido por uma das balas.

horário. Você se torna o cara e as pessoas esperam muito de você. E eu acho que a gente tem que ser mais super-herói que os outros repórteres porque a gente tem que ter esses super poderes que eu já te falei. Você acaba que tem uma missão muito maior, porque você é o cara daquele horário ali. Só tem você. Ou você constrói uma história bacana ou você se afunda rapidamente, porque se não render você não fica.

APÊNDICE 6

Entrevista com Evandro Cardoso, repórter cinematográfico da TV Globo

1) Conta um pouquinho da sua trajetória, por favor.

Evandro: Eu comecei em televisão em 1996, como assistente de câmera na TVE, hoje TV Brasil. Passei lá 16 anos. Desses 16, foram sete como assistente e dez anos como repórter cinematográfico. E aí surgiu uma oportunidade na TV Globo. Eu tinha entregado um currículo lá para o supervisor e ele fez um convite para fazer uns testes lá, prestação de serviço. Fiz três meses como prestador de serviço, depois surgiu uma oportunidade em contrato temporário, aí fiquei um ano e pouquinho. Tive que sair em função do tipo de contrato e depois surgiu uma oportunidade como funcionário. Já tem um ano e três meses. Desde que eu voltei, estou na madrugada. E antes do fim do contrato temporário, já estava também. Então, no total, estou há mais de um ano e meio na madrugada.

2) Como é a estrutura da TV Globo no turno da madrugada?

Evandro: São duas equipes, uma equipe que pega a zero hora e outra equipe que pega à uma e meia da manhã. Cada uma com um repórter, um repórter cinematográfico e um operador. Essa equipe de meia-noite, geralmente, faz os factuais e a outra equipe faz alguns factuais e depois segue para entradas ao vivo no Bom Dia Rio. Tem também o pessoal da apuração que fica lá coordenando essas duas equipes, que distribui as demandas dos factuais. Muitas vezes o repórter cinematográfico vai sozinho para a rua, seja para adiantar a outra equipe, ou para apurar mesmo, porque na madrugada tem o problema de apuração. Às vezes, as equipes na rua apuram mais do que quem está lá dentro da redação.

3) Como é que é a sua rotina? Ela é fixa ou depende do dia?

Evandro: Depende do dia, na verdade. Eu pego meia-noite e lá dentro você recebe as demandas: para onde você vai, o que você vai fazer. Às vezes tem, às vezes não. Sempre tem a questão do risco. Até junto com a apuração, a gente vê o local que vai. Se, de repente, for uma área de risco a gente não vai para aquele foco da área de risco, a gente vai para uma delegacia, ou para um hospital próximo, a gente fica próximo.

4) Essa decisão é conjunta? Você divide com a produtora, com o repórter e com o operador?

Evandro: Sim, essa decisão é em conjunto sempre. Sempre sem botar ninguém em risco, a TV sempre preza muito por isso. Eu estou há pouco mais de um ano e eu

sempre tive esse apoio. Às vezes, a gente na rua, se a gente falar alguma coisa com a Mariana (Cardoso – produtora), ela rapidamente acata.

5) Como é que você acha que as práticas jornalísticas e a rotina do pessoal da madrugada são diferentes daqueles que trabalham de dia?

Evandro: É porque a madrugada tem um problema que é o risco da noite. Na madrugada é tudo mais difícil, você não consegue ver direito as coisas, porque está tudo no escuro. E quando você não conhece bem o lugar, aquela estratégia de parar e perguntar numa padaria ou num posto de gasolina não existe porque está tudo fechado na maioria das vezes. Acho que as dificuldades são bem maiores do que de dia. Durante o dia você consegue apurar de dentro da redação. Muitas vezes na madrugada você fica sabendo muito mais na rua do que na redação. Ontem, por exemplo, eu fui fazer uma matéria só eu e o operador, o (Luiz Carlos) Janotti, sobre roubo de carga na (Rodovia) Washington Luiz. Quando a gente chegou lá tinha uma outra matéria na delegacia, que foi um sequestro relâmpago dentro de um ônibus da Empresa Reginas. Então, quer dizer, ela não teve essa informação lá na base. E na rua a gente apurou isso e checkou essa informação. Realmente a madrugada tem essas surpresas assim, isso é que é legal às vezes. Você sai para fazer uma coisa e de repente rola outra coisa.

6) Há uma tendência geral de que os repórteres fiquem cada vez mais nas redações ao longo do dia. Na madrugada você acha que acontece o oposto ou não?

Evandro: Sim, sim, na maioria dos casos sim. É da rua. A não ser se for matéria produzida, o que é muito difícil na madrugada. O factual sim. E na madrugada mesmo que você tenha essa apuração dentro da redação, você no local consegue muito mais coisa que quando se está dentro da redação.

7) Como é que funciona o processo de apuração nesse horário que não tem assessoria de imprensa? Como é que vocês conseguem as informações com as pessoas?

Evandro: Em hospitais, por exemplo, a gente até conhece alguns policiais que ficam de plantão em hospitais, hospitais municipais, hospitais estaduais, e aí a gente que consegue algumas informações, mas não é fácil também não. É difícil.

8) Você tem algumas fontes?

Evandro: São poucas, mas eu tenho algumas fontes. São pouquíssimas fontes. Mas já aconteceu. Lá no Hospital da Penha, no Getúlio Vargas, deu entrada um policial baleado da UPP. A gente chegou lá só tinha movimentação de polícia ali na frente. Só que a gente precisava saber o estado de saúde do policial e os colegas dele não queriam falar. Essa fonte, esse policial de plantão, me passou o estado de saúde desse policial da UPP do Complexo do Alemão. E aí a gente conseguiu saber da dinâmica da história.

9) Em relação à colaboração entre os jornalistas de diferentes veículos de madrugada? Como é que funciona?

Evandro: No factual rola muito isso, mas, às vezes, algumas emissoras ficam com essa disputa da exclusividade. Mas você vê que em algumas situações não tem exclusividade nenhuma. Muitas histórias a gente conseguiu graças a essa colaboração. A gente tem muita afinidade com o pessoal do SBT. Uma vez, o

Denilson (Milanez – técnico do SBT) me ligou muito nervoso: “Evandro, você está onde, meu irmão”? E eu: “calma, cara, estou na emissora”. Ele disse: “parte para São Cristóvão, que o mundo está se acabando aqui, cara. Caiu um prédio aqui, não sei o que”. Aí eu liguei para o produtor, só que ele ainda não tinha nada lá. Mesmo assim, decidimos ir. Quando nós chegamos lá, eu fiquei completamente focado porque realmente o negócio era muito grande. Já pedi ao operador para ligar para a redação e comunicar que o negócio era muito grande. E uma coisa que chamou muita atenção foi um rapaz só de cueca junto com os bombeiros e eu fiquei o tempo todo naquele cara. Esse cara era o dono do restaurante e estava procurando a família dele, a mulher, a esposa e mais dois filhos. A gente fez lá vários vivos para o Bom Dia Rio, rolou o Bom Dia Brasil, a ancoragem do RJTV1 foi lá e a ancoragem do RJTV2 também de lá. Então, quer dizer, uma coisa que a gente recebeu de um colega e teve essa repercussão toda. Ou seja, a gente depende muito dessa troca. Minhas imagens não só entraram o dia inteiro como até hoje são usadas em arquivos.

10) E quais você acha que são as limitações impostas pelo horário, comparando com quem trabalha de dia?

Evandro: Insegurança. Queria eu poder ir a qualquer lugar, como se fosse durante o dia. Às vezes as coisas acontecem e você não pode fazer uma passagem com repórter ali por causa da violência. Ou se for fazer, tem que fazer rápida a passagem porque tem a questão do perigo. Outra coisa é a escuridão, porque às vezes você precisa de luz, você precisa de outra luz, mas não pode usar por insegurança. Tem que ser ágil e isso significa que às vezes você não consegue usar o equipamento ideal.

11) Como é que você define uma pauta na madrugada?

Evandro: A gente tem a orientação da Mariana (Cardoso – produtora). Só que às vezes, eu fico sabendo na rua de algo que esteja acontecendo e passo para ela. E ela avalia.

12) Que tipo de assunto você acha que mais se aborda na madrugada?

Evandro: Violência. Eu acho que, sei lá, 80% do que eu faço hoje é em relação à violência. Essa coisa da segurança pública, homicídio, 80 ou 90% é isso.

13) Você gosta de trabalhar na madrugada?

Evandro: Eu gosto. Eu tenho que agradecer a Deus pela oportunidade que foi me dada. Já estou com 42 anos e abraço com unhas e dentes. Eu procuro fazer o meu melhor. Claro que às vezes nem sempre dá, mas eu procuro fazer sempre o meu melhor.

14) O que te motiva trabalhar na madrugada?

Evandro: Oportunidades de emprego e de crescimento. Eu vejo como crescimento também. Já trabalhei com alguns repórteres da madrugada e é uma experiência que te ajuda a crescer. Não é porque você está na madrugada que você é menor que outro profissional, é uma experiência de crescimento mesmo.

15) Quais diferenciais você acha que um profissional da madrugada precisa ter?

Evandro: Eu acho que ele tem que saber muito bem o que está fazendo, porque se ele cometer um erro pode gerar um problema muito sério. Por exemplo, uma imagem sem foco ou imagens que estejam faltando, dependendo do lugar da matéria é difícil voltar. Então é muito importante você saber antes o que você vai fazer realmente. Seja com o repórter ou sem o repórter.

16) Como é que você definiria um repórter da madrugada?

Evandro: É o que eu falei, ele tem que ser um cara muito focado no que está fazendo. Tem que ser um cara atento. Mas o legal é que tanto o operador como o repórter cinematográfico e até mesmo o repórter trocam muitas ideias, então eu acho que o trabalho flui muito bem. A madrugada já tem seus problemas, imagina se não tiver essa troca de ideias entre a equipe? Se for uma equipe, sei lá, que por algum motivo não se dê bem, ou que tem coisas de ego, você imagina então com todas essas dificuldades...Se não tiver uma integração, essa troca durante a madrugada, a equipe eu acho que não funciona.

17) Para terminar, queria que você contasse uma história marcante, diferente...

Evandro: Na eleição de 2014, eu estava com o Guilherme Peixoto (repórter) e aí era um dia antes da eleição, do segundo turno das eleições para Governador. A disputa era entre (Marcelo) Crivella e (Luiz Fernando) Pezão. E aí uma investigação do TRE (Tribunal Regional Eleitoral) descobriu que havia distribuição de santinhos do Crivella dentro da Catedral da Fé, da Igreja Universal, lá na (Avenida) Suburbana. Eles fizeram contato com a TV Globo lá e foi um cinegrafista com os fiscais e viram que a denúncia era verdadeira. O pessoal do Tribunal lacrou a igreja e tal. Essas imagens entraram no RJTV2 e no Jornal Nacional. Durante a madrugada, eu fui com o Guilherme para repercutir isso para o outro dia. Era só fazer uma passagem. Óbvio que não fizemos na frente da Catedral, mas do outro lado da avenida. Aí chegamos lá eu, o Guilherme e o Roberto Martiniano (técnico da equipe) e a gente fez uma primeira avaliação, dentro do carro, de que era seguro. E aí eu falei com o Guilherme: “passa o seu texto aí”. Aí ele disse que tudo certo e eu falei “passa de novo”. E ele disse: “está na ponta da língua vou fazer umazinha só e a gente vai embora”. O Martiniano ainda perguntou se eu queria algum equipamento e eu disse que não precisava.

APÊNDICE 7

Entrevista com Felipe Barcellos, produtor da Record TV

1) Conta um pouquinho da sua trajetória, por favor.

Felipe: Eu fiz jornalismo na FACHA, me formei em 2007, entrei na Record em 2011 para cobrir férias na produção. Antes, eu trabalhei no Projac¹⁰⁰, no Big Brother. Só que eu não cheguei a ficar o contrato todo, porque surgiu uma vaga na Record já para o jornalismo, que era o que eu queria. Aí eu entrei lá em 2011, a princípio para cobrir férias por um mês. Surgiu uma vaga na apuração e eu fui

¹⁰⁰ Antiga designação dos Estúdios Globo. Sede da TV Globo, no bairro de Curicica, onde são produzidos e gravados os conteúdos de entretenimento da emissora.

contratado. Fiquei seis meses à tarde na apuração, fui para a madrugada com a promessa que eu ia ficar no máximo um ano e acabei ficando três anos direto. Voltei de férias agora em outubro, me trocaram para a produção. Mas, assim, o trabalho na madrugada é um trabalho meio pesado, árduo, porque é diferente do pessoal que trabalha durante o dia, que o pessoal tem ajuda de assessoria de imprensa, tem ali mais gente trabalhando junto. De madrugada não. A gente depende da sala de polícia, da boa vontade do policial do batalhão de passar a informação e que, muitas vezes, não quer passar e manda você ligar para a Ascom, sabendo que não tem assessoria na madrugada. Outros passam informação muito no mau humor e, às vezes, sabem muita coisa e não querem passar praticamente nada. E de uns tempos para cá, do final do ano para cá, já não tem mais repórter na madrugada na Record. É uma equipe muda. A equipe chega às quatro da manhã pega o material e fecha o que a madrugada fez. Então, a apuração rala mais ainda, porque aí você tem que conseguir o máximo de informação para o repórter que chega às quatro porque ele não sabe de nada. Sem o repórter, você mesmo tem que saber o que vai fazer o que que não vai. Não dá para fazer tudo o que surge por conta de hora extra. Em um caso muito extremo, a gente liga para a direção.

2) Como é que é a estrutura da Record na madrugada? Quantas pessoas trabalham? Quem trabalha com você nesse horário?

Felipe: Na apuração, era eu sozinho. De segunda a sexta, entra a galera da edição do jornal RJ no Ar. Um editor pega à uma da manhã, os outros pegam às duas e meia. O editor-chefe pega às quatro. E aí depois vai chegando a galera da manhã. A chefia entra às cinco e aí vai chegando o resto da produção. E tem uma equipe muda, que pega meia-noite e sai às seis. Antes tinha repórter. Na primeira época que eu fiquei na madrugada era o (Léo) Lara que ficava na madrugada. Aí ele ficou praticamente o mesmo tempo que eu. Depois botaram ele de dia e o Dennis (Queiroz) voltou para a madrugada.

3) Como é que era a sua rotina?

Felipe: O turno da noite saía às onze horas. Eu pegava às onze e largava às cinco do dia seguinte. Quando eu chegava, via o que tinha de pendência. Ficava de olho no WhatsApp, conversava com os coleguinhas olhando pelo *mailing*. A gente trocava informação, assim, coisas exclusivas não tinha como falar. Mas o factual do dia a dia a gente trocava informação. Fazia ronda também. Na boa vontade quando o batalhão queria passar alguma coisa. Porque, assim, na primeira época em que eu fiquei na madrugada eles passavam tudo numa boa, mas agora a partir de 2016, você ligava e muitas das vezes recebia a resposta. “Não posso passar informação, liga para a assessoria de imprensa”. Durante o dia, o pessoal falava que era a mesma coisa. Um batalhão ou outro passava informação, os outros mandava para a assessoria.

4) Como é que você acha que as práticas jornalísticas e as rotinas dos profissionais da madrugada são diferentes daqueles que trabalham de dia?

Felipe: Os profissionais da madrugada assumem várias funções. O profissional da madrugada, além de apurador, produz, chefia, faz tudo ao mesmo tempo. Quando a equipe virou muda, eu comecei a sair também com a equipe algumas vezes. Porque você não tinha uma pessoa ali junto, um repórter para poder checar informação. O cinegrafista tinha que fazer imagem, tinha que apurar, tinha que fazer tudo ao

mesmo tempo. Aí eu perguntei para a minha chefe se eu podia ir com eles para ajudar. Ela falou: “não tem problema, só leva junto os telefones da redação”. E aí eu ia com eles para ajudar. Enquanto ele ia filmando, eu ia pegando informação com alguém para saber o que estava acontecendo. E eu ainda tinha que atender São Paulo, porque a rede é em São Paulo. Então São Paulo ligava para perguntar se tinha alguma coisa, algum factua da madrugada, que valesse a pena para eles ou não.

5) Tem uma tendência de os repórteres irem cada vez menos para a rua. Você acha que na madrugada isso é diferente ou eles estão mesmo indo menos para as ruas?

Felipe: Com a tendência do WhatsApp, a gente acaba – é o que pelo menos eu percebo na Record – aproveitando as imagens do WhatsApp seja porque o lugar é área de risco ou por ser muito longe. E o repórter aproveita aquilo ali.

6) E em relação à tomada de decisões, como funcionava?

Felipe: Decisão que eu tomava era nos factuais, em relação à pauta. Se acontecessem duas coisas ao mesmo tempo, eu podia decidir com o repórter. “Tem isso e tem isso aqui, o que que a gente faz”? Eu só não podia decidir se acontecessem várias coisas ao mesmo tempo, que davam para fazer, mas que iam estourar o horário da equipe. Porque aí questão de hora extra eu não posso resolver, e eu tinha que ligar para a chefia.

7) Existe uma colaboração entre os jornalistas entre os diversos veículos? Como é que ela funciona e como vocês participavam?

Felipe: Nos factuais normais do jornalismo a gente trocava informação numa boa. Tipo, se tivesse um incêndio em algum lugar a gente trocava informação, a gente perguntava se alguém estava indo, se alguém conseguiu alguma coisa, porque, às vezes eu conseguia falar com os Bombeiros e alguém não conseguiu. A gente passava o que cada um tinha. Só mesmo coisas exclusivas da emissora que eu não podia falar, porque até mesmo a apuração não ficava sabendo. As pautas exclusivas iam direto para a chefia ou para o repórter, que era para não espalhar na redação.

8) E quais que você acha que são as principais limitações da madrugada?

Felipe: Entre as limitações, a gente não tem assessoria de imprensa, para ter nota oficial, porque às vezes o jornal quer uma nota oficial da Secretária de Saúde sobre o motivo de um paciente não ter sido operado, por exemplo. E a gente não consegue isso cedo. O jornal começa às sete e meia da manhã e a assessoria só começa a trabalhar depois das oito horas. Eu acho também que a gente não tem o suporte que a galera de dia tem: uma chefia de reportagem, por exemplo. A gente tem que segurar tudo, tudo junto, decidir e tal. Na questão da segurança, a gente não vai para área de risco. Só ia para lugar que a gente realmente sabia que dava para ir. A gente ligava para o batalhão ou via no *Google Maps* para ver se o local não era perigoso. Quando era num local mais complicadinho a gente ia com colete, mas geralmente não estava mais indo não. De uns tempos para cá, a ordem era não ir mais. Se tem operação, a gente vai para delegacia, vai para o hospital se tiver alguém baleado, mas ir em local de risco não vai mais.

9) E como é que você define uma pauta na madrugada? Quais aspectos faz com que você corra para uma e não corra para outra?

Felipe: A gente vê questão de horário da equipe e distância. Porque se a gente tem uma pauta que é na Barra ou na Zona Sul e outra que é lá para dentro da Baixada vai depender da hora em que estão acontecendo os factuais. Se a equipe larga às quatro e o factual aconteceu às duas da manhã, vou mandar eles para o mais perto e não para mais longe, porque vai estourar hora extra. A não ser que o mais longe seja muito melhor do que o mais perto e aí eu tenho que ligar para a diretora para ela decidir se vai ou se não vai.

10) Que tipo de assunto mais se aborda na madrugada?

Felipe: Ultimamente, quando eu estava na madrugada, policial, muito factual de polícia que eu fazia. Era a maior parte. No mais, acidentes. Quando tinha alguns acidentes assim, e enchente na época de chuva. Não tem muito como fugir disso na madrugada.

11) Lembra de alguma cobertura marcante na madrugada?

Felipe: Teve uma enchente lá em Nova Iguaçu que alagou as casas todas. A equipe estava quase para estourar o horário e aí eu liguei para minha chefe para fazer uma consulta. Ela me perguntou. “Você acha que vale a pena”? Eu disse que a gente recebeu inúmeros vídeos no WhatsApp dizendo que as casas estavam todas alagadas, todo mundo no meio da rua. Ela topou e deixou a equipe ir. Isso é um exemplo do WhatsApp. Tudo que acontecia de factual a gente tinha que apurar mais ainda para saber se valia a pena mandar a equipe por ser distante. Com o WhatsApp facilitou, porque às vezes a equipe não vai porque já tem muitas imagens. Ela só fecha o material ou vai à delegacia.

12) Você gostava de trabalhar na madrugada?

Felipe: Não. Acho que nem o adicional estava valendo mais a pena.

13) Quais diferenças você acha que o profissional da madrugada precisa ter?

Felipe: Experiência. Eu acho que não dá para ficar na madrugada uma pessoa que não tem nenhuma experiência com a apuração. Tipo um profissional que acabou de chegar e jogar na madrugada. Porque você não tem experiência para falar com os coleguinhas; você não tem experiência de fonte; coisas que durante o dia você tem ajuda mil para tudo quanto é coisa. Se você não consegue falar com o batalhão, liga para assessora de imprensa para te passar as informações. De madrugada, não tem isso. Então, jogar uma pessoa na madrugada que acabou de se formar, eu acho que não é válido.

14) E o que te motivava a trabalhar na madrugada? Era o financeiro? Uma oportunidade de crescer na empresa? O que era?

Felipe: No início, na primeira vez que eu entrei na madrugada sim, o crescimento. Mas na segunda vez eu já estava de saco cheio. Eu já não estava de saco cheio por conta do horário, mas sim por estar há muito tempo fazendo a mesma coisa.

15) Como é que você definiria um repórter na madrugada?

Felipe: Um repórter na madrugada depende do apurador que está no ar e também porque eles têm que trocar informação juntos. É um trabalho de equipe, não dá para trabalhar sozinho. Não tem como o repórter da madrugada dizer: “eu faço tudo”. Não faz, você depende do apurador que está lá, do produtor que é chefe também,

você depende da equipe que está com você, do cinegrafista, do auxiliar, e até de conversar com os coleguinhas.

APÊNDICE 8

Entrevista com Luarlindo Ernesto, repórter do Jornal O Dia

1) Como é que foi a trajetória da sua carreira?

Luarlindo: Comecei aos 14 anos e meio na madrugada do jornal Última Hora, que era perto da onde eu morava, em São Cristóvão, como forma de castigo, porque eu jogava futebol de cueca e o meu velho me proibia. E eu continuava jogando. Então ele conhecia um repórter que era da madrugada da Última Hora. “Bota ele lá para trabalhar contigo”, aí eu fui. Era o Silva Júnior. Silva Júnior ficava dormindo de madrugada e eu ficava no telefone fazendo corrida, na época era só para as delegacias. Eu chegava lá onze da noite e ia embora às sete da manhã. Tomava um banho, me preparava e ia para o colégio. Isso em 1958. Aí quando eu voltava às duas da tarde dormia, me alimentava, estudava um pouco e engrenava de novo. E foi assim que eu comecei, com 14 anos e meio. Aquela era a escola de jornalismo na época. Era na reportagem policial ou de madrugada ou, quem tinha um conhecimento melhor, ia de dia. Não existia faculdade de jornalismo, em hipótese alguma. A maioria dos profissionais de jornal e alguns poucos de rádio eram oriundos do serviço público: advogados, altos funcionários ou baixos funcionários, mas com um nivelzinho intelectual melhor iam trabalhar no jornal de bico, que eram cinco horas diárias. Então, tinha gente que tinha três empregos, quatro empregos, dependendo podia dar um bico na repartição pública e ficava em dois ou três jornais até. Eu cheguei a trabalhar em três jornais e ainda tinha emprego na Secretaria de Segurança Pública. Lá na madrugada, me chamaram, eu tive um bom aproveitamento, passei a trabalhar de dia. Era foca, “foqueava” de dia. Fui para o Exército, onde fiquei um ano e 22 dias, mas não deixei de fazer o estágio foca. Esse trabalho de foca me deu um conhecimento espetacular profundo da reportagem policial: a malandragem, a malevolência, se não tiver *feeling* você até pode aprimorar um pouquinho que esteja obscuro na sua mente. Eu vi muita gente começar lá e não ir adiante que não deu certo, não se aclimatou com o tipo de trabalho porque você tinha que deixar de lado certos preconceitos, certos ensinamentos de família. Era ver tragédia, criança morta, assassinatos. Era mais desgraceira de madrugada principalmente para os jornais que tinham duas edições como foi o caso da Última Hora que tinha matutino e vespertino. Nessa época o Globo saía às onze, onze e meia da manhã. O Jornal do Brasil saía mais cedo. E tinha os outros: Diário da Notícia, Diário Carioca, Diário da Noite, A Noite, Correio da Manhã que era matutino, Gazeta de Notícia, O Jornal. Tinha jornal pra caramba e alguns com duas edições, fora os segundos clichês. E a madrugada era primordial para quem tinha o vespertino, para quem tinha segunda edição, a edição da tarde que saía às onze horas, onze e meia, no máximo, meio-dia. Porque atualizava o noticiário para a segunda edição e aproveitava exatamente alguma coisa até como suíte para a primeira edição do dia seguinte. A madrugada era primordial. O Dia chegou a ter quatro equipes de madrugada, mais uma chefia. A Última Hora tinha duas equipes. JB tinha uma equipe. O Globo tinha duas equipes. Na minha época

do Globo eu trabalhava de sete da noite à meia-noite na editoria internacional do Globo, e de meia-noite às sete da manhã no plantão. Eu fazia de sete às sete.

2) Na Última Hora você ficou lá da madrugada e depois foi para o turno vespertino?

Luarlindo: Saí da madrugada na Última Hora, fui trabalhar durante o dia, já com uma razoável cancha. Quando eu saí do Exército, um ano depois, aos 18, 19 e pouco, fui efetivado. Já passei para de dia, com a cancha que a madrugada me deu, de fazer corrida por telefone, eu corria às vezes com fotógrafo. “Tem uma desgraça aí, tem que correr”. Aí eu ia no jipe da reportagem daquela época, andava de jipe para os locais de crime, de acidente com morte, desastre de trem. A Central do Brasil era um prato cheio para os jornais, principalmente a Última Hora. Toda hora tinha acidente com mortos. Eu saí da Última Hora em 1965, quando o bloqueio econômico da ditadura impediu que a Última Hora continuasse a ter o quadro de jornalistas que ela tinha, que era um negócio espetacular. O Samuel revolucionou a imprensa brasileira. Ele inventou as colunas, colunistas. Ele inventou o primeiro colunista social, Jacinto de Thomas, Maneco Müller, o Manoel Müller. Ele chegou a jantar com a Rainha da Inglaterra, lá em Londres, no Palácio de Buckingham, tudo invenção do Samuel Wainer. Valorizou muito o profissional, revolucionou graficamente, esteticamente, profissionalmente e financeiramente. O jornalista deixou de fazer bico na Última Hora para ser funcionário da Última Hora. Ele não exigia que o funcionário fosse exclusivo, absolutamente. “Se vira vai ter teu outro emprego”. Mas fidelidade só em matéria de profissional na hora que você está trabalhando para a empresa. E isso obrigou aos outros jornais a pagar melhor também. Com a minha saída da Última Hora, fiquei apenas em O Globo. Comecei na madrugada no Globo, na época braba já, no início da ditadura, 1965, na época do Rosa Vermelha, do esquadrão da morte, época braba. Trabalhando também na Internacional, eu acabei correndo para o Uruguai da vida, para a Argentina da vida, porque estava iminente a derrubada de mais um presidente dessas republicuetas da América do Sul, e O Globo me mandou para lá. E eu dei um furo internacional. Porque mandava fita a matéria para você repassar por telex para o sensor, para ele ver se podia mandar ou não, foto e texto. E eu não conseguia mandar, mas só que o editor da internacional Guilherme, malandro velho, gente boa pra caramba, acho que ele ainda é vivo, entendeu a minha jogada. Como o sensor bloqueava, eu passei a mandar a matéria em gíria: “Xerife sifu”, foi minha primeira linha. Passei o texto todo em gíria, aí passou. O Globo deu um furo internacional. Na volta o Roberto Marinho me chamou no gabinete dele, ainda na rua Irineu Marinho 35, e eu pensei “caramba, estou demitido”. “O Senhor usou palavras chulas no telex de O Globo”, me deu um esporro, e eu calado né? E ele me dando esporro, me dando esporro, “Mas o senhor está promovido, mas vai ficar seis meses sem viajar porque está de castigo”, “Sim senhor, muito obrigado”, virei as costas aí saí da internacional, fui para de dia. Ele me elogiou, me deu um esporro e me promoveu. No Globo eu fiquei 6 anos lá, saí e fui para O Dia.

3) Em O Dia você foi da madrugada?

Luarlindo: Não, em O Dia eu não fui da madrugada não. No Dia tinha quatro equipes. Eu fiquei na madrugada já nos anos 1990 porque o pauteiro foi demitido e me botaram para fazer a pauta.

4) E você teve ainda uma passagem pelo JB, não é?

Luarlindo: Eu tinha voltado para Última Hora e o Alberico Souza Cruz assumiu como diretor de redação de lá e me chamou. “Eu quero você chefiando a reportagem policial”. Ele me deu um bom salário, eu fui. Prostituto da profissão. Aí fiquei lá um tempo chefiando a reportagem, novamente na Última Hora, só que já não era mais o Samuel, era o Ary de Carvalho. Aí o Alberico saiu da Última Hora e foi editar o JB, era o poderoso chefe do JB. E me convidou. “Olha eu quero você na madrugada, porque a madrugada aqui não funciona, os caras vêm para dormir e para ir para as casas das amantes. Eu quero você para agilizar essa madrugada. Você topa? Te pago mais”. Eu chefiava a reportagem policial da Última Hora, ele me levou para lá para ser repórter da madrugada e me pagava cinco vezes mais. Isso foi em 1978, 1979. Teve uma história que foi a seguinte. O Nascimento Brito (dono do JB na época) era presidente de uma associação, que administrava o Museu de Arte Moderna. O Museu de Arte Moderna pegou fogo, meia-noite, uma da manhã e o repórter da madrugada não fez. Ele demitiu o cara. E lá fui eu. O motorista ia para lá para dormir, o fotógrafo ia para dormir, todo mundo ia para dormir. Ah, eu não. Eu com aquele pique, botei para quebrar.

5) Nessa época de Ditadura, tem alguma história sua na madrugada?

Luarlindo: Foi uma época de matança, de esquadrão da morte, das forças armadas ainda matando muita gente lá na Estrada do Catonho, no Alto da Boa Vista, Sumaré. Ih, era matança toda hora, os caras empilhavam os cadáveres. O pessoal da madrugada apelidou o cara de “Rosa Vermelha”. O Rosa Vermelha saía para a matança e depois telefonava pros jornais avisando. “Olha, tem oito corpos na Estrada do Catonho”. “Oh, tem cinco lá no Sumaré”, aí ele dava as dicas todas de onde encontrar esse mortos. “Oh, fizemos duas pilhas, duas pilhas em cruz”. Os caras ligavam e avisavam para a gente.

6) Voltando um pouquinho para o início da sua carreira, como é que era a sua rotina lá na Última Hora na madrugada?

Luarlindo: Eu fazia corrida por telefone. Só que não era para os batalhões, era para as delegacias. E a Última Hora ainda pagava um *pro labore* para o cara que chefiava a rádio patrulha da Polícia Civil na época e ele informava para a gente muita coisa de ocorrências policiais. E a Última Hora ainda chegou a fazer um negócio. A gente fazia ronda, pegava o jipe, motorista, fotógrafo e repórter, dava uma ronda na Zona Sul. Toda hora tinha um bode, Copacabana, Leblon, Ipanema. A gente fazia ronda, a gente conhecia os policiais todos, arrumava cada história da melhor qualidade com essas rondas da Última Hora.

7) Você lembra de uma história dessa assim, da década de 1960?

Luarlindo: A matança do Cara de Cavalo, a morte do Le Cocq, a morte do Perpétuo de Freitas. Um grupo de bicheiros se queixou com um grupo de policiais, alguns ainda na ativa aí, que tinha um bandido de merda que assaltava os pontos de bicho de vez por onde na Vinte e Oito de Setembro. E o Cara de Cavalo assaltava alguns pontos de bicho ao longo da 28 de setembro e ruas transversais. O bicheiro se queixou com determinado grupo de policiais e esse grupo foi lá para matar o Cara de Cavalo. “Olha ele tem uma mulher na zona, ele vai toda noite pegar a mulher de taxi e volta para o Morro dos Macacos”. Aí esses quatro policiais civis ficaram na tocaia. No que foram atirar no Cara de Cavalo – o nome dele era Manoel Moreira – um policial acabou matando o Le Cocq, que estava dentro do carro também. Isso aí foi em 1964, eram quatro policiais em um fusquinha. Foi tiro amigo, mas botaram

na conta do Cara de Cavalo. Foi a maior caçada policial que aconteceu no Brasil. O Le Cocq foi baleado e morreu na hora. Estourou de madrugada isso, no meu plantão. Aí corre para a 28 de setembro, estava lá o fusquinha. A Polícia Civil já tinha tirado o corpo do Le Cocq para não ir de rabeção. Tinha esse, vamos chamar assim, código de honra. Policial civil não vai andar de rabeção. Ele tem que ir por meios conseguidos pelos colegas. Então, botaram ele no outro carro e levaram para o IML (Instituto Médico Legal). Eu comecei a cobrir de madrugada a morte do Le Cocq e, em seguida, essa caçada – tudo acontecendo de madrugada, caçada ao Cara de Cavalo demorou um ano. De madrugada eu ia ao Morro do Juramento atrás do Murilão, Murilo Alves dos Santos, vulgo Murilão. Porque o Murilão conhecia o Cara de Cavalo, que era um bandido chulé, pé rapado na vida. Tinha uma mulher na zona, fumava maconha, e de vez enquanto roubava uns pixulés no ponto de bicho e ia embora. Um bandido de merda. Mas os jornais botaram o Cara de Cavalo como “inimigo público número um”. O Cara de Cavalo ficou de se entregar a ele na Favela do Esqueleto. E eu recebi uma dica, de um policial da Delegacia de Vigilância, que era na Marechal Floriano: “Luarlindo, está todo mundo lá na Favela do Esqueleto, o Cara de Cavalo vai se entregar lá ao Perpétuo”. O Perpétuo de Freitas era outro mito na polícia, mas de uma banda diferente do Le Cocq. E eu me mandei para lá. Faltava um mês para o meu primeiro casamento e a ordem do jornal era não entrar em favela. Como é que eu não vou entrar em favela? Entramos eu e o fotógrafo. Aí estava lá o Perpétuo, tinha um repórter do Globo, o Barrinho, sem fotógrafo, eu e os outros policiais, como o filho do Perpétuo, Aramis. Aí essa noite, essa madrugada que o Cara de Cavalo ficou de se entregar ao Perpétuo na Favela do Esqueleto, onde é a UERJ hoje em dia, chegou uma turma da Invernada de Olaria, e aí o Perpétuo disse: “saíam daqui que estão me atrapalhando”. Isso a gente estava dentro de uma birosca. O dono da birosca é que vendia luz, energia elétrica para a favela toda. Era um relógio só da luz, da Light, e ele dividia pelos barracos a conta. Era uma birosca grandona, era um “secos e molhados” da época. E o Perpétuo começou a discutir com o pessoal da Invernada de Olaria, policiais civis, é uma subseção de vigilância, delegacia de vigilância norte. Um dos policiais da Invernada, Jorge Galante Gomes, com sete meses na polícia”, mais ou menos com o meu corpo. Enquanto Perpétuo era um gaúcho, quase dois metros de altura. O cara era uma tora. Perpétuo empurra o Galante, com a mão assim no peito dele, na minha frente. O Galante sai recuando, mete a mão na arma e dispara. A bala entrou aqui debaixo da axila esquerda, coração, pulmão e saiu aqui pelo braço direito, trinta e oito carga dupla. Perpétuo caiu estrebuchando, sangrando. E eu também abaixei, afrouxei a gravata, o cinto e tal. Nisso, o filho do Perpétuo pega a arma do pai, que estava na cintura dele, e dá um tiro que pega na bunda do Galante, Jorge Galante Gomes. Aí os policiais socorreram o Galante e o trouxeram para o Hospital Salgado Filho. Ainda de madrugada, voltei para jornal. Já era o Miranda Jordão o editor-chefe, “Luarlindo, eu quero uma matéria quente, você dialogando com o Perpétuo, ele morrendo nos teus braços e ele contando a história”. Eu falei: “pelo amor de Deus, ele tomou um tiro nos dois pulmões e no coração, como é que ele ia dialogar assim?”

8) Era hábito na madrugada passar as coisas para os colegas?

Luarlindo: Nessa época, 1960, 1964, não. A concorrência era grande, tinha jornal pra caramba, cada um por si. O Dia tinha quatro equipes.

9) E como é que se descobriam as notícias?

Luarlindo: Através de amigos, de informantes, de policiais, de bandidos, e no telefone. O telefone era um grande amigo do repórter, mas era uma loucura, você queria ligar para Madureira tinha duas horas de demora. Queria ligar para Bento Ribeiro, Marechal Hermes, Campo Grande, Santa Cruz, Nova Iguaçu. Às vezes, você falava muito mais rápido para São Paulo do que para a Baixada. Como demorava muito, eu ia fazer matéria de bonde. O trem não era confiável. Eu pegava o bonde para Campo Grande. Eram duas horas para ir e duas para voltar. E meia hora para apurar. Tinha poucos carros na reportagem e se eu pegasse o carro e fosse para a Baixada de madrugada a outra equipe ia ficar a pé. A gente também tinha um radinho, na frequência da PM, do Corpo de Bombeiros, da Polícia Civil... A gente pegava tudo. Ele ficava rastreando. Aí ele parava com alguém transmitindo, se você se interessasse por aquele assunto você travava. Se fosse uma besteira da vida, você soltava e ele continuava a rastrear. Um dia, eu escutei “SOS, SOS, um barco, SOS”, uma confusão danada. A PM se embananando e eu fui para a frequência do Salvarmar, aí não deu outra. “A embarcação naufragou na altura do morro da Urca”. A minha ordem, eu de madrugada, era para fazer o primeiro nascimento do ano, que foi em Campo Grande. As equipes todas cobrindo Réveillon, Iate Clube, Monte Líbano, o Copacabana Palace, Cristo Redentor, Pão de Açúcar e eu na redação. Eu ia fazer o primeiro nascimento do ano? Que nada, eu fui para o barco. Era o caso Bateau Mouche. Fui o primeiro a chegar. Ajudei a tirar corpos para o píer do salvarmar e do Bateau Mouche, que era do restaurante. Madrugada, filho, madrugada. Tem mais uma, na madrugada no JB teve a bomba do Riocentro, outra desgraceira, caiu no meu colo.

10) Em que momento começou essa colaboração na madrugada?

Luarlindo: Foi ainda na época da Ditadura porque você não tinha muitas fontes de informação. Só os mais antigos, os mais experientes tinham mais fontes. Para não deixar o coleguinha do concorrente em situação difícil a gente avisava, porque, mais cedo ou mais tarde, aquele jornal concorrente ia ficar sabendo. O Rosa Vermelha me avisava: “tem oito mortes no Catonho”. Eu avisava o cara do Globo, ou o Globo me avisava, ou eu do Globo avisava o JB e O Dia e tal. Aí passou-se a fazer aquela “colegada” da madrugada. Naquela época não tinha internet, as rádios ainda não funcionavam de madrugada. Só tinha jornalismo de madrugada nos jornais. Nem as poucas televisões tinham. O jornalismo era fraco. Era mais de dia, que ninguém ia querer saber. Hoje em dia não, a Bandnews, Globonews, e outras mais aí funcionam 24 horas, mas nessa época não tinha isso. Então, tinha esse coleguismo. Agora, quando alguém tinha uma exclusiva não. Aí tinha que respeitar o colega. “Não ele está em uma exclusiva”, “tudo bem”.

11) O repórter na madrugada sempre teve que fazer um pouco de tudo né...

Luarlindo: Vou te contar uma história. O Jornal do Brasil ganhou o prêmio Esso de jornalismo pela cobertura da bomba do Riocentro. Eu tenho até um diploma por aí, um dos prêmios Esso que eu ganhei de equipe. E todo dia, na madrugada do JB, eu recebia O Globo do dia seguinte por volta de uma e vinte da manhã. Nessa madrugada, a manchete era: “Exclusivo: Relatório de CPI da bomba do Riocentro”. Eu digo “ferrou”. A gente ganha o prêmio Esso e não dá o relatório do Exército, aquele relatório fajuto feito por um coronel. Eu sozinho, o Alberico Souza Cruz era o editor. Liguei para ele, ele não atendia. “Ai meu Deus do céu”, ficava no quinto andar da redação, subi pela escada, fui lá na rotativa. “Para a máquina”, qualquer repórter adoraria fazer isso. “Pare as máquinas”. Eu fui lá falar com o chefe: “para”.

“Não posso”. “Para”. “Mas tem horário de avião, de ônibus, de caminhão”. “Olha aqui essa bosta, pare as máquinas”. Aí o cara parou e eu voltei correndo e comecei a copiar a matéria do Globo. Consegui alguns ébrios do jornal que foram encher os córneos. “Volta, volta, volta”. Até os erros de português do Globo, nós copiamos. Só que na manhã seguinte estavam lá os jornais pendurados nas bancas. O Globo lá: “Exclusivo”. E o JB “CPI é uma farsa”. Madrugada, meu filho. Essa historinha é boa, não é não? O Milton Coelho da Graça era editor-chefe do Globo nessa época. Aí ele soube que fui eu, ligou para mim na madrugada: “tu é um filho da puta, hein”? Aí eu disse: “Graças a Deus, aprendi contigo”, porque eu era foca da Última Hora e ele era o chefe de reportagem. Historinha boa da madrugada. Mas eu estava atento, não estava dormindo, estava?

12) O que você acha que era a principal limitação na madrugada naquela época? Era segurança ou a cidade era outra?

Luarlindo: Não, era outra cidade e o bandido ainda respeitava o repórter. Mas era difícil entrar em favela de madrugada. Entrava uma vez ou outra. O Dia e A Luta entravam de madrugada atrás de um corpo, um cadáver, porque os jornais eram sanguinolentos. Até a Gazeta de Notícias dava um presunto de vez em quando, mas era mais acidente, briga da alta sociedade da Zona Sul, de vez enquanto uma chacina na Baixada.

13) Você acha que a madrugada tinha um status entre os colegas melhor do que tem hoje?

Luarlindo: Não, a reportagem policial e a madrugada sempre foram vistas pelos outros colegas que trabalham em horário normal como rebotalho, a latrina do jornal. “Pô o cara cobre polícia e de madrugada: um bosta na vida”. Sempre teve isso, sempre teve isso e eu sempre me dei bem. E nunca dormi. O cara tem dificuldade para tudo. Para apurar, ele não tem um plantão. “Telefona para a secretária de Saúde e pega o nome, pega o estado de saúde”. Não tem isso, camarada. Fora que hoje ainda tem TV, celular. A gente não tinha escora, não tinha retaguarda. Eu no JB não tinha retaguarda. Eu era sozinho. Como é que ia correr para Campo Grande fazer o primeiro nascimento do ano, quando eu tenho o Bateau Moche naufragando aqui na Enseada de Botafogo? E ainda tinha que tirar o fotógrafo na porrada porque ele ia dormir. O Vital da Trindade botava pijama e ia dormir. Eu tinha que acordar ele. Ele levantava, dava uma mijada, ia lavar o rosto, escovar os dentes, tirar o pijama, botar a roupa, procurar a máquina e procurar o filme para descer para pegar o carro. Eu no local esperando. Ele fez isso três vezes. Na quarta vez, eu me mandei e fui sozinho, aí ele saiu correndo. “Luarlindo, onde você está”? “Estou trabalhando”. “Pô, manda o carro me pegar”. “Não, senhor, pega um táxi que eu estou com o carro”. Ele nunca mais dormiu de pijama. Porque foi uma guerra para mim ter fotógrafo de madrugada. O JB não queria fotógrafo de madrugada. Quantas vezes eu ia com filme no bolso pedir para coleguinha do jornal concorrente operar um filme para mim, no papo, na amizade? Aí eu conseguia uma vaga de fotógrafo na madrugada, para o cara ficar dormindo? Você briga com tudo e com todos, porque você não tem a quem recorrer. Tu vai acordar o chefe? Três da manhã? O Dia ainda tinha um chefe de plantão das quatro equipes. No Globo eram duas equipes, mas não tinha chefe.

14) Quais tipos de assuntos mais surgiam na madrugada?

Luarlindo: Olha, foi um leque de assuntos, pelo menos na época que eu encarei a madrugada. Agora restringe-se mais a acidente, a chacina. Polícia é o forte, né? A cidade era menos violenta. Eu andava de madrugada. Na Lapa, tu ia ser assaltado na Avenida Chile. Tu ia ser assaltado na Baixada. Era mais ou menos em certos lugares, certo? Mas você andava no subúrbio, era muito mais calmo.

15) Que diferencial o repórter da madrugada precisava ter naquela época?

Luarlindo: Precisava ser dinâmico. Tem dois factuais. Um em Nova Iguaçu e outra na Zona Sul. Coisas diferentes. Uma chacina com oito mortos na Baixada. E o homem matou a mulher e se matou em Copacabana. Para onde eu vou? Quantas vezes eu fiz isso pelo JB? Aí eu fazia, saía Zona Sul, fazia o marido que matou a mulher e se matou, a tragédia passional. Fazia na pressa. E seguia para a Baixada, chacina. Rodava. Aí chegava de manhã com os olhinhos pequeninhos. Depois é que foi a primeira redação informatizada no Rio, que foi o JB, mas antes era brabo. Até previsão do tempo a gente fazia de madrugada. Era a última coisa a fechar, junto com a página de missa. O Globo a mesma coisa. Aqueles anúncios fúnebres, página de missa, é ali que entra as matérias do segundo clichê. E aí de você se errasse as tábuas das marés. Tinha uns fanáticos em tábuas de maré que quando tinha um erro eles mandavam cartas para o dono do jornal, esculhambando a gente. O cara fazia da perfumaria aos secos e molhados, *society*, fazia de tudo na madrugada.

16) O que te motivava trabalhar na madrugada? Era dinheiro, era o quê?

Luarlindo: Olha, você tinha mais dinheiro. No JB, eu ganhei muito dinheiro, no Globo eu ganhei muito dinheiro. E o Leonídio de Barros, o editor-chefe, ainda me arranjava mais um dinheiro para o meu salário. Eu fazia as chamadas do Globo para a Rádio Globo, que era dois andares acima na Irineu Marinho. Pegava as provas de páginas, escolhia os assuntos, levava para o Leonídio. “Leiam no Globo nas bancas, isso assim, assim, assim”. Fazia aquelas chamadas e ainda ganhava por fora.

17) E como é que você definiria um repórter da madrugada?

Luarlindo: É muita responsabilidade, muita. Para confirmar a matéria, só indo no local. E é um risco, você abandona a redação para ir. Vai acordar o PM que está dormindo? Deus me livre. Assessor, que assessor? Ele está dormindo, tem muita dificuldade. O cara tem que ser muito esperto, tem que ter jogo de cintura, tem que ser muito malandro e ter cuidado na apuração. Porque é fácil, fácil. Você está ali no fio da navalha. Se escrever uma vírgula errada, muda o sentido da frase e entra de gaiato, é complicado, perigoso. Tem que ter responsabilidade e atenção.

18) O que você acha que mudou em relação à madrugada daqueles tempos?

Luarlindo: Tem facilidade para tudo. Smartphone, internet, celular, satélite. Antigamente você tinha que ir no catálogo telefônico. Vai no catálogo procurar quantos João da Silva tem e mora em Copacabana? Agora não, tu vai no *Google*, que coisa! Tu manda um email e o cara responde.

APÊNDICE 9

Entrevista com Lúcio Castro, repórter da TV Bandeirantes

1) Conta um pouquinho da sua experiência e da sua trajetória.

Lúcio: Eu me formei em 1997 no Centro Universitário de Barra Mansa em Comunicação Social, Jornalismo. Desde os 17 anos eu já comecei a trabalhar em comunicação como estagiário na Rádio Sul Fluminense, de Barra Mansa, atendendo telefone. No ano seguinte, eu consegui ser promovido a operador de rádio. E fazia programas também, substituindo ocasionalmente alguém. Em 12 de março de 1996 eu botei o pé numa redação de TV pela primeira vez e me encontrei ali. Os anos passaram e eu estou aí até hoje. Eu comecei na produção da TV. Em 1999, eu fui promovido a repórter. E ao longo dessa promoção de repórter, pelo fato dessa estrutura ser menor, eu sempre acabei fazendo outras coisas: chefia de reportagem, edição, apresentação. Porque a TV no interior se faz tudo e também se aprende de tudo, então isso foi muito favorável para mim. Nesses anos todos eu sempre deixei muito claro para os meus chefes: “olha, minha vocação é ser repórter, joia, é o que eu gosto, bacana, mas se vocês precisam de mim outras coisas, estamos aí”. Eu sempre acabei fazendo de tudo em TV, eu acho que TV, a única coisa que eu não fiz propriamente foi gravar imagem com uma câmera porque aí não é meu dom. Fora isso já fiz de tudo um pouquinho. Fiquei lá na TV Sul Fluminense até 31 de agosto de 2016. Só que no tempo em que eu estava lá, a Band comprou a TV Sul Fluminense e eu virei funcionário da Band. Em janeiro de 2016, eu comecei a fazer férias aqui na Band Rio, peguei uma escala de férias, e passei quase janeiro inteiro aqui. Depois comecei a fazer folgas, vim no fim de semanas, ocasionalmente, na ausência de alguém eu vinha substituir. Aí em abril, pintou a oportunidade para eu ficar em definitivo. Tinha alguém na madrugada que passou para o dia e aí me puxaram.

2) Como é que é a estrutura da Band na madrugada?

Lúcio: Hoje a estrutura da Band na madrugada sou eu e o cinegrafista, que é o Moabe (Ferreira). A gente mesmo apura, produz, enfim entrega o produto. Não tem produtor. Agora isso é uma tendência mais enxuta. É claro que cada veículo vai se adaptar como ele achar melhor. É uma tendência do mercado. O mercado mudou muito. O mercado de comunicação mudou muito ao longo dos anos. Ele está muito mais dinâmico, muito mais enxuto, então o profissional hoje tem que ser polivalente, né? Ele acaba tendo que fazer o papel dele ali e algum outro também para poder preencher essa necessidade do mercado. Antigamente tinha o Aldir (Cony – editor), mas como o jornal da manhã foi extinto, essa estrutura da madrugada acabou sendo enxuta também. Hoje as nossas matérias vão para a Bandnews, atender a Bandnews e também o Café com Jornal, que é o jornal de rede. E atendem também ao Jornal do Rio, que é o nosso jornal local à noite, mas muita coisa, às vezes, já fica velha até lá.

3) A edição, então, do material que você fecha de madrugada é feita em São Paulo?

Lúcio: São Paulo finaliza sim. Eu converso com os editores toda noite. Eles revisam o meu texto, só que por telefone ou e-mail. As minhas matérias têm a aprovação do editor. E depois gero esse material e eles editam lá em São Paulo.

4) Como é a sua rotina de trabalho?

Lúcio: Televisão, eu sempre vejo muito que a gente tem um horário para entrar, para pegar, para sair nem sempre. Nem sempre dá. Mas o horário previsto é das nove da noite às quatro da manhã. Geralmente ao longo do dia, acho que muito jornalista faz isso, não apenas eu, você acaba lendo um pouco, se inteirando um pouco dos fatos que estão acontecendo. Hoje em dia, os grupos de WhatsApp ajudam demais. Todo momento chega informação ali. Chego na redação às nove da noite e faço aquela pergunta tradicional. “Tem pauta hoje? Se sim, qual é”? Se não tiver nada fico atento no plantão e vou cavando alguma coisa principalmente internet.

5) Você chega a fazer ronda ou alguma coisa assim?

Lúcio: Depende muito da noite. A noite que está mais tranquila, que não tem nada acontecendo, eu faço. Uma noite que já tem alguma outra coisa para apurar, ou então “vamos pegar o carro, checar isso, aquilo”, aí eu já vou direto. E trocando informação com os colegas.

6) Você gosta de trabalhar de madrugada?

Lúcio: É uma experiência nova na minha carreira. Eu sempre trabalhei de dia, nunca havia pensado em trabalhar de madrugada, e aí pintou a oportunidade de madrugada. Foi uma oportunidade na minha vida de mudar muita coisa de uma vez. A questão da vida pessoal, profissional. Você deixar o lugar onde você estava acomodado, tranquilo e vir para uma cidade maior, desafios maiores. E era de madrugada. Eu pensei muito para vir. Pelo fato da minha idade, pela experiência que eu já tinha. Pensei: “poxa, vamos encarar o desafio, vamos ver como é que é”. E aí eu vim e para a minha surpresa a adaptação foi ótima. Não é como se eu trabalhasse de dia, mas a minha vida está muito adaptada a esse horário. Eu tenho um horário regular para dormir, eu tenho um horário regular para me alimentar, para fazer minhas atividades físicas, estudar. E ao longo disso tudo que acontece ao longo do dia estou sempre ali lendo os sites, os grupos, jornal também impresso, até para a gente poder se atualizar.

7) Como você acha que as práticas jornalísticas e as rotinas dos profissionais da madrugada são diferentes daqueles que estão trabalhando de dia?

Lúcio: Para começar a estrutura de muitos locais é mais enxuta na madrugada em comparação ao dia. Isso é o primeiro ponto. Segundo ponto também, as nossas fontes de apuração estão bem mais enxutas, porque muitas vezes você não tem o assessor de imprensa para ligar, pedir um auxílio. Você não tem o delegado que responde lá pelo plantão para te atender. O primeiro desafio muito grande já é esse. As informações, as fontes da madrugada elas acabam sendo bem mais limitadas. Até no momento de apurar algo você tem que ser muito mais questionador, muito mais equilibrado, tem que checar muito mais ali aquelas informações. Muitas vezes você tem até algo numa direção, mas não dá para desenvolver porque eu não consigo confirmar. E aí dependendo da situação você pega aquela informação só, passa por cima dela, cita na matéria, mas não entra em detalhes e deixa para o pessoal do dia apurar melhor, e assim vai.

8) Como é que surge a pauta para você de madrugada? Você tem fontes?

Lúcio: Como eu cheguei na cidade há sete meses, eu ainda não tenho aquelas fontes que eu tinha, mas deixei lá no interior. Mas isso a gente vai fazendo com contato

noturno. Muitas vezes para superar aqueles plantões, “poxa não tem nada”, eu já chego com uma sugestão minha, que deixo guardado para o dia que não tem nada. Então a gente está sempre pensando numa alternativa, porque às vezes acontece de o plantão estar bem devagar e a gente sempre tem que entregar algo.

9) Tem uma tendência grande no jornalismo hoje do repórter ir cada vez menos para a rua. Você acha que essa tendência se confirma na madrugada ou não?

Lúcio: Eu acho que a maior parte da apuração está na rua na madrugada, isso é um fato. Porque muitas vezes você tem a notícia ali, mas não tem os caminhos para chegar na notícia. Então a maneira é em carne e osso. Comparecer *in loco* e ir buscar. E nessa busca, às vezes, a gente não tem aquela fonte oficial do dia. Mas você comparecendo nesses locais você fala com testemunhas oculares, fala com vítima e, então, tem esse lado também. Ao mesmo tempo que a gente tem uma dificuldade de apurar, uma certa dificuldade por conta de as pessoas estarem dormindo de madrugada, muitas vezes você indo ao local propriamente ali do fato, da notícia, você também vai ter oportunidade de conversar diretamente com quem viveu aquela situação, com quem passou por aquilo. E a apuração pode até levar uma vantagem nisso aí, porque você vai estar conversando direto ali com o alvo.

10) O que você leva em consideração na hora de escolher entre duas ou três histórias que estejam acontecendo ao mesmo tempo?

Lúcio: Por exemplo, a gente estava em um plantão que teve um policial militar que foi baleado, mais um. A gente tinha que um policial foi baleado numa lanchonete, que é uma história interessante; interessante, em termos, mas uma lanchonete com pessoas lá se alimentando aí vem alguém e um policial acaba baleado. E tinha uma outra notícia também que chegou para a gente que era um incêndio. Incêndio em um sobrado que estava ameaçando cair e duas pessoas teriam sido vítimas no incêndio. Os bombeiros estavam no local e aí resultado: para qual a gente ia? Eram duas histórias até interessantes. Qual que foi o critério de avaliação? Apurando um pouquinho melhor, descobrimos que o policial levou um tiro na perna, foi socorrido e não corria risco de morrer. E o incêndio, um sobrado caindo e teriam sido duas vítimas. Era em uma vila e as pessoas ao redor ficariam desabrigadas. Vamos para o sobrado. Como a gente tinha a informação de que o policial foi baleado e não corria risco de morrer, tiro na perna, e como na lanchonete ninguém ficou ferido, foi só a questão do tumulto, a gente optou em ir para o incêndio. Fizemos a escolha, porém chegou no incêndio era uma coisa assim menor. Não havia o risco de queda do casarão. As duas pessoas que estavam no casarão conseguiram sair bem. Então, assim, a história não era tão quente como parecia. E aí foi a escolha. De repente, a gente poderia ter ido na do policial e ter rendido um material um pouco melhor sim. Mas, é isso, muitas vezes a gente tem que escolher. Outro exemplo também. Nesse valeu a pena a gente ir. Logo no início que eu cheguei aqui, um ou dois meses, no máximo, pintou um ônibus que foi incendiado em um protesto lá em Duque de Caxias, numa favela que eu não lembro o nome. E aí ficamos. “Vamos? Não vamos? Vamos”? Mas como era uma noite que não tinha nada decidimos. “Vamos lá”. Aí nós chegamos na delegacia de Duque de Caxias, a 59ª DP, não tinha ocorrência lá. A ocorrência ainda estava no local. E aí, de novo. “Vamos? Não vamos? Vamos”? Já fomos sabendo que era área de risco, mas quando nós

chegamos lá o Bope¹⁰¹ ou o Batalhão de Choque, eu não lembro qual dos dois, ainda estava no local. O ônibus já estava no reboque para retirar e tal. E aí fizemos, sem luz no lugar. O risco era grande, mas fizemos a reportagem ali muito rápido. Poucas cenas do ônibus no reboque, uma passagem improvisada e aí conseguimos resgatar o material. Então a madrugada tem essas histórias. Uma outra também, que parecia não render tanto, mas pela minha experiência no interior talvez rendesse bem, foi um ônibus que se acidentou ali no viaduto de Manilha, da Niterói – Manilha. Ele caiu do viaduto e aí o ônibus tinha 18 ou 20 pessoas. A gente não estava conseguindo apurar. Mas pelo fato de ser um ônibus com pelo menos 20 pessoas, um número considerável, nós fomos. Não sabíamos pelo telefone se havia mortos. Nós chegamos lá. O ônibus estava quase sendo retirado, fizemos algumas poucas cenas, mas a notícia boa que das 20 pessoas ninguém se feriu gravemente, foi tudo ferimento leve. Então nós fizemos a matéria, eu produzi, na maioria das vezes eu produzo matérias e tal, fiz passagem, mas não tinha sonora, porque o acidente já tinha sido há umas duas, três horas e os que se machucou levemente já tinha sido até liberado. Resultado: fomos na história e não rendeu como a gente esperava, mas é isso, muita coisa você tem que ir mesmo, apostar e ver o resultado.

11) Como funciona a colaboração entre os jornalistas de diferentes veículos de madrugada?

Lúcio: É uma colaboração saudável. E ao mesmo tempo que tem essa questão de um ajudar o outro, muitas vezes tem aquela questão também de: “estou com isso aqui, vou segurar ao máximo, daqui a pouco eu passo ou então nem passo”. Já entra aquela coisa da concorrência, que não deixa de ser saudável também. Mas é uma concorrência legal. Tem esse espírito colaborativo em algumas ocasiões e até determinado ponto. Dali para frente não. É contigo, cada um faz a sua parte, mas isso é saudável. Pelo menos aquela apuração básica, todo mundo tem acesso a tudo e, é coletivo, um acaba ajudando o outro. Agora aquilo, se a história ganha algo mais interessante, mais importante, aí enfim, cada um vai fazer o seu papel, que é saudável isso também. Até para estimular aquela questão da concorrência saudável.

12) Quais são, para você, as limitações do horário?

Lúcio: Eu acho que a primeira limitação de quem vai trabalhar na madrugada é se adaptar à nova rotina. Para você trabalhar de madrugada, tem que ter uma boa rotina de sono, isso é fundamental. E o que eu acho importante para mim também é que estou sempre praticando atividade física, tomando sol ao máximo, essas coisas assim. Então primeiro ponto é adaptação da rotina. No trabalho propriamente aí o segundo ponto é mesmo a segurança, porque a gente não passa, é muito raro, uma noite que a gente não vá a uma área de risco. Muito raro mesmo. Mesmo que não tenha tiroteio, não tenha problema nenhum ali, mas você está em uma área de risco e não sabe o que pode acontecer. E entre os veículos, em geral, a gente tem aquela questão da parceria, da colaboração. “Vamos no lugar tal”? “Vamos, mas vamos todo mundo junto”. “É perigoso, não vamos”. Mas, em uma ocasião ou outra, você tem que fazer uma matéria que acaba tendo que ir sozinho. Então todas as noites ali a gente corre um risco razoável por mais que a gente se polície, estando um ali cuidando do outro, mas o risco existe. Algumas matérias eu nem comecei a fazer por conta dessa avaliação conjunta de segurança. E no meu caso especialmente é o Moabe (Ferreira – cinegrafista), que já está só de madrugada há oito anos. Ele

¹⁰¹ Batalhão de Operações Especiais. Tropa de choque da PM do Rio.

conhece tudo. Eu estou conhecendo. Então fica muito por ele. Se ele falar que dá para ir, vamos embora. Se falar que não dá, não vamos.

13) Que tipo de assunto mais se aborda de madrugada?

Lúcio: Acaba sendo mesmo o factual mais no sentido da violência, o mais comum, isso aí não tem jeito, é o mais comum, não tem jeito.

14) Tem alguma cobertura que tenha te marcado durante esse período na madrugada?

Lúcio: Eu estou aqui há sete meses, mas tem uma história que já marcou, vai ficar marcado na minha carreira. Nós fizemos um tiroteio em um morro ali na Tijuca, Morro do Turano. A história é a seguinte: a mãe estava dando entrevista em choque. O garoto, filho dela que tinha morrido, tinha 16 anos. Ela estava com o boné dele na mão com o buraco da bala e o boné cheio de sangue. O sangue do filho na mão dela e ela falando “Poxa, está aqui o sangue do meu filho e tal”. Ele estava indo buscar um saco de pipoca, era para fazer a festa ainda, com outro amigo. E teriam sido confundidos com traficantes e teriam sido baleados. Um morreu e o outro, que conseguiu escapar, contou essa versão. O que mais me marcou na madrugada foi essa história aí.

15) Que diferenciais você acha que o profissional da madrugada tem que ter para trabalhar de madrugada?

Lúcio: Primeiro de tudo é aquela disposição, mas não no sentido da disposição física. A disposição do “poxa, estou aí de madrugada, vamos fazer o melhor, vamos aprender”. Acho que isso é querer além de tudo. E é aquilo que eu penso também. Eu acho que a madrugada é temporária, porque muitas vezes eu creio que acontece de o profissional estar ali de madrugada, só pensando. “Poxa, mas eu quero ir para o dia”. Mas eu acho que enquanto está ali de madrugada é viver aquele momento. Apesar de a gente ter grandes exemplos de pessoas que optam, como o Marquinhos (Marcos Antônio de Jesus) da CBN, vinte e tantos anos, não sei, que é uma opção, ou o Moabe há oito anos. Mas eu creio que, para a maioria das pessoas, é período ali, é passageiro. É importante estar aberto para a madrugada em todos os sentidos, no sentido do aprendizado. Saber que você vai estar sozinho, muitas vezes a tua responsabilidade vai ser maior nesse sentido, que se algo sair fora do previsto a primeira pessoa que vai ser cobrada é você. Não tem outro para ser cobrado. É importante também estar aberto para as experiências de vida. Você vive muitas experiências de madrugada que não viveria em longos anos de dia certamente.

16) E o que te motiva a continuar na madrugada?

Lúcio: É um desafio pessoal, entendeu? Essa questão financeira é consequência, é uma consequência natural. Você fazendo um bom trabalho, vai colher bons frutos, isso é fato. Mas eu acho que é esse desafio pessoal, especialmente para mim. Eu vim de outra cidade, que é uma estrutura menor, em que não se trabalhava de madrugada. Lá de madrugada, a vida jornalística simplesmente para e só volta no dia seguinte. No meu caso, foi um desafio pessoal e profissional. De estar num lugar novo, viver uma experiência nova. E assim eu te digo: estou muito feliz e até penso, confesso que, às vezes, eu penso: “um dia eu vou deixar a madrugada e vou sentir falta disso aqui”. Mas ao mesmo tempo tem que estar aberto a um novo desafio. É uma etapa ali que eu vou cumprir, que é uma etapa muito boa, vai ficar marcado como história de vida também.

17) E como é que você definiria o repórter da madrugada?

Lúcio: Repórter da madrugada? Ah, eu diria que ele tem que ser perspicaz, ser muitas vezes mais insistente, mais paciente, mais compreensivo. É estar mais atento à notícia nesse sentido. Saber que ele vai ter dificuldade para apurar. Coisa boa, quente, a gente não vai ter condição de apurar. Mas é aquilo: construir uma noite atrás da outra. E também a importância assim do repórter da madrugada: às vezes você pega o material, faz alguma coisa e vira uma grande matéria e naturalmente a equipe do dia é que vai fechar. Seu trabalho não deixa de ter importância. Eu acho que o trabalho do repórter da madrugada é tão importante como o do dia como de qualquer outro horário. Repórter é repórter e na madrugada ele está tendo todos esses desafios para superar.

APÊNDICE 10

Entrevista com Luiz Carlos Janotti, técnico da TV Globo

1) Conta um pouquinho da sua experiência e da sua trajetória.

Luiz Carlos: Eu comecei no Projac, prestando serviço para o programa Fama. Fiz a casa do Fama que era lá no Rio Water Planet¹⁰² e comecei aqui no jornalismo prestando serviço só no Carnaval. E isso já faz dez anos, quatro na madrugada e várias histórias.

2) Como é que você foi para a madrugada?

Luiz Carlos: Primeiro porque eu não tenho muita paciência no trânsito, não tenho, não tenho. Acho que se eu estivesse na parte da tarde ou na manhã já teria tido um derrame ou alguma coisa. Então eu vim para a madrugada. Só tinha uma equipe de madrugada e, então, surgiu essa segunda que começava a trabalhar uma da manhã. Agora uma e meia da manhã. Fui lá no meu supervisor e falei: “quero trabalhar na madrugada”. “Quer mesmo”? “Quero”. “A vaga é sua”.

3) Como é a sua rotina de trabalho?

Luiz Carlos: Eu chego sempre meia hora, vinte minutos antes para um psicológico. Tipo um ator, você tem que incorporar um personagem. Você chega, conversa, troca ideias com uma outra equipe que chega antes. E a gente sempre pergunta: “e aí, rolou alguma coisa? Está tranquila a noite?” Aí eu chego converso um pouquinho com o meu supervisor, com o pessoal de Operações. Depois eu desço, pego o meu colete, dois coletes ou três, dependendo da equipe, vejo o equipamento todo. Texto. Tiro de um carro comum e boto num blindado. Colete a prova de bala com o carro, isso demora de quinze minutos a meia hora, e fico esperando a base chamar para alguma eventualidade.

4) Você gosta de trabalhar na madrugada?

Luiz Carlos: Eu gosto. Você não pega trânsito, rapidinho chega. O ruim é... eu não sei se é ruim ou se é bom. A gente pega uma maldade, a gente vê até onde o ser humano vai. Eu não sei se isso é ruim. Para mim mesmo, no meu dia a dia, eu vejo

¹⁰² Parque aquático na Zona Oeste do Rio.

maldade em quase tudo até que me provem ao contrário. Isso por causa do meu trabalho. A vivência. Você vê até onde o ser humano vai, até onde a maldade da pessoa chega. A madrugada é o pico da onde a maldade da pessoa pode chegar.

5) Como é que você acha que as práticas jornalísticas dos profissionais da madrugada são diferentes daquele que trabalham de dia?

Luiz Carlos: A rotina toda é a violência. Porque a gente está mais exposto na madrugada. Graças a Deus, em quatro anos, eu nunca peguei nada de frente, mas já aconteceram muitas coisas como mira laser, por exemplo. Eu estava indo para a DH de Belford Roxo e erreí o caminho. Simplesmente erreí e tive que fazer a volta lá na Linha Vermelha. Quando eu dei a volta para fazer o retorno na Linha Vermelha simplesmente eu estava passando ao lado da comunidade do Lixão. De repente veio um traço de laser. O cinegrafista começou a berrar. O carro blindado é pesado e não tem arrancada. Ele berrando e eu dizendo: “calma, calma, estou puxando”. Até que a gente arrancou e graças a Deus eles não atiraram. Teve outra história naquele viaduto que você pega para o Norte Shopping, aquele viaduto que tem uma comunidade do lado, Bandeira Dez. Estava lá com o Guilherme Peixoto (repórter) e Alex Neder (repórter cinematográfico). A gente já estava do lado de fora fazendo a passagem. Graças a Deus, eu acho que cracudo me ama. Eu acho que os usuários de droga olham para mim e dizem “eu vou salvar aquele rapaz”. Chegou assim fingindo que estava andando e falou: “sai daqui agora”. Ele andando e fingindo que não estava falando com a gente. “Sai daqui agora”. “O que que houve”? “Os caras estão ali na esquina”. Quando a gente olha, uma ponta de fuzil, que dava para ver a ponta, porque eles estavam escondidos atrás da parede, ali na esquina. Só foi tempo de pegar tudo correndo e ir embora. O medo é tão grande que acompanha a gente. Nós estávamos fazendo com o Danilo (Vieira – repórter) uma reportagem sobre Avenida Brasil. Então a gente tinha que andar muito devagar para fazer imagens de qualquer eventualidade. Eu vi um porco que, Nossa Senhora, era muito grande. E aí saiu um cara com um guarda-chuva na mão. Todo mundo começou a berrar: “é fuzil, fuzil”. A gente saiu todo desesperado do lugar, mas era um guarda-chuva, para você ver como a gente fica tenso na madrugada. Quando eu chego em casa eu não durmo, não consigo dormir. A adrenalina está lá no pico ainda, então eu tenho que esperar meia hora, quarenta minutos, para o meu pico abaixar.

6) Como é que funciona a colaboração dos jornalistas de diferentes veículos durante a madrugada?

Luiz Carlos: Temos contato com todos. Contato com a Record, com a Bandeirantes, com o SBT. Agora, devido à violência que está, em certas situações a gente só está indo em dupla. Anteontem, a gente foi para a Baixada, para várias delegacias: 59, 54. Aí nós combinamos com o SBT. Nós fomos juntos. E madrugada a gente tem que ter colaboração um com o outro. Falta um microfone, porque deu problema, a gente espera para gravar todo mundo junto. Ou às vezes a gente está com uma equipe de meia-noite sem repórter, então a gente tem que fazer iluminação para a gente não identificar a pessoa e tem que botar o microfone. Aí a gente pede ao Rafael do Jornal O Globo. Então essa colaboração é mútua, não tenho problema nenhum, isso é até saudável.

7) E vocês trocam pautas também?

Luiz Carlos: Sim, sim. Normalmente está no grupo. Tem um grupo no WhatsApp. As informações começam a rolar por lá. A gente entrava às onze da noite. Agora a

gente está entrando meia-noite, então normalmente eles já estão na nossa frente. Então eles avisam: “Oh, vem para cá”. Como aconteceu naquela explosão que teve em São Cristóvão. O (Denilson) Milanez (técnico), que é do SBT, ligou para a gente: “Vem para cá correndo agora, parece que o mundo acabou, vem para cá”. Eu só sei que eu cheguei lá, o lugar estava com um cheiro de freio. Eu só senti cheiro de lona de freio, da lona da pastilha do carro. Parecia Israel, Iraque, tudo no chão, tudo jogado no chão, só você vendo, só na hora. Foi assim, um furo que eu gostei de fazer.

8) Para você, quais são as principais limitações do trabalho nesse horário da madrugada?

Luiz Carlos: Os bandidos estão na nossa frente, na frente dos policiais. Granada. O fuzil que eles usam a blindagem não segura. Não segura de jeito nenhum. Não segura. Só se a gente tivesse aqui um “caveirão”¹⁰³. Isso a gente não tem, então a gente evita certos lugares. O cinegrafista sempre tem uma experiência que ele passou e eu não passei. Eu conheço muito Zona Sul, Jacarepaguá. Então a gente troca experiências. Se um não se sentir bem, a gente não vai, é assim. Se alguém já passou por alguma situação em algum lugar, a gente não vai. A gente fecha, é um fechamento. Nenhuma matéria vale a nossa vida. Quando você está passando por uma experiência ruim, vem tudo à cabeça: vem família, vem filho, vem esposa, ex-esposa, vem tudo. Então, a gente tem que olhar, pensar, trocar ideia. Também acho que madrugada para equipe de rua, parte técnica, como cinegrafista e como técnico, não pode ser uma pessoa que não conheça, não pode ser uma pessoa nova. Tem que ter uma vivência. Tem que saber onde a gente está entrando.

9) Qual tipo de assunto mais se aborda na madrugada?

Luiz Carlos: Tudo de ruim, cara. Semana retrasada a gente estava conversando. “Há muito tempo que eu não faço matéria produzida”. A gente vê de tudo, com criança, violência contra idosos, as pessoas bêbadas se batendo, se matando, então é uma coisa, eu não gosto, me sinto mal às vezes. Quando chega final de semana, te juro, cara, não me dá vontade de sair de casa, principalmente com a minha filha. Eu já passei uma experiência com ela, e eu não quero passar mais não, porque está pior do que na época que eu passei com ela.

10) Que diferenciais você acha que o profissional da madrugada tem que ter?

Luiz Carlos: Sangue frio, sangue frio, atenção. Eu sei que se acontecer alguma coisa assim e eu tiver que enfrentar alguma coisa na frente, eu sei que eu não vou travar. Eu não vou travar, por isso tem que ter sangue frio.

11) O que te motiva a continuar na madrugada?

Luiz Carlos: Eu me sinto melhor trabalhando na madrugada. Grana, com certeza ajuda. O lado profissional, que você vê de tudo na madrugada. A minha filha também. Eu sou separado, então eu sou “pãe”. Quando eu chego em casa ela ainda está dormindo, eu tenho o dia livre para ela. Acordo, boto ela para o banho, dou o almoço e coloco ela no ônibus. Aí é que eu vou pensar, às vezes, se eu vou descansar.

¹⁰³ Termo que se refere ao carro blindado da Polícia Militar, que lembra um tanque de guerra.

12) Para terminar, como você definiria esse profissional da madrugada?

Luiz Carlos: Tem que ser guerreiro, cara. Porque você deixa de fazer muita coisa. Se você for uma pessoa que gosta de sair, você perde sua vida social. Então você tem que gostar do que está fazendo, tem que gostar da madrugada, porque não é para qualquer um não. Porque é pauleira. Antigamente até que era tranquilo, mas agora como está o nosso Rio de Janeiro não tem dia tranquilo. A pessoa tem que ser guerreira, tem que gostar e eu gosto.

APÊNDICE 11**Entrevista com Marcelo Moreira, editor-chefe na TV Globo****1) Conta um pouquinho da sua trajetória, por favor**

Moreira: Eu me formei na Gama Filho em 1991, comecei a trabalhar com estagiário no jornal Folha Dirigida em 1988, fui trabalhar no jornal O Dia em 1990. Fui contratado como repórter na Notícia, que era uma publicação mais popular do mesmo grupo de O Dia, como repórter da madrugada. Eu fiquei um ano como repórter da madrugada na Notícia e fui convidado para trabalhar no Jornal do Brasil, como repórter da madrugada no Jornal do Brasil. E eu trabalhei na madrugada no Jornal do Brasil em 1992 e em 1993. Em 1993 quando aconteceu a Chacina de Vigário Geral, o jornal fez umas mudanças porque era muita notícia e não tinha tanto repórter para cobrir. E aí eu saí da madrugada e passei para de manhã. Então, o meu período da madrugada foi entre 1991 e 1993 em A Notícia e no Jornal do Brasil. Aí eu saí do Jornal do Brasil em 1999, em dezembro, e vim pra Globo. Já são 16 anos na Globo. Eu entrei como chefe de produção, depois fui chefe de reportagem, depois fui editor coordenador, cargo que existiu durante um ano. Aí depois a estrutura mudou passou a ser um chefe de redação local e um chefe de redação de rede e aí eu virei editor-chefe do RJTV Segunda Edição. Depois do RJ, eu virei o editor-chefe de Projetos Especiais que é o que eu sou até hoje.

2) Quando você trabalhava na madrugada na Notícia e no JB, qual era a estrutura que os jornais tinham nesse horário?

Moreira: Quando eu trabalhava na Notícia, A Notícia era um jornal que estava sendo relançado. O Jornal O Dia era na época do Ary Carvalho e ele estava em um investimento para ele crescer como jornal e ganhar leitores numa classe mais acima do que ele tinha. O Jornal O Dia sempre foi um jornal de classe C, D e E e ele queria migrar para as classes B e A. E queria concorrer com O Globo e com o JB. E para isso ele não podia abandonar os leitores das classes C, D e E. Naquela época, ele enfrentava uma concorrência muito forte do Jornal O Povo, que era um jornal que pertencia a um bicheiro chamado Raul Capitão, e que o investimento do jornal O Povo era violência o tempo todo. Então as matérias da madrugada costumavam ser as manchetes do jornal, porque na madrugada que acontecem os crimes, os assassinatos. Eu era estagiário no jornal O Dia, o Ary Carvalho resolveu relançar a Notícia e criar uma equipe muito pequena. A Notícia era um jornal que tinha três repórteres. Dois trabalhavam de dia e um trabalhava de madrugada. E eu era estagiário recém-formado, eu tinha acabado de me formar. O Eucimar Oliveira, o cara que montou a equipe da Notícia, me chamou e me contratou para ser repórter

da madrugada e a estrutura era um repórter, um fotógrafo e um motorista. Eu pegava às dez da noite e ia até cinco horas da manhã. O (Carlos Artur) Pitombeira (fotógrafo) era cheio de esquema. Como a gente trabalhava muito tarde, ele morava em Jacarepaguá e eu morava na Vila da Penha, e o jornal O Dia era lá na Rua Riachuelo no Centro da cidade, ele combinou com o motorista que o carro passava em Jacarepaguá pegava ele, passava na Vila da Penha e me pegava e dali a gente já ia direto, nem passava na redação. E o Jornal O Dia e a Notícia dividiam o espaço na madrugada, o jornal O Dia era um prédio na Rua do Riachuelo, e a redação da Notícia era uma sala pequena que funcionava um andar abaixo da redação. Na madrugada para a gente não ficar sozinho, a gente usava a redação do Dia, que era uma redação gigante e que tinha dois repórteres na madrugada. Como lá no jornal O Dia tinha dois repórteres, eles faziam a apuração e eu não precisava fazer a apuração. Eu ligava para redação do Dia e perguntava, “E aí, o que que está acontecendo”? E eles me passavam os crimes. Para eles, também era bom, porque eles não precisavam correr. Para você ter uma ideia, eu me lembro muito bem desse dia, que era o meu primeiro dia de trabalho contratado, minha primeira saída foi um acidente de carro na Avenida Brasil. Quatro jovens num chevete. Eles bateram em outro carro, o carro pegou fogo e os quatro morreram carbonizados dentro do carro. Quando eu cheguei lá, a cena era aquela cena de filme de terror, porque a carne já tinha queimado. Então eram quatro esqueletos, parecia com filme de terror mesmo, caveira, você via os dentes dos caras, e o cheiro de carne queimada era muito forte, parecia churrasco que já tinha passado da hora, então assim, minha primeira matéria foi essa. Enquanto isso, na pista contrária, os curiosos estavam passando. E um carro bateu e o motorista morreu também. Então só ali e a gente quase viu na hora. Não vi o flagrante porque a gente estava olhando para o acidente original. Isso usando o Jornal O Dia com a ronda. Eles passavam pelo rádio, a gente tinha um rádio amador, que era a comunicação na época mais eficiente, então os caras me passavam pelo rádio. “Agora tem outro crime”. Era um triplo homicídio na Zona Oeste em um cruzamento de um bairro não lembro se era Bangu ou Realengo. Aí depois um duplo homicídio em algum lugar. Então nessa primeira madrugada eu vi quatro mortos, mais três mortos, depois mais dois mortos, mais um que já tinha visto. Dez mortos. E aí eu voltei para a redação e a gente escreveu uma matéria, e as matérias da Notícia tinham que ser grandes porque aquelas matérias iam ser a manchete do Jornal. Como era a primeira madrugada, eu fiz uma matéria só. “Uma madrugada violenta no Rio de Janeiro”. Fechei a matéria para o dia seguinte e fui dormir. Hoje em dia, com o jornal no tempo de internet, não tem como pensar nisso, você sai do jornal sete horas da manhã e a manchete do jornal do dia seguinte vai ser a matéria que você deixou pronta sete horas da manhã da véspera. Só que eu saí de manhã com dez mortos e outras mortes aconteceram que eu não vi, mas o jornal de manhã recuperou pelo telefone. Não sei se eles chegaram a correr em alguma, eu acho que não correu para nenhuma. Eu sei que somando tinha mais 11 mortes, além das dez, então foram 21 mortes. A manchete da Notícia foi: “vagabundo dá duro no dia do Trabalho, 21 mortos”. Isso já foi muito impactante porque eu nasci na Baixada Fluminense, já convivia com a violência, mas você não convivia com a violência tão de perto. Já tinha visto uma pessoa morta voltando para casa, um homicídio perto da minha casa, mas durante um ano eu passei quase todos os dias vendo pessoas sendo assassinadas, ou melhor, vendo pessoas que já tinham sido assassinadas. Nossa rotina era ligar para todos os batalhões da PM e a gente ia anotando batalhão por batalhão onde é que tinha o código 932, que é o código para encontro de cadáver. Então a gente já tinha até um linguajar para falar com o

policial. E você tinha que se aproximar dele para ter a informação. “E aí companheiro, tudo bem? Aqui é o Marcelo Moreira da Notícia, como é que está o plantão aí? Tem 932 na área?” A gente ia anotando do 1º batalhão que era no Estácio até o 27º Batalhão que era em Santa Cruz. A gente tinha cercado a cidade inteira e torcendo para ter mortos nos primeiros logo, porque senão se chegasse no 27º Batalhão que era Santa Cruz, tinha que ir para Santa Cruz, e aí eram 40 quilômetros de distância. Muitas vezes, acontecia isso porque a Zona Oeste era a área mais violenta. Aí depois que a gente fazia a apuração toda eu ligava para o fotógrafo. Isso nos dias em que eu não usava a estrutura do Dia, algumas vezes eu usava. Mas quando eu fazia a ronda, o fotógrafo ficava dormindo na sala de fotografia. Aí eu ligava para ele, acordava ele e falava “oh Pitombeira, tem um 932 lá em Santa Cruz”. E o pior era quando tinha um homicídio em Santa Cruz às seis da manhã, porque faltava uma hora para acabar o plantão e a gente já tinha passado a noite toda sem fazer nada.

3) Como você fazia para apurar? Era ronda, era a partir dos colegas?

Moreira: A madrugada é muito cruel porque você é muito sozinho. Então você cria uma rede de amigos, que são concorrentes seus, mas quem concorre são os jornais e não os colegas. Isso até era uma coisa que não era muito ética, porque você está passando informação da sua apuração para outra redação. Mas era assim que a gente fazia para que um não fosse prejudicado porque o outro correu para fazer uma matéria e o cara não sabia. Então a madrugada cria uma irmandade. Você tem uma irmandade da madrugada que até hoje eu lembro de todos da minha época. Na Manchete era o Marcos Lucas, na TV Globo era a Virgínia e o Castelo repórter, Luís Paulo Mesquita era o cinegrafista, tinha o Brás também que revezava, na Rádio Globo o Marco Antônio de Jesus que está até hoje, no Globo era o Jorge Martins e o Cláudio Nogueira. No Dia era o Paulinho, o Néelson Feitosa, o Osvaldo Prado, fotógrafo. Às vezes tinha o Jorge Ramos também, que era um fotógrafo antigo, que era fotógrafo do IML (Instituto Médico Legal). Naquela época, a polícia já não tinha dinheiro, então os peritos tinham que fotografar os crimes e não tinham filme. Uma forma que a gente fazia para ter acesso aos cadáveres, aos mortos, era dando filme para a perícia. Então o perito chegava, se tivesse uma equipe de fotografia, de reportagem, a primeira coisa que o perito perguntava para o fotógrafo era se ele tinha filme. E aí o fotógrafo pegava o filme do jornal, a gente usava filme preto e branco, e dava um rolo de filme para ele. E com aquele rolo de filme ele tinha direito de fazer três fotos por crime, então um filme de 36 poses ele usava para fazer todos os crimes da madrugada. E aí eles deixavam o nosso fotógrafo fotografar. Porque, assim, os crimes aconteciam, a madrugada já era violenta, mas não era tão violenta como hoje que fosse proibido que você fosse a alguns lugares. A gente ia aos lugares mais barra pesada, como Santa Cruz, Campo Grande, a Zona Oeste inteira. Na Zona Norte, aquela área de Madureira, Turiaçu era área de desova, então os assassinos matavam e desovavam num lugar ermo. E a gente tinha que fazer a foto do local. Às vezes era tão ermo, tão perigoso, que o policial militar que é obrigado a ficar guardando o corpo para a perícia acendia uma vela, deixava a vela do lado do corpo e a gente procurava a vela acesa para saber onde é que estava o corpo. Às vezes os policiais estavam escondidos porque podia ter bandido ali ainda. Nosso equipamento era a câmera fotográfica, o meu bloquinho, a caneta e uma lanterna. Porque a lanterna era para procurar e aí a gente achava o PM. Às vezes, a gente ia com a lanterna no meio da escuridão procurando o cadáver. Quando achava, usava a lanterna para ajudar o fotógrafo a fazer foco, porque as máquinas não eram de

autofoco. Então ele tinha que ter uma luz para focar. Eu botava a lanterna em cima do cadáver, que a gente chamava de presunto. Você perde um pouco a sensibilidade, né? Isso é uma coisa que eu quis sair da madrugada por causa disso. Você começa a banalizar tanto um crime que um corpo não tem mais sentido: é só uma matéria. Então, a gente perguntava: “cadê o presunto, cadê o presunto?” E chegava, achava às vezes coisas muito horrorosas. Por exemplo, estuprador, geralmente morre com um cabo de vassoura enfiado no rabo. E a gente não tinha muita testemunha. Os crimes não têm testemunha. A gente tinha que entrevistar o cenário, tinha que entrevistar o cadáver e olhar para cara dele e imaginar. Se está com as partes genitais queimadas é porque ele é estuprador. Se ele é ladrão, as vezes eles cortam a mão do cara. Se é uma desova dentro de um carro, e isso acontecia muito, tinha a ver com tráfico de drogas.

4) E você chegou a criar fontes nessa época?

Moreira: As fontes, quem era a fonte? A PM tinha um serviço que era para atender jornalistas que ligavam para isso. De madrugada e durante o dia também. Tinha um cara que era o sargento Silas. E esse sargento Silas era um boa praça. Ele concentrava todas as ligações de 190 e te passava já filtrado o que é que tinha de bom e o que não tinha de bom. E a gente fazia desde aquela época um encontro de coleguinhas que até hoje tem.

5) Pois é, como é que era relação com os outros jornalistas?

Moreira: A relação com os coleguinhas era assim: todo mundo chegava e fazia a sua ronda. Os preguiçosos que não quisessem fazer, não precisava porque alguém ia ligar. E a gente começava a ligar para os coleguinhas para trocar as informações das rondas. Depois que a gente trocava, a gente decidia: “para onde a gente vai correr”? Eu como era da Notícia tinha que correr para o crime, homicídio. O Globo não precisava, Jornal do Brasil não precisava e O Povo precisava. Quem acabava sendo seu melhor amigo era seu concorrente principal, o repórter do jornal O Povo. Ele me ligava para dizer onde ele ia. Ele não saía da redação sem me ligar e eu fazia a mesma coisa, não saía sem ligar para ele. E quando o crime era grande ou no Centro da cidade ou na Zona Sul, aí todo mundo corria. A gente combinava de correr, garantir a matéria e a gente depois ia comer. A gente comia muito no Cadeg. Na verdade, a gente comia onde tinha restaurante perto, mas como para muitos crimes a gente passava pela Avenida Brasil, a gente passava no Cadeg para tomar sopa. Lá tinha uma sopa da madrugada maravilhosa, sopa de entulho. E quando a gente estava com muita fome, a gente comia o bifão, que tem até hoje. Eu passei um ano assim, era o meu começo de carreira, então tudo para mim era festa. A madrugada, além de criar esse sentimento de solidariedade entre os amigos, te ensina outra coisa, que é a sua capacidade de discernimento que eu usei para o resto da minha vida como profissional de jornalismo. Porque na madrugada você não tem um chefe para consultar, então você tem que saber avaliar o que é notícia e o que não é notícia. E você corre ou não dependendo do seu discernimento. Um aprendizado que eu ganhei nessa época foi que, se está em dúvida corre, porque todas as vezes que eu não corri, que eu achei que não valia a pena, era uma boa notícia, era uma boa reportagem para o perfil do jornal.

6) E o que fazia você correr para uma história e não correr para outra?

Moreira: Não tem muita regra não. É muito bom senso. Tem uma história, que foi a minha primeira matéria que deu capa no Jornal do Brasil. Isso é um exemplo de

você correr ou não. Eu cheguei para trabalhar e um senhor tinha morrido de infarto em uma fila. O nome do senhor era Jesus. Aí eu cheguei lá, entrevistei a família e eles me contaram que ele chegou lá de madrugada para ser atendido no hospital. Descobri a história na ronda. A Polícia Militar me falou. “Tem um senhor que morreu, mas não foi crime”. Isso é uma coisa que, em geral, você não corre. Só que aí, aí eu comecei a imaginar. “Ele estava esperando para ser atendido no hospital, morreu na porta do hospital, essa história é boa”. Aí eu contei para os coleguinhas e ninguém quis correr. Quando cheguei lá, era um senhor chamado Jesus e a fila era do INSS. Isso para o Jornal do Brasil era muito mais notícia que um assassinato, porque os assassinatos eram violência urbana, eram coisas corriqueiras da madrugada e o jornal não publicava isso. O Jornal do Brasil era um jornal que tinha um outro tipo de leitor, o leitor não queria ler esse tipo de matéria. Mas Jesus morrendo na fila doo INSS era notícia na primeira página. Depois de publicada, ela começou a sair nas rádios. E aí comecei a perceber a diferença de trabalhar no Jornal do Brasil e trabalhar na Notícia. Quando você publica uma notícia no Jornal do Brasil ela repercute. Tem outra história que eu corri e que ninguém quis correr e que foi talvez a minha melhor história que eu fiz na madrugada. Era final do Campeonato Brasileiro de 1992 entre Flamengo e Botafogo com dois jogos na final. O Botafogo era o favorito. Tinha Renato Gaúcho, Valdeir, era um grande time. E o Flamengo estava com um time assim, Júnior em final de carreira, tinham muitos jogadores ali que iam até parar na Seleção Brasileira, mas o Flamengo chegou meio arrastado na final. No primeiro jogo o Flamengo ganhou de três a zero. Quando eu cheguei no jornal me ligaram. Não fui nem eu fazendo a apuração não, alguém ligou para a redação. E o jornal recebia muito telefonema. Mesmo o JB, as pessoas ligavam. O cara ligou para falar que tinha acontecido uma briga numa boate na Barra da Tijuca, numa boate chamada Ilha dos Pescadores, que não sei se ainda existe. Era uma briga de gangues de luta. Naquela época tinha as turmas do jiu-jitsu geralmente da família Gracie e tinha uma outra turma que era de boxe tailandês, então era uma briga de uma turma jiu-jitsu contra uma turma de boxe tailandês. Isso era por volta de umas dez da noite. Eu liguei para O Globo. Liguei para o Jorge Martins (repórter de O Globo na época). “Jorge, tem uma briga lá Ilha dos Pescadores, lá na Barra, vou correr para lá”. “Ah, não vou nessa briga não, isso deve ser uma briga fraca”. Eu corri sozinho, chamei o fotógrafo, Marcelo Teobaldo, que hoje está no Extra, pegamos o carro e fomos lá para a Ilha dos Pescadores. Quando a gente chega, a primeira cena que a gente viu foi o Renato Gaúcho saindo. A Ilha dos Pecadores, como o nome diz, é uma ilha. Você parava o carro na parte do continente e tinha que atravessar uma pontezinha para ir para a boate. Na contramão da gente vinha o Renato Gaúcho. E o Renato Gaúcho tinha jogado pelo Botafogo naquele dia e tinha perdido de três a zero. Eu já achei estranho ele estar numa boate comemorando. Mas a nossa matéria era a briga, então a gente estava mais focado na briga. A gente começou a conversar com as pessoas na boate. O Ryan Gracie tinha brigado com o cara e tal. A gente apurou um pouquinho da história e aí uma das pessoas com quem a gente conversou falou. “Olha, tinha uma turma do Flamengo aqui comemorando, uns jogadores”. Aí eu falei. “Po, eu vi o Renato Gaúcho do Botafogo e tem uma turma do Flamengo comemorando?” Fomos atrás do Renato Gaúcho, que ainda estava no estacionamento. Ele estava esperando chegar o Gaúcho, que era o centroavante do Flamengo e melhor amigo dele. Perguntei: “Renato, que que aconteceu?” “A gente estava na boate”. “Quem estava?”, perguntei. Só tinha jogador do Flamengo. O Rogério que era o zagueiro, o Paulo Nunes que era um ponta direita, o Júnior Baiano que depois foi para a

Seleção, o Gaúcho... Ele estava esperando o Gaúcho chegar porque ele estava preocupado achando que o Gaúcho tinha apanhado lá dentro. De repente, vem o Gaúcho completamente bêbado, carregado por duas mulheres que eram duas irmãs gêmeas que trabalhavam no Xou da Xuxa. Elas colocaram ele na picape do carro, que eu não sei se era do Renato Gaúcho ou do Gaúcho. O Renato Gaúcho sai dirigindo e as mulheres em cima, foram embora. Aí vem o Rogério, que era um zagueiro. O Rogério tinha jogado bola com meu primo no Colégio Salesiano, lá em Rocha Miranda. Eu falei. “Rogério, você jogava como o meu primo Janilton no Salesiano. O que aconteceu?” Ele foi contando a história toda. E ainda falou assim, “Não comenta que eu estava aí não porque eu sou noivo”. E aí aquela coisa de respeitar ou não a fonte, né? Ele tinha me contado a história toda e eu achei que se eu não falasse a verdade eu estaria omitindo. Ele foi a minha fonte e pediu para não revelar que ele estava, mas eu escrevi que ele estava, e aí a consequência disso. Pegou muito mal no Botafogo o Renato Gaúcho estar lá comemorando com os jogadores do Flamengo. Eu não lembro se ele foi suspenso ou se teve o contrato rescendido. Só sei que ele não jogou o último jogo da final.

7) Quais você acha que são as principais limitações do horário?

Moreira: A madrugada dos anos 1990 era bem diferente da madrugada de hoje. Hoje você não pode circular como a gente circulava. A gente tinha o recurso que a gente precisava. A gente tinha um carro de reportagem. O nosso equipamento era bom, uma câmera fotográfica de última geração e a gente tinha os recursos de apuração que era o rádio, e o rádio funcionava muito bem.

8) E depois quando você começou a trabalhar como chefe de reportagem, como é que você começou a ver a importância da equipe da madrugada? Que diferença ela faz para o dia a dia da redação?

Moreira: A madrugada é o goleiro do time de futebol. Se você deixar escapar na madrugada, só tem você e aí a culpa é sua. Durante o dia você tem dez equipes, vinte equipes. Se passa uma notícia, tem mais gente para dividir a responsabilidade do erro. Então na madrugada, se ninguém reclama é porque você está indo bem. Se você fizer uma bobagem, você que vai levar o esporro, porque estava lá sozinho. Você não pode ter preguiça, porque o repórter da madrugada pode achar que como ele está trabalhando na madrugada pouca coisa acontece. Ele faz coisas durante o dia e vai trabalhar para dormir. Eu trabalhei com muitos que eram assim. Eu trabalhei no JB, não vou dar os nomes dos caras, mas os caras já tinham até um colchonete debaixo da mesa. Se você entra nesse ritmo, você não faz nada. Então as dicas que eu dou para o cara da madrugada é: acredita nas bolas, porque a sua matéria ela pode estar onde você menos espera. Tem que tentar ter um olhar diferenciado, procurar não olhar só para a notícia que está na sua frente, mas procurar ver o ambiente, porque sempre tem uma curiosidade.

9) Que tipo de assunto mais se aborda na madrugada?

Moreira: A madrugada é muito rica. A tendência é fazer o fácil, é fazer polícia. A tendência é essa, se você não quer se preocupar muito vai ter matéria de polícia. Isso até como editor-chefe foi um aprendizado que eu tive: não vai pelo caminho fácil da polícia. Mesmo que dê audiência, mesmo que atraia muito a atenção das pessoas, você fica pesado, fica monotemático, acaba enjoando seu telespectador. Você tem que ter olhares para outras coisas. A madrugada tem matérias de comportamento, inúmeras matérias de comportamento. Os trabalhadores da

madrugada, as pessoas que se divertem na madrugada praticando esporte. No verão você tem aquela praia ali do Arpoador. Na minha época eu procurava ver o que que tinha na madrugada de diferente e trazer esse universo da madrugada para o leitor. Por mais que seja uma coisa que todo mundo ache que tem todo dia, você não pode ser o velho jornalista, aquele que acha que tudo é velho. Tem que ter o estranhamento, tem que estranhar tudo sempre. É procurar fugir das matérias de violência. Como eu trabalhei no começo vendo muito crime, aquilo começou a me causar, não é tristeza, mas comecei a me preocupar com aquilo achando que podia ficar rotulado como repórter policial. Comecei a procurar fazer outros tipos de matéria. Eu queria fazer matéria de tudo. O Drummond, por exemplo, na época não existia aquela estátua, mas lá na (Avenida) Rainha Elisabeth tem o prédio em que ele morou. E pouca gente sabe que na calçada onde ele morou tem um poema escrito nas pedras portuguesas. E tem um jardim ali. Um jardineiro do prédio cuidava do jardim do prédio do Drummond. Então aquilo era uma matéria. O cara estava jogando água nas flores de madrugada. Então eu fiz a matéria do guardião da obra de Drummond. É diferente. Está na frente de todo mundo só que ninguém vê.

10) Como é que você definiria um repórter na madrugada?

Moreira: Como eu definiria um bom repórter da madrugada? O bom repórter da madrugada é aquilo que eu acabei de dizer a você: um cara que não pode ter preguiça, que tem que exercitar muito o discernimento dele de avaliação do que é notícia do que que não é notícia e que tem que acreditar muito nas matérias. Toda vez que ele correr ele tem que ir para a rua com um olhar diferente e mesmo quando ele não está trabalhando. O jornalista é jornalista 24 horas por dia. Você não deixa de ser jornalista em nenhum momento. Você tem que estar olhando, procurando, tentando enxergar onde tem uma notícia interessante e, quando estiver trabalhando, fazer essas notícias.

APÊNDICE 12

Entrevista com Marcos Antônio de Jesus, repórter. Na época da entrevista, repórter da Rádio CBN.

1) Conta um pouquinho da sua trajetória, por favor

Marcos: Meu primeiro estágio foi na Rádio Jornal do Brasil. Comecei lá como estagiário no segundo período da faculdade. Depois fiquei dois anos aqui no Sistema Globo de Rádio, saí e fui para um jornal que não existe mais, que é o Última Hora. Depois voltei para cá, mas não voltei na madrugada. Voltei durante o dia de quatro às onze. Em 1992, eu vim em definitivo para a madrugada. São 24 anos já fazendo madrugada. Mas nesse período eu não parei de estudar porque eu acho que o jornalista tem que estar sempre tendo que se atualizar. Já fiz pós-graduação, MBA, inglês, espanhol. Acho que o jornalista sempre tem que se atualizar senão ele fica para trás.

2) Quantas pessoas trabalham com você aqui no Sistema Globo de Rádio durante a madrugada? Essa estrutura já foi maior ou menor?

Marcos: Já foi maior, mas agora aqui na redação fica só eu durante a madrugada. Tem o Frederico Goulart que está fazendo as férias de Ceci Mello de três às seis da manhã. Ele fica aqui só preparando o programa, não interfere na apuração e nem na reportagem. Lá embaixo no estúdio, de meia-noite às três, fica a Andréia Ferreira que faz o CBN madrugada. Depois fica a Ceci, mas ela está de férias. Mas eles não interferem na minha parte, muito pelo contrário, eu é que interfiro, se acontecer alguma coisa eu é que entro na programação. Em relação ao noticiário, eu faço a ronda e analiso se a matéria vale eu ir para a rua. Se não, eu faço por aqui mesmo. Como aqui a gente tem um site, eu fotografo e também filmo, faço aqui um videozinho pequeno porque também não pode ser muito grande para o site. Se tiver sonora, antes de gravar eu separo e depois incluo.

3) E como é que é a sua rotina de trabalho?

Marcos: Vou de dez da noite às seis da manhã. Aí eu chego vendo o que que está acontecendo, vejo com os colegas e depois começo a fazer ronda. É muito mais difícil você conseguir alguma informação na madrugada porque ligo para a assessoria de imprensa, mas assessoria não trabalha nesse horário. Aí você tem que contar com aquelas fontes que você tem tanto na PM, quanto na Polícia Civil, na Defesa Civil. Na madrugada você tem que contar com as suas fontes, porque é muito difícil conseguir por telefone qualquer informação.

4) E como é que você fez para conquistar essas fontes todas?

Marcos: Indo na rua, aí pega telefone. Aí você começa a conversar com as pessoas, vai mostrando que não é nenhum ser de outro mundo, que sabe se ambientar. A pior coisa que você pode fazer é tentar se impor para essas pessoas tipo policial militar, bombeiro. Você tem que chegar e tentar convencê-las, chegar perto deles sem se impor. Já inclusive, algumas vezes, eu tive que interceder para que não houvesse um atrito entre colegas nossos e policiais exatamente porque alguns colegas chegam querendo se impor, e não é assim, você tem que ir conquistando porque, infelizmente, a gente depende deles para ter a informação. É aquilo que eu digo, o repórter é a ligação entre o fato e a pessoa que está assistindo. A pessoa que vai ler o jornal, a pessoa que está ouvindo o rádio. Ele não é a notícia, ele simplesmente transmite a notícia.

5) Como é que você acha que as práticas jornalísticas e as rotinas profissionais da madrugada são diferentes em relação ao período diurno?

Marcos: Quem trabalha de dia tem a vantagem de ter a assessoria. Você tem uma dificuldade você liga para o assessor. Já fiz muito disso no período em que trabalhei de dia de ter uma dificuldade e ligar para os assessores tanto da Polícia Civil quanto da Polícia Militar. Alguns eram muito amigos e através deles eu conseguia muita informação que às vezes os policiais de plantão, bombeiros não passavam. Não sei se você já ouviu falar do Coronel Pinguim¹⁰⁴, que era um símbolo dos Bombeiros e que volta e meia estava salvando pinguim na praia. Ele era uma grande fonte de qualquer informação. Quando você tinha uma dificuldade você ligava para ele e ele te ajudava mesmo de madrugada. Hoje em dia tem até uma vantagem em

¹⁰⁴ Coronel Pinguim é como ficou conhecido o Coronel Marcos Silva. Ele foi comandante do Grupamento Marítimo do Corpo de Bombeiros e apareceu diversas vezes na imprensa em resgates de pinguins que chegavam às praias cariocas. Já foi também chefe do Estado-Maior do Corpo de Bombeiros e atualmente está reformado.

comparação com alguns anos atrás. Eu faço parte de uns grupos de WhatsApp com PMs, policiais civis, bombeiros. E aí às vezes até pelo WhatsApp eu consigo essas informações que a assessoria não vai me passar.

6) Há uma tendência nas redações que é de os repórteres irem cada vez menos para as ruas. Você acha que na madrugada é diferente? Ou não?

Marcos: O problema é que você tem que conseguir algumas imagens. Por exemplo, hoje tive que ir lá para a Washington Luís, para Duque de Caxias porque eu não ia conseguir imagens dos caminhões que foram roubados, do ônibus que fizeram reféns. Os caras praticaram um assalto, fizeram refém e aí eu tive que ir para lá entrevistar a mulher que ficou refém. Ela ganhou um golpe dos ladrões. Então, para conversar com os PMs sobre a reação deles no caso, só na rua. Já em algumas outras matérias às vezes não interessa você ir para a rua não. Você pode apurar por aqui, entrar nos contatos. Outras obrigatoriamente você tem que ir para a rua para poder fazer uma imagem ou, no caso aqui, para ter sonora para ilustrar a sua matéria.

7) Uma das características da madrugada é a colaboração entre os repórteres, né? Como funciona isso?

Marcos: No meu caso, por exemplo, eu não tenho esse negócio de fazer furo, eu não tenho aquela coisa do furo. Eu divido quase tudo. Acho que 95% do que eu faço. A não ser que me mandem fazer uma matéria produzida. Aí eu vou sem avisar. Mas, no dia a dia, eu não saio sem avisar, porque sou amigo de todo mundo que está na madrugada

8) Nesse tempo todo que você está na madrugada, você já criou laços de amizade?

Marcos: Criei, criei sim. Tenho amigos em todas as redações, seja na concorrente, aqui na CBN, nas emissoras de TV, no jornal O Globo. Só não tenho mais nos outros jornais, porque eles terminaram com a madrugada. Mas todo o pessoal da madrugada eu sou amigo. Alguns eu sou mais amigo, tem aquele negócio de ir em festa de aniversário. Outros é um relacionamento profissional mas faço o melhor possível. Tento criar um clima de amizade aproximando pessoas que não se dão tão bem assim

9) Para você, quais são as principais limitações deste horário da madrugada?

Marcos: Como eu te disse, a dificuldade às vezes de falar com os Bombeiros, por exemplo, porque eles mandam direto para a assessoria. E, claro, os locais de risco. Você tem que ser muito mais precavido que o pessoal da manhã, porque de manhã, por exemplo, num tiroteio, você tem uma noção de onde está partindo o tiro. De noite você geralmente só escuta o tiro, e quando você escuta o barulho, geralmente a bala já saiu há muito tempo. O Gelson (Domingos) morreu a poucos metros de mim. Inclusive durante muito tempo eu me culpei pela morte dele. Porque, na verdade, a gente estava na porta do Batalhão de Choque esperando que eles fossem para a Rocinha, porque naquela época estavam rolando as ocupações para colocar UPP e a Rocinha seria a próxima. Quando eles saíram do batalhão e a gente começou a segui-los, percebi que eles pegaram a Avenida Brasil. E aí eu já falei que a Rocinha não era. O Gelson estava na Rocinha com um repórter esperando os policiais chegarem lá e, quando descobrimos que a polícia não ia para lá, ele foi me perguntando qual era o caminho. Quando chegamos em Antares, que era o local da

operação, ele e os outros cinegrafistas foram para o beco onde a PM estava. A gente não conseguiu porque era muito tiro. Quem conhece ali, sabe. Tem a favela do Rola e tem a favela de Antares e vinha tiro das duas favelas. Só quando a PM já veio trazendo ele ferido é que a gente teve a noção do que estava acontecendo. Durante muito tempo eu me culpei, mas depois percebi que eu estava guiando um colega para uma matéria. O fato dele ter ido para esse beco não tem nada a ver com o que eu fiz.

10) A segurança é uma coisa que te limita muito?

Marcos: A segurança é. Não só a minha, mas a do motorista que trabalha comigo. Eu penso primeiro em não colocar a vida dele em risco. Mas tem coisas que você é pego de surpresa. Uma vez a gente tinha ido cobrir um acidente na (Rodovia Presidente) Dutra e quando a gente estava voltando tivemos que parar no meio de um tiroteio na Avenida Brasil. Foi até notícia. As pessoas tiveram que saltar dos ônibus para se proteger nas muretas da Avenida Brasil porque era um tiroteio de Manguinhos para a Vila do João. Isso eram duas e pouco da madrugada. Foi a primeira vez que eu vi um helicóptero ser utilizado na madrugada. Tiveram que botar um helicóptero lá para controlar a situação. Nós ficamos uma hora e pouca deitados na mureta da Avenida Brasil esperando acabar porque não tinha como passar. A madrugada tem essas coisas que você é pego de surpresa, porque eu acho que durante o dia você pode evitar.

11) Você faz reportagens tanto para a Rádio Globo quanto para a CBN. Tem alguma diferença do que seria pauta para uma rádio ou pauta para outra?

Marcos: Tem, tem. Até a linguagem é um pouco diferente. A Rádio Globo tem um público mais popular. A CBN já é mais classes A e B. Então na entrada ao vivo você tem quem usar linguagens diferentes.

12) Como é que você define o que é uma pauta? E se você vai correr para ela ou não?

Marcos: A localização, se é uma notícia importante ou não. Eu vou avaliando. Um tiroteio no Leme ou em Copacabana ou Ipanema, sem querer fazer qualquer tipo de discriminação, é uma coisa. Um tiroteio em Belford Roxo é outra totalmente diferente. Não é discriminação, mas, por exemplo, é muito mais fácil chegar em Copacabana, Leme, Ipanema. É mais fácil uma pessoa importante ser baleada na Zona Sul. Não é distinção de pessoas, não estou querendo dizer que as pessoas que moram em Belford Roxo são menos importantes, mas o problema é que a repercussão de um caso em Ipanema, Copacabana, na Zona Sul ou na Barra da Tijuca é muito maior do que em Belford Roxo.

13) Que tipo de assunto que mais se aborda na madrugada?

Marcos: Geralmente é policial, mas eu faço de tudo. Eu já fiz Presidente da República que veio no carnaval, já fiz chegada de jogador de futebol, já fiz vários assuntos. Mas geralmente de madrugada o forte mesmo é a área policial, né? Essas tragédias, infelizmente, quando estamos em época de temporal. Mas de madrugada você faz de tudo. É aquilo que eu digo, às vezes a pessoa que trabalha de dia não faz o que se faz de madrugada. Mas a pessoa que faz a madrugada está totalmente capacitada para trabalhar durante o dia. Ele já faz de tudo na madrugada. Durante o

dia às vezes as pessoas são separadas por setor. Na madrugada como só tem você, você se vira para tudo.

14) Me conta alguma história marcante da sua carreira

Marcos: Teve o caso da Daniela Perez, né, que foi por acaso que eu descobri. Tinha uma menina que costumava ligar para cá de madrugada. Não só para cá, mas para várias redações durante a madrugada. Ela namorava um detetive da 16ª DP¹⁰⁵ e aí ele falou para ela que tinha uma garota morta que era muito parecida com a Daniela Perez lá na Barra. Quando ela ligou para mim e falou isso eu pensei: “bom, eu vou confirmar com a PM primeiro”. A Polícia Militar confirmou. Na época não tinha essa dificuldade toda que se tem hoje de qualquer coisa ter que ligar para assessoria. A PM confirmou que havia uma pessoa morta lá e que estava esperando a perícia, essas coisas. A moça ligou por volta de umas onze horas da noite. Hoje em dia eu acho que nem existe mais aquele local, já construíram prédio. Acabou que eu cheguei lá praticamente junto com a Glória Perez. Antes de sair, eu avisei os coleguinhas. Eu fui o primeiro a chegar. Até então não se sabia como ela tinha sido morta. É uma coisa que até hoje, já são 24 anos, eu não esqueço, porque ela era pequenininha, uma menina pequena, não era alta, então aquela cena ali me marcou muito. Ela deitada perto da árvore, o corpo estava do lado da árvore e as a marcas de tesourada que ela levou. Uma coisa que chamou a atenção foi o fato do assassino ter ido até o local lá e ter se colocado à disposição tanto da mãe quanto do marido dela, o Raul Gazola. Ele se emocionou coisa e tal e eles acharam que ele estava ali realmente de boa intenção. Eles acharam que ele estava ali como amigo e na verdade não era nada disso. Algumas horas depois todo mundo soube que ele era o assassino. O delegado foi na casa dele por volta de oito e meia da manhã, coisa assim. Naquele dia eu só consegui sair da Barra da Tijuca depois de uma da tarde. Foi um dia tumultuado, se não me engano, foi o dia do impeachment do Collor. Foi um dia tumultuadíssimo, não havia nem rendição. Além disso teve a chacina da Candelária. Eu soube por acaso, não fui o primeiro, mas eu avisei a todo mundo. Uma pessoa que ligou falando que tinha um monte de corpos, mas na verdade não eram corpos, muita criança, que ainda estava com medo, estava se protegendo, tanto que teve um grupo, não sei se dois ou três que se protegeram em cima de uma banca de jornal e de lá da banca eles testemunharam os outros sendo assassinados. Isso foi entre onze e meia-noite. Foram policiais que fizeram. Só que a princípio acusaram cinco que acabaram absolvidos. A ocupação do Alemão eu estava lá, passei a noite toda lá. A invasão dos bombeiros, quando teve aquela greve dos bombeiros, eu entrei ao vivo pela CBN na hora que os PMs invadiram o quartel, começaram a jogar bomba. Porque a PM começou a entrar por trás, quando estava todo mundo concentrado na parte da frente do quartel.

15) Você gosta de trabalhar de madrugada?

Marcos: Eu gosto. Para mim até é uma vantagem porque eu posso ter o dia mais livre. Eu saio daqui antes de ir dormir, eu passo em casa, troco de roupa, vou para academia, só depois da academia eu volto para casa para dormir. Porque se você tiver o hábito de só comer, dormir e trabalhar você vai engordar rapidinho. Porque você come muita besteira. Eu trago muita fruta, eu como muita fruta aqui, mas o perfil das pessoas da madrugada é um perfil de pessoas mais cheinhas, porque come besteira e não se exercita.

¹⁰⁵ Delegacia da Barra da Tijuca.

16) Quais diferenciais você acha que o profissional da madrugada tem que ter?

Marcos: Tem que abrir mão de vez em quando de festas, porque você está no meio da festa e tem que sair. Mas, geralmente, eu consigo me programar, porque eu tenho uma vida normal. As pessoas têm mania de perguntar assim: “quando você está de folga dorme em horário normal”? Tenho vontade de responder só de propósito que eu fico acordado como se eu estivesse de plantão. Claro que eu durmo, a não ser que eu tenha saído e chegue um pouco mais tarde, eu durmo normalmente. Tem gente que diz que tem dificuldade porque tem que ficar acordado o dia todo porque tem que dormir na folga. Não tenho isso não, deu meia-noite, uma hora da manhã se eu não estiver na rua, eu vou dormir normalmente. Também não pode ter medo, né? Eu tenho um colega, que eu não vou falar o nome, que ele tinha um pavor... “Tem um tiroteio ali, vamos ali em Nilópolis”. Para ele, não dava. Ele tem pavor de andar em certos lugares. Não pode ser assim. Claro que você não vai se colocar em risco, não vai colocar o motorista que está do seu lado em risco. Tem que avaliar isso. Mas também não pode ter medo, porque senão “ah, está tendo assalto no metrô”, você não vai mais andar de metrô? Estão roubando carro, você não vai andar mais de carro? Então você vai se limitar. Mesma coisa é no jornalismo. Você não pode se limitar por causa da violência. Está ruim a violência? Está, mas você não pode se limitar. Eu acho que o principal é você não ter medo. Durante a madrugada você não pode ter medo, porque, às vezes, você vai para uns lugares realmente sinistros.

17) O que te motiva a continuar de madrugada?

Marcos: Para mim a madrugada é um horário como outro qualquer. Se falassem assim: “você quer vir para o dia”? Dependendo da oferta eu iria normalmente. Não vejo assim grandes diferenças não. Aquilo que costumo dizer, as pessoas falam: “ah você se acostumou”. Não, eu me adaptei. Acostumar ninguém se acostuma. Tanto que como eu te falei, quando eu estou de folga, eu durmo normalmente. Eu me adaptei para trabalhar de madrugada. Consigo usar o resto do dia de uma forma, como eu te disse, posso estudar, posso fazer outras coisas, posso fazer palestra, como já fiz várias, posso dar aula, mas eu faria eu me adaptaria também durante o dia, se tivesse que trabalhar durante o dia.

18) Como é que você definiria um repórter da madrugada?

Marcos: Um cara que não dorme, pelo menos durante a madrugada. Definiria ele como um repórter normal. Não acho que ele tenha que ter uma habilidade maior. A única coisa que ele tem que ter a mais é paciência, porque é um exercício de paciência. Às vezes, você liga para as pessoas e mandam ligar para a assessoria. Assessoria de madrugada não tem como. Ou malucos. O que liga de malucos para a redação é impressionante. Tem muita gente que dá informação muito boa, mas o que liga de maluco de madrugada é uma grandeza. Você é um para-raios de loucuras.

APÊNDICE 13

Entrevista com Mariana Cardoso, produtora da TV Globo

1) Conta um pouquinho da sua formação e da sua experiência profissional, por favor.

Mariana: Durante os meus quatro anos de faculdade em Juiz de Fora eu sempre estagiei. Meu primeiro estágio foi na produtora de multimeios da faculdade. Sempre trabalhei com audiovisual. Eles tinham um programa de TV lá que ia ao ar toda semana na TV local. Logo depois eu passei pelo rádio e pelo impresso também da faculdade. E aí conheci o projeto Estagiar da Globo e vim tentar né? Mas sem expectativa nenhuma. Me inscrevi pela internet, meu currículo foi selecionado. Logo depois vieram as provas online. Mais uma parte do processo que eu passei também. E aí começou a avançar nas etapas e eu nunca tinha pisado no Rio de Janeiro. Isso aí foi a coisa mais interessante desse processo todo. Eu vim ao Rio pela primeira vez participar da etapa presencial que era uma das últimas. Acabou que no final da história toda fui chamada para ser estagiária do G1. Isso eu ainda estava na faculdade, não consegui transferência para a UFRJ e fiquei aqui fazendo estágio com a ajuda dos meus professores. Eu realizava atividades a distância para complementar minha nota. Fiz minha monografia toda a distância. Consegui concluir a minha faculdade com seis meses de atraso. Terminei a faculdade e o estágio paralelos. Não tinha vaga no G1. Aí eu voltei para minha casa em Minas, passei um tempo lá, com a minha mãe, um mês lá com meus pais. E aí me ligaram para fazer parte do Ego, para cobrir uma licença lá. Mesmo não tendo interesse, eu vim pela oportunidade de voltar. Fiquei 15 dias lá cobrindo uma licença e no décimo-quarto dia, um dia antes do meu período acabar, a Patrícia (Andrade – chefe de reportagem da Editoria Rio da TV Globo) me chamou para fazer parte da editoria. Só que tinha um detalhe: além de eu nunca ter feito TV *hard news*, eu teria que fazer a madrugada. Isso era um outro tipo de experiência bastante diferente de que eu tinha vivido. Foi uma experiência totalmente nova. E já tem cinco meses que eu estou trabalhando na Editoria Rio na madrugada.

2) Qual a estrutura hoje da TV Globo na madrugada? Quantas pessoas trabalham? Em quais funções?

Mariana: Sabe que é uma coisa que eu nunca parei para pensar? Como é formada a nossa equipe assim não por divisão de tarefas, mas pela quantidade de pessoas. Uma produtora, que no caso sou eu, dois repórteres, dois cinegrafistas, um editor e um editor de imagem. Isso seria a nossa equipe da Editoria Rio. Lógico que tem outras pessoas trabalhando na TV que a gente vê os corredores mais cheios, mas na editoria, no factual, é isso.

3) E como é a sua rotina?

Mariana: A minha rotina normalmente é bastante agitada. Eu tenho que chegar na informação sem ter um meio entre mim e a minha fonte que no caso é uma assessoria, que facilita bastante o trabalho de nós jornalistas. Não existe assessoria durante a madrugada. Existe a assessoria do Corpo de Bombeiros, que eles dizem que existe, mas que não atende o telefone. Não atendem o telefone, não consigo o contato, eu sou maltratada pelos bombeiros dos quartéis, porque eles sempre frisam que eu devo procurar as assessorias e ninguém nunca me atende. Então, minha rotina é a seguinte: sempre chego na redação por volta de meia-noite. Se existe alguma história de matéria da noite, eu dou sequência, continuo a apuração, vejo

para onde a minha equipe tem que correr, o que que ela tem que fazer. Se já tiver uma coisa definida, uma coisa que já tenha começado. Caso contrário eu vou começar fazendo uma ronda por todos os quartéis da região do Rio e Grande Rio. São 41 batalhões da Polícia Militar, mas tem as exceções aí que eu não ligo, são uns dez batalhões que eu deixo de ligar. Eu ligo para mais ou menos 30 batalhões por dia quando não acontece nada né? Porque aí eu tenho um tempo para eu ligar. Eu gasto mais ou menos aí uma hora e vinte, já até cronometrei esse tempo. Se durante essa ronda que eu faço surge um caso bom que o policial me passou e tal, tenho que parar para me cercar de onde eu vou conseguir mais informações além daquelas que a própria polícia já me passou e onde que eu vou conseguir isso. Pode ser com os bombeiros, que deveriam me atender, com a delegacia da área, e também Facebook, que hoje é uma das principais fontes que eu tenho no trabalho. Facebook e Twitter. A gente tem a plataforma do WhatsApp corporativo da Globo, mas hoje não tem me ajudado tanto quanto ajudava na época em que foi implantado. O Twitter é a minha principal fonte. O Facebook me ajuda bastante porque ali eu tenho mais acesso a fotos e à pessoa que publicou. É mais fácil para mim fazer contato com a pessoa para pedir autorização para usar o material e para ter acesso à informação que essa pessoa estava lá vendo. A gente busca esses materiais, já que na madrugada, às vezes, a gente tem restrições. Para chegar a determinado ponto do Rio, a empresa não permite que a equipe vá por questão de segurança. E nisso eu tenho que buscar imagens, porque televisão é imagem. Tudo bem que uma foto não é tão boa quanto um vídeo, mas já é alguma coisa. Mesmo a equipe da madrugada tendo uma pauta eu tenho uma segunda equipe. Às vezes essa equipe está casada com um repórter, às vezes ela não está casada com repórter. Mesmo assim eu tenho essa equipe para me ajudar a ter acesso a mais informações do local do fato jornalístico e de ter acesso a imagem, que é a principal coisa que eu preciso, né? De qualquer forma, vou fazer minha ronda independente das duas equipes estarem pautadas. Eu sempre vou fazer a minha ronda. Ainda não aconteceu de fazer a ronda e não ter nada. Depois da ronda eu tenho um tempo livre. Às vezes eu bato uma bola com o editor sobre como que a gente vai fazer essa matéria, dou minha opinião mesmo sem ter necessidade, mas eu adoro dar o meu pitaco. Também converso bastante com os repórteres, instruo porque, querendo ou não, eu acabo pegando uma experiência. O pessoal sempre me traz informações da rua. “Olha esse lugar não é bom de ir não”, “quando surgir uma outra pauta aí, fica atento”. Então eu sempre estou falando muito com o editor e repórter. Nesse meio tempo vem a segunda parte do trabalho, porque eu faço a produção, mas também faço a subchefia, que é a orientação da equipe de reportagem. Como que funciona isso? A gente vê para onde que a gente vai correr, para onde que surgiu a notícia, se a gente tem possibilidade de chegar nesse lugar por causa da questão de segurança, questão de tempo, né? Se não foi muito cedo o fato, se a gente ainda vai pegar um parente, familiar de uma pessoa que morreu ou que foi assassinada no local. Por volta de duas e meia da manhã eu começo o trabalho mais exato da subchefia, que é organizar a saída de todas as equipes do Bom Dia Rio. Eu tenho que checar cada um dos dez carros, mais os motolinks, que são as equipes de motos. Tenho que checar o equipamento que cada equipe sai, cada UPJ¹⁰⁶, o número delas que tem casado direitinho com o meu número da capa de pauta¹⁰⁷, e tenho que imprimir todas as pautas de vivo e de reportagem do Bom Dia Rio e do RJTV1. Eu

¹⁰⁶ Unidade Portátil de Jornalismo. Sigla utilizada para designar o carro de reportagem e o equipamento utilizado por cada equipe na rua.

¹⁰⁷ Capa de pauta é a escala de equipes e repórteres de um determinado dia.

ainda tenho que ficar atenta com os meus motoristas, porque no dia anterior já me deixam preestabelecidos uma lista de pessoas que eu tenho que buscar para os nossos vivos e para o nosso estúdio. Eu tenho que ficar bastante atenta aos horários dessas pessoas para não deixar que o jornal entre no ar faltando chegar alguém.

4) E você gosta de trabalhar de madrugada?

Mariana: Eu gosto de trabalhar durante a madrugada pelas pessoas que trabalham comigo, e também pelo dinheiro, óbvio, que tem um adicional noturno, lógico que faz diferença. Tenho muita sorte de trabalhar com pessoas amigas. É uma equipe que se entende muito bem e não tem aquele burburinho de redação lotada, cada um achando que manda mais que o outro entendeu? De madrugada, a gente se dá muito bem.

5) Como é que você acha que a rotina do profissional e as práticas jornalísticas da madrugada são diferentes dos outros horários?

Mariana: É completamente diferente. Eu vou ser bem sincera de que eu sou uma profissional muito mais completa do que o pessoal do dia. Eu não me limito em ficar esperando a resposta de uma assessoria, eu já tenho na minha cabeça que se eu não consigo obter uma informação por um meio, tenho outras cinco formas de buscar essa informação. A gente acaba desenvolvendo um faro, um *feeling* apurativo muito maior porque, querendo ou não, a gente não tem nada mastigado. Querendo ou não as equipes da madrugada de todos os outros veículos trabalham juntos. Um ajuda o outro, todo mundo trabalha em parceria. Não existe essa rivalidade de eu “só eu vou ter isso” porque se eu agir com essa brutalidade, amanhã o outro descobre uma coisa primeiro do que eu e não me passa. Aí eu tomo furo, tomo puxão de orelha, vou ouvir isso por resto do dia da minha chefia. Mas este tipo de colaboração eu sempre checo de novo tudo que me chega de informação. Eu não passo nada para frente sem ser a minha apuração. Às vezes o factual chega por eles, mas eu não dou enquanto isso não for confirmado por mim ou pelo meu repórter. O que pode acontecer? Quando chega uma informação bastante relevante que eu não consigo apurar de imediato na redação eu mando o meu repórter, minha equipe para a rua para apurar no local. Enquanto isso eu estou pendurada no telefone tentando apurar isso pelo telefone. Nem sempre eu consigo. Às vezes minha equipe na rua me dá um retorno muito melhor, uma dinâmica dos fatos muito mais precisa do que eu consegui pelo telefone.

6) Há uma tendência geral dos repórteres irem cada vez menos para a rua. Você acha que na madrugada isso se confirma? Ou não?

Mariana: Não, vão mais para a rua. Porque como apuração isso me ajuda muito a ter uma informação mais precisa. O policial com quem eu estou falando dentro do batalhão, dentro do quartel também está recebendo informação por telefone. Ele não está lá vendo o que está acontecendo. Meu repórter vai ver, meu cinegrafista está lá vendo.

7) E como funciona a colaboração dos jornalistas dos diversos veículos na madrugada?

Mariana: Existe essa colaboração e ela é que mantém o jornalismo na madrugada vivo. Vou ser bem sincera, nem sempre eu vou conseguir fazer uma ronda completa no Rio de Janeiro como eu gostaria de fazer. E ter acesso a todas as informações que eu noticio. E eu acho que qualquer pessoa jamais conseguiria. E é sempre assim:

eu surjo com uma coisa nova, o carinha do Globo surge com uma outra, o carinha do SBT surge com uma outra. Pode até ser que a coisa não seja bem aquilo que a gente conversou entre nós, mas o negócio surgiu ali, entendeu? Entre um bate-papo, uma troca de informações. “Olha, eu tenho isso” e “eu tenho aquilo”, e é assim que a gente vai funcionando durante a madrugada. A gente se comunica por um grupo no WhatsApp, mas a gente sempre se fala por telefone também. Por e-mail também, a gente faz um *mailing*. Mas eu acho que o WhatsApp é muito mais rápido e fácil. Quem descobre primeiro avisa. Na maior parte das vezes a primeira informação é distorcida, mas não deixa de ser aquilo. Chega, por exemplo, uma informação de que um prédio estava pegando fogo, que queimou todos os apartamentos. Quando a gente chega no local realmente o incêndio aconteceu. Mas foi apenas em um apartamento. Só que até eu descobrir isso, se eu estou com uma equipe na casa, eu já mando para lá para me passar a informação do que eles estão vendo. Se eu não tenho equipe, fico pegando o retorno pelos coleguinhas para ter uma noção de como está o fogo. Mas sempre checo com fonte oficial, só fonte oficial. Já aconteceu inclusive de a gente não noticiar informações porque eu não consegui a confirmação oficial.

8) Você usa fontes no seu trabalho de apuração?

Mariana: Eu tenho fonte em hospital, eu tenho fonte na polícia. Os próprios coleguinhas não deixam de ser nossas fontes, não oficiais, mas nossas fontes. O pessoal da própria TV, não da equipe de jornalismo, mas na equipe do geral Globo sempre que vem alguma coisa, sempre mandam para a gente uma informação ou um material colaborativo. Então acho que a maior característica do jornalismo é a cara de pau, se você souber conversar, se você souber o que está fazendo, você consegue tudo.

9) Para você, quais são as limitações do horário? Segurança? Edição? Tecnologia?

Mariana: O que mais me limita é a segurança, porque às vezes tem um caso muito bom e não podemos ir. Na semana passada teve um marido que matou a mulher esfaqueada no meio da rua, esfaqueou um vizinho, na Gardênia Azul. A gente jamais vai na Gardênia Azul, jamais durante a madrugada, então isso é a minha maior limitação. Um caso bom, que a gente faria com certeza, que abriria o jornal. Nesse dia ele abriu mesmo sem ter uma imagem no caso. A gente abriu o jornal falando nesse assunto e se eu tivesse imagem seria maravilhoso. Essa é a maior limitação da madrugada. A questão de segurança, a questão de criminalidade no Rio de Janeiro não é brincadeira. Eu sou de Minas, então eu conheço muito pouco a questão de regionalismo daqui. O que que é perigoso, o que não é perigoso. Se acontecer um fato muito bom e eu não conhecer o lugar, eu passo para a minha equipe: “aconteceu isso, isso em tal lugar, não sei se a gente pode ir, o que vocês acham?” Porque as minhas equipes são mais experientes do que eu nesse horário. Então se eles falarem para mim que não vão, eu jamais, por melhor que seja o caso, vou falar que tem que ir, jamais. A gente perde matéria, mas a gente não vai. Não vou me colocar jamais diante de uma decisão dessa. Se eles estão falando para mim que não vão por questão de segurança, nós não vamos fazer. Em relação à tecnologia eu acho que sou muito bem amparada, acho que o sistema de publicação, que é o *inews*, funciona muito bem. Todo mundo tem acesso a tudo com a escuta

em tempo real. Com a questão de edição, o *weblosys*¹⁰⁸ me ajuda bastante a subir o material bem rápido para ajudar meu editor. Mando direto do celular, eu nem preciso nem ficar transferindo para minha máquina. Então, assim, em questão de tecnologia, acho que a Globo tem uma estrutura mega organizada, eu não tenho do que reclamar.

10) Como é que você define o que que é pauta na madrugada? Que critérios faz correr para uma história e não correr para outra?

Mariana: Sempre entra aquela questão do valor notícia, né? Sempre. Teve morte, teve tiro, e teve hospital, lógico, a gente vai ter que correr. Se a pessoa for inocente, se morreu ou foi vítima de bala perdida a gente vai correr. E se já tiver uma pauta produzida esperando? Juntamos a equipe toda, e como não tem chefia, a gente conversa bastante, acha o que é mais relevante. Aí a gente vai abrir mão de um para fazer o outro. As decisões são em conjunto. Tem a ver com criminalidade, tiro, morte. Tem um policial baleado, um policial morto ou é guerra do tráfico, polícia contra traficante: em geral, nós vamos. Uma coisa que eu tenho percebido é que eu tenho deixado de ter sensibilidade nas coisas. Isso é muito ruim para mim.

11) Tem uma cobertura marcante?

Mariana: Tem pouco tempo que eu estou na madrugada, mas, assim, uma produção, pode ser? Uma produção acho que cada uma tem um valor significativo, mas como são pautas geralmente tão iguais umas das outras, não tem uma que me chamou a atenção assim. Mas recentemente a entrevista com o Fernando Veloso, ex-chefe da Polícia Civil. O secretário de Segurança do Rio anunciou que ia sair do cargo. E no dia seguinte por volta de onze e meia da noite, a hora que eu chego para trabalhar, O Globo subiu uma matéria dizendo que o chefe da Polícia Civil ia pedir demissão do cargo. E meu jornal entra no ar às seis da manhã, como é que eu ia conseguir essa confirmação quase meia-noite? Eu entrei em desespero. O que eu ia fazer? Liguei como uma desesperada para a assessoria dele, que é uma delegada, ela não atendeu o telefone. Mandeí trocentos “*whatsapp*” para ela, ela não respondia. Eu fiquei enlouquecida. Porque no dia anterior quando o secretário de Segurança pediu demissão todo mundo sentiu uma pressão muito grande da chefia, porque queriam ele no estúdio, queriam uma entrevista e ninguém conseguia nada, e isso durante o dia. E eu sentia essa pressão comigo na madrugada mesmo eu sabendo que eu não tinha essa obrigação. A obrigação eu tinha porque eu estou ali para isso né, para trabalhar, mas as minhas possibilidades são menores por causa do meu horário. E aí às duas e meia da manhã a assessora foi me responder falando que não sabia. Eu pedi ajuda, comecei a conversar bastante com ela, até que ela me perguntou se eu queria falar com ele e eu falei que eu queria. Aí ela me perguntou se ao vivo. Eu disse que sim, mas nem sabia. Primeiro eu precisava confirmar a informação e eu já falei com ela que eu queria um vivo. Ela ainda deixou no ar, “ele vai explicar o motivo com exclusividade para vocês”. Aí eu falei que eu queria ele no estúdio por causa de tudo que tinha acontecido no dia anterior, que ninguém tinha conseguido levar o (José Mariano) Beltrame (ex-secretário de Segurança do estado) no estúdio do RJTV de dia. O cara estava acordado, topou ir para o estúdio e, nesse momento, começou a passar mil coisas na minha cabeça. “E se a minha editora não quisesse esse homem no estúdio?” Perguntei se queria que mandasse o motorista ele disse que não, que ele ia por meios próprios. “E se ele não viesse?”

¹⁰⁸ Servidor onde o material bruto é colocado para que possa ser editado.

Eu mandei um e-mail para toda a chefia, como de praxe, por causa de um caso desse, avisando que ele ia pedir demissão, confirmação do afastamento dele, e que eu tinha conseguido uma entrevista ao vivo no Bom Dia Rio, no estúdio. Felizmente, deu tudo certo. A editora-chefe adorou. No outro dia foi uma chuva de e-mails, de elogios, pela percepção, nessa questão de ter conseguido num horário tão restrito como o meu ter conseguido leva-lo lá.

12) Quais diferenciais você acha que um profissional da madrugada tem que ter?

Mariana: Diferencial? Vontade. Essa é a palavra-chave. Se você não quiser apurar você tem todos os motivos do mundo de argumentação do por que você não conseguiu. É muito simples eu falar: “ninguém atendeu o telefone”. Não é? É muito simples para mim falar que eu liguei trezentas vezes e ninguém atendeu. Ou que mandaram eu procurar a assessoria, que não funciona 24 horas. Então tem que ter vontade. Tudo bem que não é 100% de chance de ter êxito. Mas você tem que ter vontade. Você tem que ter tesão de fazer aquilo. Se você for esperar as coisas muito prontas, você não consegue ficar nesse horário.

13) E o que te motiva a continuar na madrugada?

Mariana: Principalmente o que me motiva a ficar na madrugada é questão de futuro, que foi a porta que eu achei aberta para entrar. Eu estou trabalhando bem, não apenas para ficar. Eu estou trabalhando bem porque eu sei que sou boa, eu sei que eu vou fazer o que eu faço em qualquer horário. Vou fazer bem o que eu faço. Esse não é o horário que eu quero para a minha vida toda, mas vou te contar que a experiência está sendo bastante satisfatória, porque eu estou aprendendo muito. Quando eu for para o dia eu vou ser muito melhor, a minha produção e a minha apuração vão ser muito melhores.

14) Como você definiria um repórter da madrugada?

Mariana: Difícil essa pergunta hein!? Cara, o repórter da madrugada... não é o repórter da madrugada, acho que é a equipe da madrugada, se não tiver esse tato que eu te falei que eu tenho não funciona. Não adianta você colocar na madrugada uma pessoa que não quer fazer, de querer ir lá e ver. “Ah, não vou porque é perigoso”. Perigoso você não vai aqui em Botafogo porque no Santa Marta tem tiro. Perigoso você não vai na Barra, porque você passa na porta da Rocinha. Tem que estar nessa questão do querer. Não se arriscar porque a vida da gente é mais importante do que tudo, mas, sabe, pelo menos tentar. “Eu vou lá ver e se não for seguro eu volto”. Mas tem que ter essa perspicácia da coisa, da notícia, de querer colaborar. Acho que essa é a palavra, porque querendo ou não ele sai da redação com um básico de informação e se o repórter quiser somar ele consegue.

APÊNDICE 14

Entrevista com Matheus Giffoni, subchefe de reportagem da TV Globo

1) Conta um pouquinho da sua trajetória, por favor.

Matheus: Fiz um ano e dez meses de madrugada, quase dois anos, né? Para mim foi o ponto de virada ali da carreira, porque foi a época em que eu aprendi mais. A rádio também me ensinou muito que, mas eu acho que a madrugada foi a questão de responsabilidade foi muito mais forte. Eu formei em jornalismo na UFF. Comecei a estagiar no terceiro período na Folha Dirigida, que me ensinou muito do básico do jornalismo, a questão do *deadline*, de se portar no lugar de trabalho, respeito à hierarquia, esse tipo de coisa que quando a gente é adolescente não se importa muito. Fiquei seis meses, passei para a Band, fiquei um mês na televisão, fiz umas coisinhas, comecei na apuração. Lá, a mesma pessoa faz coisas diferentes. Lá o produtor edita, joga nas dez. Eu lá, por exemplo, fazia a apuração, passava o *TP*¹⁰⁹ do jornal e dava uma revisada nos VTs. Mas eu fiquei pouco tempo na TV e fui para a rádio. E aí na rádio é que foi o grande negócio assim de aprendizagem, de apuração, porque primeiro que é uma loucura. A Band tem essa questão muito forte do ouvinte, uma relação muito forte com o ouvinte. Eles ligam mesmo, muito. Eu chegava numa média de atender 70, 80 ligações por manhã. E eu tinha que filtrar, né? Atendia, filtrava o que valia para mim ali como pessoa que cuidava do factual do que estava acontecendo na hora. E aí já transferia para a híbrida¹¹⁰, já gravava, editava e voltava para o estúdio para entrar ao vivo ou fazer uma nota pequena, uma sonora. Foi bem legal assim, principalmente aprender a fazer um monte de coisa num tempo muito curto. Isso para um estagiário que está no quinto ou sexto período da faculdade acho que é um pontapé muito legal assim. A Band, principalmente a rádio, é uma escola. Eu fiz rua, trabalhei atendendo ouvinte, fiz entrevista por telefone, editava as entrevistas por telefone. Eu não cheguei a sonorizar matéria, mas aprendi a sonorizar matéria, entrava ao vivo, rede e local. Aí eu vim para o G1. Eu confesso que eu não me dei muito bem com internet. O conteúdo que agrada muito o internauta não é o conteúdo que me agrada no jornalismo. O internauta gosta de, falando muito sinceramente, bunda, futebol e vou te dizer nem morte muito trágica as pessoas gostam tanto assim, mas gostam de morte de celebridade. É celebridade, bunda e futebol. E eu fazia um trabalho no G1 aqui na redação da Globo, o que me abriu portas para vir trabalhar na TV Globo. Eu entrei aqui em março de 2014, fiz uns horários de dia, trabalhei um tempinho de manhã/tarde né e em agosto já assumi a madrugada. E a madrugada foi punk, mas foi bom. Tem vários tipos diferentes de problemas que as pessoas têm com a madrugada, o principal é o sono. Mas eu não tinha esse problema. Para mim, era tranquilíssimo. Eu dormia oito horas de dia, não era o mesmo sono, a gente sabe que o sono não é a mesma coisa, mas para mim foi tranquilo nesse ponto. O que começou a pesar mais era a carga de trabalho de madrugada, porque é exatamente isso desse jornalismo mais antigo de você ter que apurar tudo a fundo ali numa correria de arrancar informação da fonte sem ter vontade da fonte te passar. Polícia de madrugada é extremamente difícil. Os caras querem dormir como todo mundo quer fazer de madrugada, mas a gente tem que trabalhar e tentar arrancar aquela informação dali.

2) Como era a sua rotina?

Matheus: Quando eu chegava, meia-noite, geralmente já tinha um factual que eu precisava correr atrás. Quando não tinha, eu fazia uma coisa que mais uma vez remete a um jornalismo mais antigo e que praticamente vem morrendo na apuração,

¹⁰⁹ Sigla para *teleprompter*, que é um equipamento acoplado a câmera que mostra o texto a ser lido pelo apresentador.

¹¹⁰ Recurso em rádios e televisões em que a ligação é gravada para depois ser exibida.

que é a ronda. Ronda de telefone nos batalhões. Ligava para saber o que estava rolando, se tinha alguma ocorrência que valia um registro. Você imagina: encher um Bom Dia Rio de uma hora meia com o que tem de véspera nem sempre basta. Às vezes você precisa catar coisa porque o jornal está vazio. Coisas às vezes mais fracas, mas que valem, entendeu? Então, nesse período de madrugada minha vida era assim: além da apuração, coordenação de equipe na rua. Porque você mesmo sem ser um subchefe de reportagem, você é o cara que manda a equipe para rua para checar tal coisa. Se eu não encontrasse nada na ronda, eu pedia ao cinegrafista de meia-noite, que era o Evandro (Cardoso), para dar uma circulada pelas delegacias para ver se pegava algum caso na madrugada. É como se fosse uma ronda física. Porque às vezes os caras não passam por telefone. Eu tinha também uma relação boa com os colegas. Jornal O Globo e CBN, por exemplo, sempre foram colegas com quem eu conversei bastante. O Evandro conversava muito com o pessoal do SBT, já tinha mais um caminho ali. A gente estava sempre reunido com os coleguinhas, que isso ajuda bastante o trabalho da madrugada. Quando dava três da manhã eu começava a imprimir as pautas dos repórteres que iam chegar às quatro, quatro e meia para fazer vivo do Bom Dia Rio.

3) E qual era a estrutura aqui da TV Globo quando você trabalhava na madrugada?

Matheus: Na verdade, foi instável. Teve um momento que foi bastante gente, depois deu uma diminuída, depois cresceu de novo. Porque a gente tem também a questão dos eventos. Quando acontece uma Olimpíada, uma Copa do Mundo, uma Eleição, às vezes você precisa focar boa parte da redação em um assunto e aí a madrugada acabava perdendo alguém. Eu entrei em 2014 na madrugada, em agosto. O Danilo Vieira e o Guilherme Peixoto eram os repórteres, os dois na madrugada. O Danilo entrava às onze e o Guilherme entrava à uma. Tinham dois cinegrafistas juntos, que eram o Milton Oliveira e o Evandro Cardoso. De editor eu tinha na época o Virgílio (Gruppi) de madrugada, né? Depois o Virgílio saiu e entrou o Bruno (Sponchiado). A gente teve uma época que ficou bem puxado, ficou um repórter só, que eu acho que é como está funcionando hoje em dia se não me engano de madrugada, que é uma coisa mais puxada, porque o seu trabalho de decisão do que vai ser notícia ou o que não vai ser notícia é mais forte ali. Eu contava sempre com uma conversa com os editores, e falava assim: “e aí galera, o que que vai ser”? Tem dois assuntos aqui que valem VT, mas vê o que vocês têm no espelho o que para vocês vale mais fechar hoje. Eu sempre dividia essas decisões com os editores, porque acho que é o tipo de coisa que é conversa, porque não adianta o jornal estar com um bloco gigante sobre saúde e eu tenho um assunto que é gente fazendo fila na emergência de madrugada e um baleado no Leblon se o baleado do Leblon ficar deslocado no jornal enquanto a fila de emergência poderia se encaixar direitinho.

4) Como você acha que as práticas jornalísticas e a rotina dos profissionais da madrugada são diferentes dos que trabalham de dia?

Matheus: Nos outros horários, como a cidade está em ebulição, é um factual atrás do outro e você tem que ficar correndo atrás. Na verdade, você corre atrás da notícia de dia. De madrugada você tenta correr à frente dela. Esse negócio de fazer a ronda de madrugada é uma coisa que eu observo que não é feito durante o dia. Isso é uma prática diferente. Outra prática diferente é a conversa com os colegas. Na verdade, de uns dois três anos para cá melhorou muito. A relação dos colegas da gente com os coleguinhas já aumentou até de dia de uns anos para cá. Mas de madrugada é

uma cumplicidade maior porque eles sabem que você precisa, todos nós sabemos que você precisa dividir com os amigos o que você tem de informação, porque no dia seguinte eles podem ter uma coisa que você não tem. O jornalismo está em crise né, então foi diminuindo cada vez mais o número de pessoas trabalhando. O Jornal O Dia acabou com a madrugada deles. Quando eu entrei ainda tinha. A RedeTV! passou um tempo que tinha madrugada agora já não tem mais. O número de equipes de madrugada vem diminuindo e isso faz a gente ter menos concorrência. Não vou dizer que nunca aconteceu de alguém me dar um furo de madrugada, mas a vingança vem no dia seguinte. Um dia da caça, outro do caçador. Por isso que eu não deixava de passar as informações, porque um dia eu sou o cara que tem tudo, no dia seguinte é o coleguinha da Record que tem tudo. Tem que passar para os colegas, mas com inteligência também. Por exemplo, teve um assalto com um baleado em Vila Isabel. Eu chego daqui em Vila Isabel em vinte minutos durante a madrugada. A Record¹¹¹ chega em Vila Isabel em cinco, dez minutos, porque fica muito mais perto de Vila Isabel do que a gente fica. O que eu preciso é correr e só avisar quando eu estiver perto. Porque se eles chegam antes de mim eles podem pegar alguma coisa que acabe ali, que quando eu chegar pode não ter mais nada. Tem que ter estratégia na hora de passar a informação para os colegas, mas não deixar de passar. Porque já aconteceu algumas vezes de um colega que depois que já fez tudo me avisar, aí eu chegava e não tinha mais nada. E isso é a famosa sacanagem. Você tem que avisar quando está chegando e aí o cara chega junto com você e vocês fazem tudo junto. Às vezes o pessoal até segura personagem para a gente. Já teve vezes que O Globo gravava no gravador, no celular, a entrevista do cara e passava o áudio para pelo menos eu ter toda a história. Isso é uma relação de apoio muito interessante porque de dia isso não acontece.

5) Como é que funciona esse processo de apuração em um horário em que não há assessoria de imprensa funcionando? A relação com as fontes é diferente?

Matheus: A relação principal que você tem com o cara que está trabalhando de madrugada é de respeito porque, apesar de você também estar trabalhando de madrugada, tem que saber que esse é um horário muito difícil. Geralmente é um pessoal que não dorme bem e que, se dorme bem não descansa do mesmo jeito. Fora que todo mundo anda trabalhando com medo, né? O policial às vezes está o dia inteiro lá, porque eles têm escala de 24 horas, então assim, você tem que ter respeito de ligar para o cara, como se você estivesse ligando para um vizinho. “Desculpa o horário, precisava de uma informação, tal”. Tudo na apuração tem que ser mais delicado. Tem que ter um pouco mais de cuidado, nem sempre essa delicadeza vinha de volta, mas a minha obrigação era sempre ser educado porque aí você abre a comunicação melhor. E como você não tem assessoria de imprensa, você tem que falar com o cara que está lá na sala de operações do batalhão cuidando de um monte de outras coisas, inclusive coordenando as equipes dele na rua. Então você precisa também entender que o cara está trabalhando. O trabalho do assessor de imprensa é te atender e apurar as informações. O do policial não. A gente precisa respeitar que pegar as informações para a gente não é o trabalho dele. É todo um trabalho de convencimento, de parceria, você acaba ficando até amigo de uns caras. Os caras já te conhecem por nome, eles estão sempre fazendo aquele plantão ali e

¹¹¹ Na época da entrevista, o jornalismo da TV Record ficava em Benfica. Recentemente, eles se mudaram para Vargem Pequena. O jornalismo da TV Globo já era e permanece no bairro do Jardim Botânico.

você sempre aqui. Você não tendo uma pessoa para te passar informação, nem sempre você vai ter a informação, você depende que o outro cara queira te dar a informação. Muitas vezes é a equipe na rua, que está apurando na rua, o repórter, o cinegrafista: são eles que vão te dar a informação.

6) Essa tendência de o repórter ir cada vez menos para a rua. Na madrugada, ela se confirma? Ou não?

Matheus: Essa tendência é inversa na madrugada. O repórter precisa cada vez mais ir para a rua, porque cada vez menos as pessoas têm paciência com o jornalista que está ligando querendo uma informação. Então ele precisa ir para a rua senão não sai o VT. É óbvio que tem dias que o repórter fica o dia inteiro na redação, porque pode ser que ele esteja fechando um VT com um material que já está na casa desde o dia anterior. O cara precisa fechar o material do dia anterior, então ele fica na redação, e vai dar uma olhada o material. Mas na maior parte das vezes, se é factual, ele vai para a rua tentar negociar uma coisa a mais, tentar uma informação melhor, tentar a sonora.

7) Como é que surge a pauta na madrugada?

Matheus: Eu acompanho muito rede social, menos o Facebook, mais o Twitter. O Twitter é aquela coisa, um diariozinho de 140 caracteres que você fica dizendo o que você está passando no seu dia e muitas vezes as pessoas fazem isso em relação à cidade. Então se está maior tiroteio na Vila Cruzeiro, a pessoa publica ali no Twitter e você recebe a informação. “Opa! Vou procurar a polícia para saber o que está acontecendo”. Outra coisa que vem crescendo muito é o WhatsApp, né? Você recebe mensagem das pessoas te dizendo coisas que estão acontecendo no dia e você corre para checar aquela informação. Hoje em dia não dá para trabalhar sem as redes sociais na apuração. Facebook, Twitter e WhatsApp são básicos para a apuração. E tem a ronda, como eu falei, também. Não é sempre que você consegue caso bom, mas eu já consegui bons casos na ronda. Tiveram alguns policiais baleados que eu consegui em ronda, não vou me lembrar de caso específico porque infelizmente é um por dia. Lembro que uma vez em Itaboraí eu peguei um caso de um vereador baleado, acho que um vereador baleado em uma cidade, não lembro se era em Rio Bonito, mas era uma cidade que nem na região da Globo que a gente cobre era. Mas que eu acabei apurando porque a gente sabe que as afiliadas não têm madrugada. Acabei apurando porque o caso era bom. Várias vezes eu peguei casos assim que valem a pena. A maior parte é preso com drogas que nem entra no jornal porque se a gente for noticiar todo preso com droga que acontece na cidade não trabalha mais. Mas já peguei acidente, tiroteio, perseguição, assalto, de tudo um pouco.

8) Para você quais são as principais limitações da madrugada?

Matheus: Essa questão da dificuldade na apuração, a falta de um assessor de imprensa, a falta de uma pessoa que tenha a função de fazer essa conexão do jornalista com a ocorrência, com a notícia: essa é uma limitação. Na emissora também não é tudo que é 24 horas, então você tem essa limitação às vezes de não ter um coordenador de externas lá no outro prédio de operações, que é o cara que vai pegar o operador vai juntar com o equipamento, que vai fazer essa alocação do equipamento no sistema com a sua equipe. Ilha de cópias¹¹² é uma coisa que

¹¹² Setor que converte matérias que chegam em formato e mídia diferentes dos que são produzidos pela própria emissora.

atrapalha, a falta dela de madrugada. A falta de alguém no acervo atrapalha o editor. Além da segurança né. A falta dela te dificulta a ir a lugares que normalmente você iria durante o dia. As equipes da madrugada já saem com o carro blindado para ir para qualquer lugar. Mesmo que seja para ir ao Leblon, você vai sair daqui com o blindado. Isso é uma coisa que mostra a tensão que é se trabalhar de madrugada. Além disso você já tem a dificuldade de entrar em alguns lugares. Por exemplo, Piedade é um bairro em que você vai normalmente durante o dia. De madrugada tem dias que você vai com um pouco mais de calma, porque você sabe que o Morro do Urubu que é ali perto e que não está numa situação muito legal. Você sabe que está tendo muito assalto naquela região, então você tem que ir com um pouco mais de cuidado. A preocupação obviamente que é com o equipamento também, mas é principalmente com a integridade física da equipe. Então o assalto, ele te deixa vulnerável. Em qualquer lugar você pode ser assaltado. Uma vez a gente estava em Del Castilho e a gente tomou um susto. Não aconteceu nada, mas veio um cara correndo de longe, do nada. A equipe entrou no carro e foi embora, mas você não sabe, podia não ser nada, podia ser um maluco só, mas podia ser algo grave. Essa preocupação estimula também a criatividade. Você não pode ir a todos os lugares, então você vai fazer um VT com mais arte. Por exemplo, a gente aprendeu a fazer imagem do (Complexo do) Alemão sem precisar ir ao Alemão. A gente faz imagens ali da Linha Amarela. Porque ali é uma área que dá para fazer. A gente fazia de longe. O pessoal de dia não tem nem esse pensamento, porque não passou pela adversidade de não poder fazer uma passagem. A madrugada é legal nesse sentido.

9) O que te faz correr para uma história e não para outra?

Matheus: Basicamente o peso da história. Por exemplo: você tem uma perseguição que tem dois sujeitos baleados e um caso que tem uma vítima de bala perdida. Você vai correr para a bala perdida. Na minha opinião é o seguinte: você tem um caso de duas pessoas que são suspeitas de roubar um carro ali na hora e que estão baleados, uma vítima que não tinha nada a ver com a história, que estava passando, que é um morador, que paga imposto, que tem que se sentir seguro na cidade e que acaba sendo vítima de bala perdida. Eu vou correr para a bala perdida. Se eu tiver duas equipes, eu vou correr para as duas, mas se eu só tiver uma eu vou correr sempre para aquele conteúdo que eu acho que tem mais força para o jornal, que tenha mais apelo. Isso a gente discute com a equipe de reportagem, discute com os editores para ver o que cabe melhor para o jornal. Eu até tomava decisões unilaterais, mas elas eram muito, muito raras. Tomava só em caso muito extremo, quando não tem ninguém. Tem dia como sexta-feira que sou eu e a equipe sem repórter, então às vezes eu tomava a decisão sozinho. Às vezes eu tinha que tomar uma decisão porque os editores achavam que os dois casos valem, e aí? E aí eu tenho que escolher, entendeu? Eu acho que tive um bom relacionamento com a equipe de madrugada. Eu conversava com os operadores, “onde a gente consegue ir mais perto dali?” “Não tem nenhuma maneira, um caminho alternativo que a gente consiga chegar lá sem passar por um risco tão grande?” Porque a ideia é essa. A ideia é que toda vez que a gente fala de casos de violência, não é só noticiar casos de violência, é para abraçar aquele bairro, aquela população ali que está passando por situação complicada, e assim geralmente é violência crônica. Então quando você vai falar daquele caso ali específico, você está dizendo para aquela comunidade ali “olha, eu sei o que está acontecendo aqui e nós estamos relatando e cobrando das autoridades”. Por isso, o máximo que você conseguir chegar perto daquela região ali melhor. O cara sente. Então o máximo que a gente puder chegar perto desses

lugares melhor. E sempre numa conversa com o operador, com a equipe de reportagem. O protocolo de segurança da Globo é um protocolo forte, é um protocolo que protege a equipe. Se uma pessoa da equipe não se sentir bem, a gente não vai. Eu tentei sempre seguir e as equipes da madrugada também sempre se sentiram, acho que, à vontade para dizer “não, não quero ir nesse local”.

10) Que tipo de assunto que mais se aborda na madrugada?

Matheus: Violência, segurança. A maior parte é violência de longe. Todo dia tem um baleado, todo dia. Não tem um dia que não tenha um baleado na madrugada na Região Metropolitana. É triste até. O repórter da madrugada também se ferra um pouco. Ele entra para dar uma notícia ruim. Você pega uma Priscila Chagas, por exemplo, que é toda feliz, que chega alegre e cantante, ela não gosta de dar uma notícia ruim, mas ela basicamente todo dia ela tem que dar notícia ruim. É alguém que foi baleado, é algum tiroteio que acordou alguém que estava dormindo. Violência é 90%.

11) Lembra de uma cobertura marcante?

Matheus: Foram algumas. Eu lembro do psicopata lá da Baixada. Foi um dia assim, puxado, estava todo mundo em cima, aquele pessoal todo reunido ali, porque você imagina o diretor, de casa, acordado mandando e-mail, a chefe de reportagem, a equipe ali se reunindo ali para fechar o VT com as informações ali que já tinha, foi uma madrugada agitada. Teve a explosão na Fazenda Botafogo. Eu vi no Twitter uma informação que tinha um barulho de explosão em Fazenda Botafogo. Fui ligar para os bombeiros para checar e eles já tinham corrido. Aí a gente começou a apuração dali, correu. Teve também o caso daquela adutora que estourou aqui no Rio Comprido, que invadiu o quinto andar de um prédio. Era a estreia do Felipe Santana (repórter) aqui na editoria Rio também. Ele foi o primeiro que correu e fez o vivo para o jornal inteiro e foi super bom, porque o cara pegou a coisa toda. Essa foi o Centro de Operações que me avisou, que estava ocorrendo uma obra de emergência da Cedae. E a gente sabe, obra de emergência da Cedae de madrugada, no mínimo, estourou um cano. No mínimo, vale uma imagem. Quando eu fui procurar saber era a água invadindo a casa de todo mundo. Foi um dia que eu fiquei orgulhoso também.

12) Você gostava de trabalhar na madrugada?

Matheus: Gostava, mas eu me cansei. No final já estava um pouco enjoado, mas eu gostava no início. Acho que cada um é de um jeito, mas, assim, pelo que eu conversei com a galera que trabalhou antes, com a galera que trabalhou junto comigo, todo mundo fala que um ano é o prazo de validade. Você entra numa coisa do mau humor, o sono já perde o efeito. Eu sempre dormi oito horas, meu sono é muito regrado. No final o meu sono já não descansava, eu acordava destruído. O corpo te pede, né? O ser humano não é feito para dormir de dia e ficar acordado de noite. Durante um ano eu levei muito tranquilamente, dali em diante eu comecei a ter problema de sono, alteração de humor, entendeu? Madrugada engorda. Tem um monte de efeito aí que não é positivo. Tem data de validade.

13) Quais diferenciais você acha que um profissional da madrugada tem que ter?

Matheus: Jogo de cintura, saber lidar com situações adversas. Eu já tive que marcar com um entrevistado para o Bom Dia Rio à meia-noite a pedido do diretor. Acho

que era um infectologista e depois de conseguir marcar tive que correr pela redação para tentar achar um blazer para o entrevistado, porque ele não tinha. Ele não estava em casa, ele estava fora de casa. E falou assim, “olha, eu só preciso de um blazer”. Aí eu fiquei correndo de camarim em camarim tentando achar um blazer para o cara. Foi difícil, porque o cara era muito alto e tinha barriga. Então, você tem que saber trabalhar as mais variadas coisas. Você tem que saber apuração, você tem que saber coordenação das equipes na rua, que é o trabalho da subchefia, para onde correr para quem correr. Você tem que estar sempre preparado para fazer alguma coisa alternativa. E isso a gente faz um pouco do trabalho do administrativo, porque você tem que buscar o entrevistado de manhã com os motoristas. Às vezes você tinha quatro entrevistados para dois motoristas e é você que tem que fazer aquele planejamento.

14) O que te motivava trabalhar na madrugada?

Matheus: De cara eu não sabia que meu salário ia subir tanto, então eu não tinha essa noção do dinheiro. O que me motivou de cara foi a possibilidade de contratação. Eu fui para madrugada como temporário terceirizado, depois virei temporário funcionário e ainda na madrugada é que eu fui efetivado por prazo indeterminado. Para mim era aquilo. Me instalar e me estabelecer na empresa. Depois eu percebi que o salário subia muito, porque tinha o adicional noturno. Então aquilo passa a te motivar durante um tempo e você passa até a contar com aquilo ali. Mais um tempo depois, eu vi que aquilo ali estava me ensinando muita coisa que eu poderia levar para o dia e que faria a minha carreira crescer um pouco.

15) Como é que você definiria um repórter da madrugada?

Matheus: Precisa ser proativo porque não tem chefe para te cobrar. A decisão de fazer o seu melhor tem que vir de você. Pró-atividade primeiro. Agilidade, porque vai chegar um momento do dia e geralmente é às quatro da manhã que você vai estar fazendo quatro funções ao mesmo tempo, então você tem que ser ágil. Parceria, eu acho, também. Primeiro com a sua própria equipe, porque é pouca gente. É bom você gostar de trabalhar com todo mundo que está ao seu lado e, graças a Deus, eu gostei de trabalhar com todas as pessoas que trabalharam comigo. Todas mesmo sem exceção. É claro que as personalidades são diferentes e você tem mais afinidades com uns que com outros. Então é isso: parceria, agilidade, pró-atividade... Qualidade mesmo, fazer o seu melhor que puder ali, apurar mais profundamente o que você puder ali. É isso: qualidade, pró-atividade, parceria e agilidade.

APÊNDICE 15

Entrevista com Milton Rocha e Denilson Milanez, respectivamente repórter cinematográfico e técnico do SBT

1) Vocês podem contar um pouquinho da trajetória de vocês, por favor?

Milton: Meu nome é Milton Rocha, tenho o segundo grau, fiz básico em inglês, eletrônica, comecei na televisão como estagiário há mais de vinte anos na TV Educativa. De estagiário passei a *caboman*, auxiliar de câmera, e fui para o

almoxarifado onde eu me interessei muito em saber como é que é equipamento. Mas nunca deixei sair do meu foco, meu foco era ser câmera. Investi em curso da própria *Sony*¹¹³, que a própria televisão dava. Aos poucos fui fazendo trabalhos em produtora até que virei cinegrafista. Fiquei na TVE por quase 17 anos, como cinegrafista cinco anos. Não era só jornalismo, lá você tinha que trabalhar na produção também. É bom porque te dá um *know how* de fotografia. Hoje como trabalho muito com *hard news*, que é aquela coisa muito pauleira, não dá tempo de fazer muita coisa de fotografia, mas quando dá tempo é muito gostoso fazer um diferencial em uma imagem. Aqui no SBT, já tem 11 anos que eu estou aqui, sendo quase quatro na madrugada. Sempre trabalhei em duas emissoras ao mesmo tempo, né? Sempre na TV Educativa e mais uma. Já passei por Bandeirantes, RedeTV!, a antiga Manchete. Quando eu cheguei aqui o Denilson já estava muito mais antigo que eu. Inclusive acho o seguinte: em televisão não existe auxiliar e câmera, existe uma equipe. Hoje o Denilson é para mim um cara que é o meu braço. É o cara que a gente chama de braço, que é o cara que eu confio, precisa ter confiança para trabalhar na madrugada ainda mais hoje em dia. Eu nunca vi o Rio de Janeiro como está hoje.

Denilson: Eu estou há mais de cinco anos nesse horário. Eu trabalhava de dia, aí teve um problema com um colega de trabalho que não estava correspondendo às expectativas da emissora e aí o meu supervisor chegou e perguntou para mim: “dá para você vir para a madrugada?” Quando eu vim era outro cinegrafista, mas ele se aposentou e o Milton veio para o horário dele. Nosso foco é o seguinte: a gente não tem apuração, não temos produção, não temos repórter. A gente tem que se organizar senão a gente vai se matar a noite toda e no final da noite não vai ter nada. Aí nós começamos a nos organizar: muitos contatos com a polícia, saíamos tempos atrás para fazer umas rondas nas delegacias, se familiarizar com o pessoal da polícia a fim de extrair deles informações para algumas matérias e foi o que aconteceu. Eu trabalhei na Record por 12 anos. Lá eu era motorista e me botavam para trabalhar na unidade móvel. Eu sempre gostei daquilo. Era eu dirigindo e mais dois técnicos. Quando um técnico entrava de férias eles já não colocavam outro no lugar. Eu fazia o trabalho do técnico. Só que eles não me pagavam para isso. Eu não reclamava porque para mim era um aprendizado, coisa legal, então eu fazia tudo direitinho. Aí eu fui trabalhando, fui trabalhando, até que apareceu lá uma oportunidade de fazer uma faculdade de marketing. Comecei a fazer a faculdade, fui indo e quando eu estava perto de terminar, fui pedir uma oportunidade na empresa. Se a empresa estava pagando minha faculdade, nada mais normal do que a empresa me dar uma oportunidade para eu poder retribuir o investimento que eles fizeram em mim. Aí eu mandei uma carta para o presidente da emissora e isso acabou pegando mal e eu fui mandado embora. Comecei a trabalhar para produtoras, fazia *freela* para colegas, tudo que você pode imaginar eu fiz. Até que fui trabalhar na RedeTV!. Eu trabalhava lá e vinha fazer um *freela* aqui. Até que o supervisor aqui me chamou para trabalhar. Fiquei só uns três meses de dia, vim para a noite e nunca mais saí da noite. É legal, é maneiro que a gente interage bem, mas é uma responsabilidade muito grande para a gente. Eu sou o assistente e ele é o repórter cinematográfico, mas eu tenho que apurar na rua. Aqui a gente apura junto. Na rua eu tenho que apurar. Eu tenho que ir lá no delegado, eu tenho que conversar com as pessoas e nesse meio tempo ele está fazendo imagem e olhando tudo ao meu redor. Aquilo tudo que eu vou pegando de informação eu vou escrevendo no celular. Depois que

¹¹³ A maior parte das câmeras utilizadas hoje pelas equipes de reportagem é dessa marca.

nós conseguimos fechar tudo e não tem mais nada, a gente vem para a emissora. Eu sento ali e escrevo, porque é muita coisa na cabeça. Eu escrevo tudo, passo para ele e ele joga no sistema, lê tudo, vai acrescentado coisas que eu possa ter esquecido. É uma responsabilidade grande que é o seguinte: nós vamos para rua, pegamos um caso, homicídio, estupro, ou seja lá o que for. A informação que nós trouxermos para as pessoas têm que estar muito bem apuradas senão você leva a empresa a cometer injustiça, a divulgar uma inverdade, então é uma responsabilidade sem igual.

Milton: A gente tem um editor de texto na madrugada. Ele é editor de texto, ele grava o off e quando a matéria tem um apelo maior a gente faz uma passagem com ele mesmo porque ele é repórter.

2) Qual a estrutura aqui do SBT na madrugada?

Milton: No dia a dia nós temos aqui para trabalhar diretamente só eu como repórter cinematográfico, o Denilson como assistente técnico, o editor de texto e o editor de imagem. Eles chegam meia-noite e nós pegamos às dez, entendeu? Mas a decisão de para qual história nós vamos correr é nossa.

Denilson: Até porque o diretor de jornalismo, o Diego (Sangermano) nos deu o livre arbítrio. “Olha só pessoal, não tem apuração, não tem repórter, não tem produção, vocês decidem o que vocês vão fazer, até onde vocês podem ir, porque vocês não podem se arriscar durante a madrugada”. Óbvio que se acontece um caso muito relevante onde toda a imprensa vai estar nós esquecemos o que tivermos e vamos para o que vai ser notícia amanhã. Fora isso, nós é que determinamos. Tem um montão de coisa acontecendo, aí nós começamos a ligar para os colegas, para o policial, para a fonte. “Meu irmão, como é que está a situação aí? Você acha que se a gente chegar aí vai ter local¹¹⁴, pessoas, testemunhas que possam falar?” A gente também pergunta para não apontar para um lugar, achar que vai acertar e não acertar. De repente um outro caso rende mais.

3) Como é a rotina de vocês?

Milton: Nós chegamos aqui, ele já separa todo o equipamento. Eu já chego, confiro e começo a ligar para os contatos, os chamados coleguinhas. Nós temos os coleguinhas do dia a dia e temos também nossas fontes, policial, coisa e tal. Ou a gente liga para eles ou espera às vezes eles ligarem. Nós olhamos também as agências pelo computador e vamos vendo o que repercutiu durante o dia ou que aconteceu próximo ao nosso horário e dependendo do que aconteceu até no rádio. Eu venho ouvindo a Voz do Brasil dentro do metrô, já venho antenado. Esse cara tem um vício: assistir telejornal. Ele sabe tudo que passou no RJTV. Então a gente já vem abastecido de notícia. “Pô amiguinho, tu viu o caso da menina que foi estuprada?” “Vi, Milton, e tu viu aquilo ali?” Então a gente começa a monitorar o que está acontecendo tanto com os coleguinhas como com as fontes, o que rolou de notícia durante o dia próximo ao nosso horário, o que dá para salvar a matéria. Às vezes chegamos aqui ainda tem gente na redação que fala “olha gente aconteceu isso, isso e isso”. Esse cara (Denilson) é um “guia rex”¹¹⁵ de delegacias. “Denilson, essa delegacia é central de flagrante”? A gente vai monitorando assim.

¹¹⁴ Ter local é um jargão policial. Quando a cena de um crime ou de um acidente ainda está preservada, pode se dizer que há local.

¹¹⁵ Nome de antigos mapas de localização vendidos em bancas de jornal.

Denilson: A gente só tem jornal local ao meio-dia, mas de manhã tem o Primeiro Impacto que é nacional. Dependendo do material, os editores “esqueletam”¹¹⁶ tudo, geram e já mandam para São Paulo.

Milton: É difícil a gente passar uma madrugada sem fecharmos nada, porque todo dia acontece alguma coisa. Quando às vezes deixamos de fazer alguma coisa é porque a gente avalia que não vai repercutir. Foi preso dentro de um ônibus um rapaz com uma pistola, infelizmente não é notícia. A gente precisa de notícia então a gente avalia.

4) E como é que funciona esse processo de apuração durante a madrugada?

Milton: O Denilson tem uma coisa, que eu até chamo ele de perdigueiro. Enquanto eu estou aqui olhando uma coisa, o Denilson já está lá. O Denilson vai apurar, vai lá na delegacia, porque se eu chegar com a câmera eu já intimido. Então o Denilson vai lá sozinho, vai lá, procura saber. Teve até um caso há pouco tempo que nós fomos na Serrinha para fazer um cara morto. Nós passamos de carro e vimos. Aí eu falei para um colega da Bandeirantes: “tem um cara morto aqui na Serrinha e coisa e tal”. Nós tínhamos os bandidos, familiares de bandido de um lado e a polícia do outro. Nosso carro é adesivado. Nós tiramos o imã do carro, paramos distante. Eu deixei a câmera no carro, ele saiu, foi falar com os policiais e eu saí para falar com os bandidos. Isso escuro, num lugar ermo para caramba. O Denilson deu o jeito dele de falar lá com a polícia e eu dei o meu de falar com os bandidos. Tem que saber chegar, você é quase um mediador. Quando a gente chega no local tem todo o cuidado tanto para apurar como para pegar a informação certa para passar para frente. Eu confio nele para caramba por isso. Não é por nada não, mas eu aprendo muita coisa com ele.

Denilson: Porque tu chega de dia, você tem uma visão geral das coisas, sabe onde tem bandido, polícia, sabe quem é o comandante, batalhão que tem, a emissora ali, o comandante do batalhão. “Estou com uma dificuldade de entrar para fazer a matéria porque os policiais estão embarreirando”. O cara liga para o comandante e resolve. De noite não. De noite você tem que fazer o corpo a corpo. Tem policial que odeia a imprensa, tem uns que são mais maleáveis. Aí você chega com um “dá licença, boa noite, recebemos a informação assim, assim, um homicídio. Havia uma perseguição aqui, nós sabemos que o corpo está ali. Queremos saber se tem algum problema de filmarmos ali”. E, claro, a gente escuta o que a polícia fala. Na minha concepção, eu chego no local, o cara está morto ali, baleado, cheio de policiais. O que vale para mim é a versão da polícia no local e a versão que eu vou ouvir na delegacia ou do familiar do morto. Aquele pessoal que está ali querendo agitar, eu nunca dou ouvido a eles. Se vier um familiar entre eles, “sou parente dele”, e quiser falar comigo, a gente grava. Caso contrário prevalece o que o policial disser ali, de maior patente ou o que o delegado disser lá. Eu e ele fomos ali na Leopoldo Bulhões, na “faixa de gaza”¹¹⁷, porque teria tido um tiroteio lá e um senhor morreu dentro da varanda de casa, com um tiro na cabeça. Fomos entrar e o Milton ligou a câmera. Não era nem na favela, era na parte dos prédios. Fomos entrando e o Milton

¹¹⁶ “Esqueletar” é o mesmo que montar o VT

¹¹⁷ Apelido dado no Rio de Janeiro a vias que cortam duas comunidades ou que passam pelo meio de uma mesma comunidade e onde há tensão de tiroteios constantes. Faz uma analogia à faixa de terra no Oriente Médio onde há tensão entre palestinos e israelenses. No caso do exemplo citado, a Avenida Leopoldo Bulhões passa no meio da favela de Manguinhos, em uma região próxima à outra comunidade: a do Jacarezinho.

foi na frente e eu atrás olhando a retaguarda. Quando eu olho para trás, os policiais tinham ficado para fora. Sendo que os moradores começaram a tacar pedras nos policiais. Nós na frente, Milton filmando e eu atrás do Milton. Olhei para trás, aquela agitação lá na favela, começaram a tacar pedra nos policiais, e eu “Milton, Milton, Milton, volta, volta”. Nós tivemos que sair da favela e fomos apedrejados. Eu não sei o que aconteceu lá. Eles estavam dizendo que foi o policial que matou o senhor, mas a lei diz o seguinte: o policial é servidor público e está ali para manter a ordem. Eu tenho que acreditar nele até segunda ordem. E nisso você começa a ganhar credibilidade. Os caras já pegam nosso telefone, os caras já começam a ligar para a gente. “Tem uma parada aqui legal”. Que nem na semana retrasada, nós estávamos recuperando uma matéria aqui na Tijuca de um assalto quando um colega lá de Niterói ligou para mim: “olha corre para cá que um delegado federal reagiu a um assalto, conseguiu atirar nos dois bandidos”. Chegamos lá, fizemos tudo, todas as informações, foto, vídeo, fizemos a matéria toda, porque o cara confiou na gente porque no passado, nós tínhamos feito uma matéria com ele, não tendenciosa, uma matéria legal, matéria direcionada para o real. Mas tudo é aquele negócio: tem que ter jogo de cintura, até porque nos dias de hoje, os policiais enfrentando essa crise econômica que o Estado está estão com os nervos à flor da pele.

Milton: Um adendo aí no que o Denilson falou. Com relação à informação dos policiais, que eles ligam para a gente e passam o que está acontecendo. Nossa preocupação é com a credibilidade, a confiabilidade. Quando o policial passa uma informação para a gente, a gente se preocupa em dar na íntegra o que foi passado. Não é deturpar, é mostrar exatamente o que aconteceu.

5) Vocês falaram de casos em comunidades. Como funciona essa entrada na comunidade durante a madrugada?

Milton: Se você for representante de uma comunidade, eu sou um cara que falo olhando nos olhos. Eu pergunto: “você vai me levar e vai me trazer?” Se o cara me chamar, geralmente, é representante de associação de moradores, é o que vai te dar um respaldo, ele é que é o interlocutor que leva ao traficante que manda lá dentro. Não tem jeito, ele que vai falar “pode entrar”. Eu entro dando confiança à palavra que o cara me deu, entende? É uma coisa que eu tenho que pensar mil vezes. Porque com a minha atitude, eu posso comprometer a minha equipe. Eu quero fazer. Isso aí é uma coisa que é comigo, não tem jeito, mas eu não posso fazer nada sem falar com ele. Teve uma história na Serrinha de um bandido morto. Teve uma perseguição, quando eles deram a curva para entrar na Serrinha, os policiais conseguiram balear eles. Só que eles tinham roubado um carro blindado e estavam fugindo nele. Os policiais acabaram baleando na verdade um motoboy que estava num ponto de mototaxi. Até então, eles tinham baleado um inocente.

Denilson: Quando nós chegamos tirei a logo do carro, saí sem crachá nem nada, porque de madrugada eu não uso crachá nem nada, camisa da empresa nada, para justamente me isentar de qualquer responsabilidade. A gente pode chegar a ir lá dentro se a polícia estiver. Nós não temos ninguém para ligar à noite e dizermos assim: “tem um baleado, a gente vai ou não vai”? Somos nós mesmos que temos que avaliar, se a gente vai ou se não vai.

Milton: Já teve um caso que a gente tinha retornado da externa e entramos aqui na redação, para fazermos o nosso relatório. Houve um caso em Belford Roxo de um crime que os caras tinham pego um bandido que estava roubando a redondeza, chegou o justiceiro, que seria da milícia de Belford Roxo, tirou a pistola e deu dois tiros na cabeça do cara com câmera filmando, câmera de segurança e coisa e tal.

Nós estávamos aqui daqui a pouquinho o segurança chamou a gente porque tinha chegado um cara lá embaixo com um pastor, que veio se entregar aqui na porta do SBT. Era o assassino. Tem decisões que nós temos que dividir com todo mundo, mas nosso diretor estava viajando e a gente não conseguiu falar com ele. Aí tomamos a decisão de fazer a entrevista com ele, acompanhamos até a delegacia que é próxima aqui, entregamos ele na delegacia, filmei todo o processo de rendição de entrega, ele se entregando, e filmei e vendemos¹¹⁸. Ele era um justiceiro, de uma milícia de Belford Roxo, e ele estava sendo procurado tanto pela bandidagem, porque ele matou um bandido, pela própria milícia e pela polícia e com medo de morrer.

Denilson: Ele disse o seguinte: “antes de vir aqui no SBT eu até pensei em ir na Record, mas vim aqui no SBT, porque o SBT é um canal legal”.

Milton: A gente ainda ligou para a Divisão de Homicídios para a gente ter um respaldo ou uma noção do que que a gente tinha que fazer. A gente fez tudo para se cercar, até porque os caras podiam estar seguindo ele, botar um fuzil na cara dele e pegar a gente também.

6) Como funciona o trabalho com as fontes?

Milton: A gente às vezes sai e determina um número de delegacias para nós irmos. E aí fazemos uma ronda. Já peguei um flagrante na rua, já peguei tiroteio na rua. Nós passávamos na Cidade de Deus, vimos dois caras baleados no chão. Nós paramos e eu disse: “Denilson, para o carro distante e deixa que eu vou sozinho”. Porque eu protejo ele com o carro que não fica tão visível assim. Se a população vê o carro da imprensa, a primeira coisa que eles fazem é vir contra a gente e contra os policiais. Então geralmente eu faço esse pacto com ele. Mesmo assim, Denilson dá sempre um jeito de estar do meu lado.

7) Como é que vocês acham que as práticas jornalísticas e as rotinas dos profissionais de madrugada são diferentes daqueles que trabalham de dia?

Milton: A madrugada é totalmente factual, acho que o diferencial está aí. Você mesmo como repórter pode ver. De dia você vê uma redação cheia, eles te dão todas as informações. Você tem uma pauta montada, você tem uma apuração montada, você tem todas as informações. Hoje um repórter vai para a rua daqui ou de outra emissora já com o texto batido. O cara chega lá na frente do vídeo, grava e acabou. Madrugada não. Madrugada o repórter faz o diferencial. Qualquer informação depende dele. Por mais que tenha apuração, mas é o repórter faz a diferença.

Denilson: Porque é aquele negócio: de dia tem uma logística diferente, você tem todo o aparato da empresa, você tem assessorias, você tem estagiários, você tem produtores. Qualquer dúvida que você tenha é só ligar, seja para tentar gravar com um delegado ou com um familiar. De noite você tem que se virar nos 30. De noite você tem que ser articulado, desembaraçado, e saber que no caso de crime as pessoas estão chocadas e procuram a gente. Você tem que induzir eles a falar o fato real, não botar a culpa em A, B ou C. Não quero saber da culpa de ninguém, quero saber como era o seu amigo. “Ele tinha envolvimento?” Eu quero saber a verdade. Aí você tem que ter jogo de cintura, ter psicologia para não se estressar. O problema maior da madrugada é falta de estrutura de um modo geral. A TV Globo tem uma mega estrutura, mas isso não te garante que você vai se desvencilhar de situações.

¹¹⁸ Vender é um jargão jornalístico usado para oferecer um material a um jornal. Não tem nenhuma relação com dinheiro. Vende-se uma pauta, uma imagem, um flagrante.

Eu e Milton saímos daqui um dia meia-noite, uma hora da manhã, para um bingo estourado com mais de 300 pessoas em Madureira. No meio do caminho, atravessei o viaduto de Quintino, para descer do outro lado de Cascadura e vi uma moto passar. O Milton olhou, acompanhou e começou “neguinho mete o pé que os caras estão voltando, os caras vieram atrás da gente”. E ali os caras roubam, matam para caramba. Os caras vieram atrás da gente acelerando. Quase capotei com o carro. Os caras atrás da gente correndo de moto.

Milton: Teve também uma situação lá de Bangu. Nós estávamos fazendo uma festa de final de ano e ficamos sabendo que na Delegacia de Bangu tinha uma mulher que foi espancada e abortou. O feto estava em cima da cadeira da delegacia. Isso repercute, então corremos para lá. Quando chegamos em Realengo fomos rodeados por motoqueiros. Fomos seguidos pelos motoqueiros, os caras armados. O repórter que estava com a gente entrou em desespero, começou a gritar. O Denilson é um cara consciente, por isso que eu confio nele para trabalhar, é um comprometimento.

Denilson: Na madrugada quando eu estou na rua eu não tenho tempo para sentir medo, tenho que sentir medo depois. Uma vez fomos para uma operação e saiu tiro para caramba. Quando eu saí dali minha perna tremia para caramba, mas quando eu estou dirigindo pode vir um caminhão cheio na minha direção, que eu não fico nervoso não. Porque eu tenho foco, eu tenho objetivo de não morrer na mão desses caras. Então depois parece até que você vai explodir de tanta adrenalina, mas eu não posso morrer na mão de bandido. Eu tenho que manter a consciência, tem que manter a calma para desvencilhar. Porque nós que somos cidadãos, nós temos que ter a situação sob controle. Nós não somos bandidos, então eu tenho condições de me autocontrolar para sair daquela situação. Depois eu posso até desmaiar de susto, mas na hora não posso. Eu tenho um filho que mora comigo e depende de mim.

8) Como é que funciona a colaboração dos coleguinhas na madrugada?

Milton: Todos nós compartilhamos quando vai ter uma coisa que vai repercutir mais. Tem uns que seguram a informação, o que é normal. Até a gente também, se tiver uma coisa que eu sei que vai bombar e só eu tenho. A gente nem critica ninguém, todo mundo tem essa consciência, pelo amor de Deus, é uma exclusiva. Agora uma coisa que eu não abro mão é amizade na madrugada. Por que? Um pneu fura, uma pessoa passa mal. É um ajudar o outro. Não adianta. Se eu estiver em uma rua onde só você está com um carro blindado para poder socorrer a gente e você virar as costas para a gente, você vai botar duas pessoas em risco, então não pode ter isso. No mais, se eu conseguir um entrevistado, ele já deu a sonora para a gente e eu estou vendo que o colega está chegando. “Milton, segura para mim aí”. A gente vai fazer com prazer.

Denilson: Até porque isso aí é o seguinte. Você trabalha na Globo, eu no SBT, ele na Band, todo mundo ali tem as suas responsabilidades, todo mundo tem ego, mas o teu ego não pode estar acima do ser humano, não pode jamais em tempo algum. Aqui no SBT eles nos dão liberdade até a página cinco, porque se nós perdermos uma parada muito forte eles vão questionar. “Ué, vocês estão sempre chegando na frente e dão um mole desse?” Se tem uma situação que vai repercutir, já viralizou e todo mundo está sabendo e os caras não chegaram ainda, eu vou ligando para todo mundo. Eu ligo para o Marquinho (Marco Antônio de Jesus – repórter da CBN) que liga para o mundo inteiro. Brinco que ele é o maior fofoqueiro da madrugada. Ligo para o Evandro (Cardoso – repórter cinematográfico da TV Globo). “Evandro, tu está onde? Vem logo fazer isso aqui”. É uma situação que repercute, não é uma exclusiva, os caras vão saber da história. Eu estou sempre de celular, sempre que

precisa também tiro um montão de fotos, trago a matéria para cá, jogo no ar, depois mando para todo mundo. Eu não tenho ego, eu não sou repórter, eu não sou jornalista, sou assistente técnico. Esse negócio de exclusividade, faz cair um avião na tua frente que é exclusivo, cara.

9) Como é o que vocês definem se vão correr para uma história ou para outra?

Milton: É o peso da matéria, né? O que repercute, se sentir que é uma coisa que vai repercutir, esse é o diferencial.

Denilson: A gente se preocupa muito com isso porque você vai à noite num lugar fazer um homicídio triplamente qualificado, quatro mortos e o caramba. Nós conseguimos fazer as imagens, a movimentação da polícia, algumas sonoras de algumas testemunhas, mas a matéria só vai viralizar mesmo de manhã quando o pessoal for suitar¹¹⁹ aquela matéria, for para a Divisão de Homicídios, entrevistar parentes dos mortos e coisa e tal. Então se você tem duas matérias e uma você sabe que repercute mais, você vai optar pela que repercute mais, até porque se você já tem um resuminho do que está acontecendo num outro bairro, você pode dar uma notinha daquilo ali no jornal. Boto para o editor, aviso o pessoal da redação que vale a pena investir nessa história, mas que nós não fomos por causa disso aqui.

10) Há uma tendência ao longo do dia de os repórteres ficarem mais nas redações e menos nas ruas, Vocês acham que na madrugada é importante o repórter ir para a rua?

Denilson: O mais importante para o jornalista que se forma e até mesmo o cara que está na rua é o dia a dia, é o campo. Você (se referindo ao entrevistador), Guilherme Peixoto (repórter da TV Globo), o Danilo (Vieira – repórter da TV Globo) e outros que já passaram tem mais *know how*¹²⁰. Vocês passaram por tudo. Você conhece, sabe se desvencilhar, vai saber tomar uma decisão numa hora certa, num momento difícil. Há momentos em que você não tem tempo hábil de ligar para as pessoas e esperar resposta de ninguém. Você tem que assumir o risco, meu irmão. E se você assumir o risco e se der bem, parabéns para você, não fez mais que tua obrigação, você está aqui para trabalhar. Agora se você assumir o risco e der errado, meu irmão, “por que não ligou?” É essa agilidade sem estar cercado de uma infraestrutura que dá bagagem para o repórter.

11) Que tipo de assunto vocês mais abordam na madrugada?

Milton: Infelizmente mais crime. E tem esse desafio de falar sem apelação.

Denilson: É crime, hoje em dia o assunto é crime. A cidade está dominada pelo tráfico, toda hora é notícia de bonde, de bandidos para lá, bandidos para cá. Então o Rio de Janeiro que era um cartão postal, um acervo de matérias boas, agora você só vê assalto toda hora, bandido de bonde para lá e para cá, pessoas sendo baleadas. É só esse tipo de notícia, você não vê outra coisa. Se você for falar com uma pessoa na rua, ela tem medo, não quer nem mostrar o rosto porque tem medo de falar alguma coisa porque sabe que não tem segurança. O veículo de informação tem até que tomar um cuidado na hora de passar essas informações para não criar um terror psicológico na cabeça do telespectador.

¹¹⁹ Suíte é continuação. Uma matéria grande tem uma suíte no dia seguinte. Neste caso, ele se refere à suíte quando diz que o material da madrugada é aproveitado pelos repórteres da manhã.

¹²⁰ Expressão de língua inglesa que significa “como fazer”. Ter *know how* é saber como fazer.

12) Como vocês veem o trabalho da madrugada? Vocês gostam de trabalhar na madrugada?

Milton: Eu adoro. Eu comecei a trabalhar na madrugada na Bandeirantes. É a adrenalina, é um estado de espírito, tem coisa que só a gente faz, depende da gente. Quando você vê um produto que não dependeu de ninguém, te dá mais autonomia. E essa coisa da adrenalina é que me move, é muito gostoso.

Denilson: Eu gosto. Há uns anos atrás eu já trabalhei na Record e trabalhava na madrugada, perigoso também porque não tinha UPP. E tinha lugares que você não podia passar. Você estava em constante risco. Naquela época você tinha na redação aquele rádio da polícia que você ouvia as coisas, as coisas vinham mais rapidamente. Nem por isso a gente deixava de correr risco. Já deram tiro em cima dos carros naquela época. De noite, depende de você, você tem que se virar, isso é legal. Converso com um, converso com outro, mas a vantagem maior é o aprendizado.

13) E o que motiva vocês a continuarem na madrugada?

Milton: É gostar mesmo. Eu gosto da madrugada, a diferença salarial nem é muito grande do dia. Acho que é mais pela autonomia e adrenalina mesmo. A gente fala muito sobre isso. Se nós formos pegos de madrugada, o que vai acontecer com a gente? A gente conversa muito sobre isso. Já imaginou se a gente for pego e coisa e tal? Não adianta você trabalhar de madrugada e achar que não pode acontecer nada, você vai estar se iludindo. Pode acontecer mesmo, um tiroteio, uma bala perdida.

Denilson: Primeiro a parte financeira me motiva né. Em um país onde está uma crise dessa, o adicional é bom para mim. Aqui eu tenho duas funções, eu dirijo também. A rua está muito estressante para você dirigir. Eu, de noite, tenho mais flexibilidade para trabalhar, me sinto mais tranquilo. De dia eu era estressadão. Eu saio para um lugar que eu gastaria 40 minutos e levo dez. Essa tranquilidade é melhor, mas tem a desvantagem do risco, né? Fora que você tem que começar a se mexer para você reviver novamente, senão você fica doente.

14) Quais diferenciais vocês acham que o pessoal da madrugada tem que ter?

Denilson: Os diferenciais são: tem que gostar, primeira coisa. Para trabalhar de madrugada, tem que gostar da madrugada, tem que ter tesão. Tem que gostar e tem que estar consciente de que é um risco iminente, você está o tempo todo correndo risco. Aqui em frente mesmo os caras passam de bonde na rua.

15) E como é que vocês definiriam um repórter da madrugada?

Milton: Um colaborador.

Denilson: Tem que ter audácia na rua. De noite é tudo pior. Se você não tiver audácia você não consegue extrair nada de ninguém. Você não pode ter medo, não pode ter vergonha de chegar no delegado e ele te dar um fora. Você não pode ter medo de chegar num policial. Você tem que ser audacioso e ao mesmo tempo tem que ser persuasivo também.

Milton: Se você se intimidar, por exemplo, no meu caso, eu não vou fazer imagem nunca. Mataram um bandido na comunidade. Quando você liga a câmera, os caras dizem logo “vai morrer, hein? Aí Tim Lopes, vai morrer, hein?” É toda hora sendo ameaçado. Eu sou ameaçado toda hora.

Denilson: Não são nem os bandidos, são favelados, desclassificados e vagabundos. Gente sem vergonha que gosta de tirar uma de vagabundo mesmo. Como se ser vagabundo fosse uma coisa bacana. Antigamente a gente brincava de bandido e polícia e ninguém queria ser o bandido. Hoje os caras querem ser os bandidos, inversão de valores, mas...

16) Agora uma última pergunta. Vocês lembram de alguma cobertura marcante?

Denilson: Teve uma explosão aqui na frente. Foi do arco da velha. Eu estava na redação, sentado, Milton estava de folga nesse dia. Eu estava no computador vendo se tinha alguma coisa. De repente, a explosão estremeceu tudo. Eu nem perguntei nada, só estava eu e o Fabiano (Martinez – repórter). Desci, entrei no carro com ele, demos a volta no quarteirão. Fiquei perplexo, irmão, é como se ali fosse essa mesa aqui e depois da explosão sumisse tudo. Aquilo ali foi estarrecedor. Eu vi o bombeiro tirando um homem só de cuecas. Ele estava dormindo. Foi uma situação muito, muito triste, estarrecedora porque aquilo ali tinha um montão de lojas, um montão de restaurantes, tinha farmácia, tudo explodiu de um jeito. Teve gente que estava dormindo. Os vidros ficaram todos ensanguentados, o estilhaço dos vidros. Eu olhava para os prédios, não dava para acreditar. Sumiu, desapareceu, parece que um gigante chegou ali e tirou tudo dali. Eu liguei para o pessoal, liguei até para o Evandro (Cardoso – repórter cinematográfico da TV Globo). “Está onde? Corre para cá”. “Vem logo para cá senão você vai perder essa parada”. Ele veio, chegou aí e fez. A imagem dele entrou um montão de vezes, o cara de cuecas pedindo a Deus. Eu podia ter ficado na minha. Mas eu sempre converso muito com o Milton. De noite, tem colegas tipo camaleão, troca de cor de acordo com a situação. Eu não me presto a isso. Ou tu é meu amigo ou tu não é meu amigo. Dependendo de haver uma reciprocidade dele ou não. Eu não vou mudar a porcaria desse mundo, mas se eu fizer a minha parte, para mim está de bom tamanho.

APÊNDICE 16

Entrevista com Moabe Ferreira, repórter cinematográfico da TV Bandeirantes

1) Você pode contar um pouquinho da sua trajetória para a gente, por favor?

Moabe: Eu comecei como cinegrafista na CNT. De lá eu fui cobrir umas férias na Bandeirantes. Eu comecei na CNT em 1996, mas como operador de áudio. Aí em 2001 eu passei a ser operador de câmera interno, que é o cinegrafista que fica em estúdio. De 2002 para 2003 eu me tornei cinegrafista. Aí em 2004 eu cobri umas férias na TV Bandeirantes, eles gostaram do trabalho e tal, e pediram para eu ficar com eles. Por volta de 2008 eu fui para a madrugada e estou até hoje. Eu fui porque eu gostei. Eu era folguista da madrugada. Trabalhava durante o dia e quando era folga na madrugada eu tinha que cobrir. Eu gostei muito que tinha mais factual acontecendo na madrugada naquela época. Tinha muito factual, tinha muito tiroteio, essas coisas assim. Isso começou a me fascinar. E aí tinha muita briga em casa por causa disso, minha esposa ficava falando: “não faz isso, não faz aquilo”, mas era

muito legal fazer, era muito legal cobrir essa movimentação toda, esse factual todo. Saía da redação daquele negócio de pauta e tal, e começava a ser você na rua. Você não tinha um editor, você não tinha um chefe. Era você, o teu auxiliar e o repórter. Aquilo fascinou muito, um mundo muito legal e além de tudo tinha também o adicional noturno que ajuda bastante no orçamento. Até que me efetivaram na madrugada e estou até hoje nisso.

2) Como era e como é a estrutura na madrugada na Band? Mudou muito nesse tempo?

Moabe: Tem dois anos mais ou menos que eu não tenho mais técnico. Que somos só eu e o repórter. Aí eu acumulo as funções.

3) Como é a sua rotina?

Moabe: Nosso horário é às nove da noite. Chego na redação por volta de dez para as nove, por aí. Eu verifico o equipamento, boto o equipamento no carro. Muitas vezes, tem pauta, muitas vezes não tem. A gente fica por base do factual. Como eu já disse já é agitado para caramba, então é difícil não ter um factual. Até umas dez horas ainda tem chefia. A chefia designa para a gente qual o factual a fazer. A gente sai já com esse intuito de fazer, de cobrir aquela matéria do factual do momento. Se não tiver nada até a chefia ir embora, a gente fica apurando através de rádio e tal, caçando coisa para fazer, mas sempre tem. A gente tem fonte, a gente liga para batalhão, liga para o bombeiro, tem alguns amigos entre as emissoras mesmo que a gente se comunica. Aquele grupo da madrugada é um grupo muito fechado das emissoras, não tem essa concorrência. Tem assim uma união muito grande. Então a gente acaba comunicando um com o outro e sempre tem coisas. Um exemplo: tem alguém do SBT que sabe de alguma coisa, a galera do SBT sabe e fala com a gente. Quando a gente sabe a gente fala para eles. Essa interatividade é muito grande entre a gente.

4) Como é seu processo de apuração?

Moabe: Quando a gente faz a matéria na rua, matéria principalmente policial, a gente acaba adquirindo um coleguismo com esse policial. A gente acaba trocando contatos, e quando tem alguma coisa que eles estão cobrindo lá, quando estão fazendo aquele evento deles lá, eles acabam ligando para a gente. “Olha, está acontecendo isso, isso e aquilo, interessa a vocês?” Além disso tem a rede social que é muito forte, tanto Twitter, Facebook e WhatsApp também. Um exemplo clássico é o morro do Alemão. Se estiver acontecendo algum tiroteio lá, troca de tiro e tal, alguém ferido, a pessoa manda um “*whatsapp*” para a gente, a gente avalia, vê onde pode chegar. Porque primeiramente a gente tem que ter o nosso cuidado, nosso resguardo porque a chefia em si não deixa tanto ir para essa área de risco, pelo fato de ter dois amigos nossos que faleceram. A gente tem que ficar muito atento, a gente não pode ir para o olho do furacão. Antigamente tinham um respeito maior pela imprensa, que hoje em dia já não tem mais. Se eles não têm respeito nem com a polícia, imagina com a gente. A gente tem que se resguardar muito para poder fazer. Um caso no Complexo do Alemão, por exemplo, a gente vai para o Hospital Getúlio Vargas, vai para a UPA do Alemão, vai para a delegacia mais próxima para poder fazer essas matérias. A gente busca muito por rede social, por contatos em WhatsApp, Twitter e Facebook, por fontes de policiais mesmo e por ronda em batalhão, por ronda no Corpo de Bombeiros, essas coisas.

5) Como é que você acha que as práticas jornalísticas e as rotinas profissionais da madrugada são diferentes daqueles que trabalham de dia?

Moabe: Eu pessoalmente acho que a diferença é a união, cara. É uma das coisas muito legais que de dia a gente não tem tanta. Acho que mais pela rotatividade de dia. A madrugada é muito fixa. Eu te conheço hoje, daqui a um mês eu vou estar com você, daqui a um ano eu vou estar com você de novo. E durante o dia não é isso. Você muda muito de horário, você não tem tanto contato. Entendeu? A união é uma das coisas primordiais da madrugada. A gente destaca sempre isso, muitas das vezes a gente está no horário de lanche, no horário de refeição, senta junto para poder comer, entendeu? E você tem mais autonomia de fazer as coisas na madrugada que durante o dia. Durante o dia você é subordinado à chefia, que manda você para algum lugar e você tem que fazer aquilo ali. Na madrugada não. É mais aquela pauta que você vai e fora aquela pauta o factual que você vê. Então essa é uma das diferenças muito grandes da madrugada para o dia para mim. Com certeza, é uma responsabilidade também, porque, por exemplo, aconteceu um homicídio em Nova Iguaçu, aí você vai para Nova Iguaçu e quando chega naquele local não é nada daquilo que você estava pensando. Em contrapartida aconteceu uma coisa muito grande no Centro da cidade, você tem que se deslocar de lá para poder voltar e acaba perdendo aquele negócio. É a autonomia que você tem que você pode se dar muito bem ou pode se dar muito mal e você não tem uma chefia para te amparar nisso, para falar para onde você vai. A responsabilidade é totalmente da equipe. É minha e do repórter.

6) E como funciona a colaboração com as equipes dos outros veículos?

Moabe: Desde que eu entrei na madrugada sempre foi assim, cara, sempre foi assim. Eu tenho oito anos de madrugada, dizem que antes de mim era até maior. Engraçado, né? Que a gente tem a rede social, um montão de coisa, a modernidade vai chegando a cada dia que passa, mas quando era no lance só do telefone, só de falar, era muito mais unido do que agora. Agora tem muito o grupo do WhatsApp. O problema do grupo é o seguinte: se você tem uma coisa na sua redação específica, uma coisa exclusiva sua e você não passa para o grupo aquilo ali, você fica mal visto no grupo. Antigamente não tinha isso. Era uma coisa de mais confiança. Tinha uma confiança muito grande. Antigamente para você ter ideia: “vamos para a Baixada Fluminense, tem um homicídio em Caxias”. A gente marcava um ponto de encontro e ia todo mundo junto. Era uma confiança tão grande. E além da confiança você tinha também ali uma maneira de se proteger. Quando acontecia alguma coisa com o coleguinha estava todo mundo junto ali para poder ajudar e tal. Hoje em dia a gente não vê mais isso. Apesar de ter um grupo na madrugada, você sabe que não passam tudo como era antigamente, não mesmo. Mas não tem nem comparação, cara. Eu estou há oito anos na madrugada e antes disso eu já cobria a folga na madrugada e era uma união muito legal. Além disso, os policiais, antigamente, os bombeiros passavam muito mais coisa para a gente. Hoje em dia é tudo com a ascom. Como é que vai falar com a ascom na madrugada? Aí tu acaba deixando de fazer muita coisa por causa disso também. Antigamente eles tinham confiança na gente. Hoje em dia não tem mais, muito levado por esse meio de rede social. Que para mim pode se dizer que é um avanço, mas, ao mesmo tempo, é um retrocesso, porque a confiança acabou. Eu acho que o boca a boca, o telefone, você gastar saliva para poder convencer o policial a fazer alguma coisa ali era muito melhor que hoje em dia. Tanto é que a prova é que antigamente a gente tinha factual que a gente

tinha que escolher para fazer. Já fechei sete VTs em uma madrugada, sete VTs com sonora, com tudo. Sete VTs.

7) Você vê alguma limitação no trabalho da madrugada? Segurança, por exemplo?

Moabe: Hoje em dia a gente preza muito mais por nós mesmos. A empresa preza muito mais pela segurança do que antes. O poder bélico dos traficantes também aumentou e a gente tem que ir com um certo tipo de cuidado. Antigamente a gente não ia com tanto cuidado assim. Porque a gente sabia. Engraçado, você ia para um confronto: “está tendo tiroteio na Linha Vermelha, e tal”. Parece até mentira, mas você sabia da onde a bala estava vindo, você sabia até onde você podia ir. Hoje em dia não é mais assim. Está tudo muito mais violento. É engraçado, está muito mais violento e tem muito menos VTs disso, como é que pode? É uma coisa, sei lá, que não se explica. Mas eu acho que é muito por isso mesmo que eu estou falando com você. Eu acho que o respeito já não está tendo mais. Antigamente a imprensa era mais respeitada, a polícia era mais respeitada. Entrando no confronto, tinha muito mais tiro da polícia e tinha muito menos bala perdida. Hoje em dia você tem mais cuidado, antigamente não tinha. Tem quatro anos que um amigo nosso faleceu¹²¹. Antes dele, eu já tinha 15 anos de TV e nunca tinha escutado falar que tinha um repórter, um cinegrafista, um operador ferido. Além disso, no nosso caso, tem uma outra limitação, a meu ver, que é a falta de uma retaguarda. Se você tiver uma retaguarda, se você tiver alguém na emissora para poder falar para onde você tem que ir, facilita muito.

8) Há uma tendência grande dos repórteres cada vez mais apurarem de dentro da redação. Na madrugada você acha que essa tendência se confirma ou não?

Moabe: Eu boto como 50% de você apurar na redação, e 50% de apurar na rua. Aquilo que eu falei com você, antigamente era muito mais fácil apurar da rua. Se você chegava na delegacia ou se você chegava no batalhão, eles te passavam o que estava acontecendo. Hoje em dia, eles não te passam mais. Você chega na delegacia, tem um homicídio quase na frente da delegacia, mas o policial diz que você tem que falar com a ascom. Então, fica difícil. Você pega muito mais flagrante na rua, é óbvio. Mas tem também a segurança. Você não pode ficar andando para lá e para cá sem um destino em um Rio de Janeiro que está pesado, muito violento. Essa é uma das coisas que a rede social nos ajuda. Aquilo que falei antes que atrapalhava em algumas coisas, nisso ajuda.

9) Se vocês souberem de duas histórias acontecendo ao mesmo tempo, como você define para qual correr?

Moabe: Para onde vai a maioria dos coleguinhas para a gente não tomar nenhum furo e também para onde tem maior repercussão, né? O trabalho da madrugada continua no dia seguinte. A gente tem que ir para onde a gente acha que vai repercutir mais no dia seguinte.

10) Que tipo de assunto mais se aborda na madrugada?

¹²¹ Refere-se ao repórter cinematográfico Gelson Domingos.

Moabe: Ah, cara, homicídio não tem jeito. Infelizmente, a gente acaba ficando um pouco frio nisso. Tem acidente também, mas, em proporção, homicídio está bem lá em cima

11) Você lembra de um caso que vocês tenham conseguido muita repercussão?

Moabe: Lembro. Em 2009, 2010, uma fonte do Fabinho (Fabio Barreto – repórter da madrugada da Band na época) na Polícia Civil falou para ele: “cara, está tendo uma incursão muito grande aqui e tal”. Era na favela de Parque Alegria, no Caju. Fechou a Linha Vermelha, fechou a Avenida Brasil, foi um evento muito grande. E aí a gente foi e avisou os coleguinhas. Só que os coleguinhas não conseguiram chegar porque as vias estavam fechadas. Não tinha como você acessar a favela do Caju com a via fechada. Não tinha como. Só que como a gente ficou sabendo antes, a gente já tinha passado, entendeu? E enquanto não terminou a operação, por motivo de segurança, eles não abriram para que nenhum carro tomasse bala perdida e tal. E a gente estava no olho do furacão. Foi uma troca de tiros muito grande. Várias armas apreendidas, várias drogas apreendidas. Infelizmente os coleguinhas não foram, mas eles entenderam que realmente a gente avisou e tal, mas eles não conseguiram chegar. A gente nunca ia imaginar que iam fechar essas vias todas. Teve uma outra também, que foi na Favela da Coreia, lá na Zona Oeste. A gente estava indo fazer uma matéria sobre dengue, que o exército montou aquele hospital itinerante para poder vacinar e cuidar das pessoas que estavam sendo infectadas pela dengue. A repórter na época era a Roberta Nápoles. Um colega dela falou assim: “Roberta, estou passando aqui na Quinta da Boa Vista e estou vendo um monte de carro da Polícia Civil aqui, vai ter uma operação muito grande”. Esse amigo da Roberta estava voltando da noitada. Aí ela pediu para ele: “segue eles para mim aí”. E o cara começou a seguir e disse para ela que os policiais estavam indo para a Zona Oeste. É aquilo que eu te falei tem que tomar decisão. A gente ia abandonar o negócio da dengue e ir? A gente já tinha feito bastante material da dengue, a Roberta falou comigo e com o operador: “vamos”? Como a gente gosta muito disso, partimos sem rumo. A gente só sabia que era na Zona Oeste. Quando já eram quase cinco horas da manhã, vimos um helicóptero de apoio da Polícia Civil. O Mário, que era o meu operador na época, falou assim: “Moabe, acho que é esse helicóptero aqui”. Eu ainda brinquei né? “Mário, tu vai seguir o helicóptero?” E seguimos o helicóptero, rapaz, impressionante. Como não tinha trânsito e o helicóptero não estava numa velocidade tão grande, porque ele tinha que esperar dar seis da manhã para cumprir mandado de prisão, essas coisas todas, a gente adentrou na favela da Vila Kennedy. Os policiais perguntaram: “como é que vocês conseguiram chegar aqui?” A gente falou: “a gente seguiu o helicóptero”. Quando os policiais foram para a favela da Coreia, a gente foi junto. Cara, não é brincadeira não, a gente conseguiu falar com o responsável pela operação, tinham 200 policiais. Foi uma troca de tiros muito grande, nesse dia eu consegui filmar, não o ato da morte, mas eu consegui filmar 19 pessoas mortas lá na Favela da Coreia. Foi uma aposta, né? O cara contou 50 carros. Você não tem como perder um comboio de 50 carros e com helicóptero ainda. A gente apostou nisso. Acabou que estourou o horário, que nosso horário terminava às cinco horas da manhã, e a gente ficou nessa pauta até uma hora da tarde. A gente dobrou e a chefia mandou a gente voltar, a gente falou que ia ficar e tal, que o negócio estava muito bom e tal. Quando as outras emissoras chegaram de manhã já para essa operação a gente já tinha feito tudo, foi totalmente exclusivo ali. Teve outra história também. Essa de um susto

que a gente passou. Estava chegando o Carnaval de 2015 e a gente foi fazer uma pauta sobre aquela fantasia de bate-bola em Marechal Hermes. Era eu e o Pedro Paulo Spoletto (repórter). Aí a gente estava já chegando em Marechal, mas só que o endereço que deram foi errado. Deram um endereço e era três ruas depois. Eu não sabia que ali tinha boca de fumo, na passagem de nível do trem. Aí o Pedro: “Moabe, onde que é?” “Não sei, cara, essa rua está muita estranha, cara”. Aí o Pedro: “vou ligar para o cara”. Foi e ligou para o entrevistado. O entrevistado disse que a gente estava no lugar errado e tal. Enquanto o Pedro estava falando com ele pelo telefone, eu olhei para o vidro e tinha uma mira laser no vidro do carro. Eu engrenei, já comecei a sair com o carro. “Meu irmão, os caras vão atirar na gente”. A gente atravessou a linha do trem correndo, ali e tal com o carro, aí chegamos do outro lado desesperados. Olhei pelo retrovisor, como é de madrugada, o vidro é escuro, o carro é blindado, e tal, não deu para ver nada, só estava vendo aquela mirazinha seguindo a gente, tipo filme, um desespero louco aquilo ali. Mas, graças a Deus, a gente conseguiu sair do local. Não sofremos nada, não teve disparo, mas só pelo fato de você ver aquele laser ali no teu carro que você não sabia da onde estava vindo. A gente não sabe o quanto aquela blindagem segura, a gente não tem essa especificação, e se funciona mesmo não sei. Eu não quero pagar para ver

12) Você gosta de trabalhar na madrugada?

Moabe: Gosto. Eu me acostumei com a madrugada. Você cria o costume. A gente tira plantão durante o dia. No nosso plantão de final de semana, eu sinto uma diferença muito grande do dia para a madrugada. Sei lá, não sei se eu posso dizer que eu tenho mais autonomia na madrugada, mas eu me integrei na madrugada. Se eu for para o dia, hoje em dia, eu sinto uma diferença muito grande, muito grande. Eu descanso mais, por incrível que pareça, dormindo de dia que de noite, eu sinto o meu corpo mais descansado.

13) E o que te motiva a continuar na madrugada?

Moabe: Ah, tem o costume de você trabalhar no horário. Tem o adicional noturno também. Tem o coleguismo.

14) Quais diferenciais você acha que um repórter da madrugada precisa ter?

Moabe: O cara da madrugada, o trabalhador da madrugada, tem que ter garra, primeiramente, vontade muito grande de trabalhar ali. Disposição. E tem que ter também um *feelingzinho*, sabe, da madruça, porque é diferente.

15) Como você definiria o repórter da madrugada?

Moabe: Cara, em uma palavra? Guerreiro. Porque a gente está indo como se fosse numa contramão. Enquanto está todo mundo descansando ali, a gente está tentando ser o olho e o ouvido da população no que está acontecendo no momento obscuro do mundo, entendeu? Porque você está tentando trazer para a galera que está acordando de manhã a realidade do Rio de Janeiro e tem que ter aquela disposição muito grande, uma coragem né? Hoje em dia essa coragem até diminui um pouco por causa do risco muito grande que se corre, mas tem que ter essa coragem, por isso acho que eu defendo como guerreiro.

APÊNDICE 17

Entrevista com Oswaldo Praddo, fotógrafo

1) Conta um pouquinho da sua trajetória profissional, por favor.

Oswaldo: Olha, eu comecei fotografando com um tio meu, num jornalzinho chamado Marreta. Eu fiquei livre do serviço militar e nesse espaço meu tio faleceu. Eu já fotografava desde moleque, aí fiz uma coisa que depois me toquei que eu fiz uma tremenda de uma loucura. Eu fui no O Globo pedir emprego para fotógrafo. Fui atendido por um fotógrafo, que depois ficou meu amigo com o tempo. Quando eu cheguei ele falou assim para mim. “Você quer o que? Emprego de que? Fotógrafo? Você está brincando, né? Tem vaga não, tem que ter experiência”. Me deu um banho de água fria. A fotografia era no quinto andar, eu descii jururu, mas é aquilo: tudo nessa vida já é traçado para a gente. Eu encontrei com um vigilante, que era meu vizinho e eu nem sabia que ele trabalhava no Globo. Ele me perguntou. “Veio fazer o que aqui hoje?” “Vim ver se tinha vaga de fotógrafo”. “Está brincando, cara? Isso aqui é uma máfia, isso aqui é um círculo, você não vai furar nunca o círculo sem conhecer ninguém. Vou fazer o seguinte contigo. Você está parado, desempregado com suas dívidas, vou te botar como motorista do jornal O Globo. Aí quando você estiver de bobeira, na primeira chance você vai para a reportagem, dirigir carro de reportagem”. Fui lá, dei sorte que o chefe de transporte foi com a minha cara. Eu era novo, tinha vinte e poucos anos. Ele virou e falou: “Hoje é dia 20 de dezembro. Como você é pato novo, não vou te botar no Natal nem no Ano Novo e você começa em janeiro, está bem?” Janeiro eu fui lá, fiz a inscrição direitinho e comecei a dirigir. Nos três primeiros dias, eu cheguei a dirigir para o Roberto Marinho, levei ele em Angra dos Reis e tal. Eu cheguei para o seu Gilberto, que era o chefe de transporte e falei: “Seu Gilberto, meu negócio é reportagem. Nada de ficar com esse negócio de ficar de serviço social e caminhão. Quero isso não, eu quero é reportagem”. Ele respondeu: “Olha, os carros de reportagem já têm os motoristas efetivos, mas todos os dias eles pedem um carro extra para o reforço da reportagem. Eu vou te colocar nesse extra”. E realmente colocou. Aí eu chegava às sete da manhã. Quando ligavam da redação pedindo um carro extra, me botavam. Rapaz, eu saía com uma camerazinha e todas as coisas boas que eu via, eu apertava o dedo. Fiz amizade, é claro, com os fotógrafos, Alberto Jacó, Manoel Soares, Luiz Pinto, Paulo Moreira, esse então eu devo tudo a ele, o pai do Paulo Araújo. Paulo Moreira, uma pessoa que não existe, se tem coisa boa está naquele ser humano ali. Paulo Moreira, por Deus, cara maravilhoso. O Paulo Moreira me dava as pontas do filme. Era tipo assim se o filme era 36 poses e o fotógrafo só tirava seis fotos, depois que o laboratorista cortava as seis fotos no laboratório, me dava o resto do filme, as pontas. Ponta do Globo era como se fosse um filme novo. E eu comecei a usar essas pontas para tirar fotos. Fazia uma foto boa de tiroteio, levava no Dia e O Dia publicava. Aí uma foto que via que se enquadrava no esquema do JB, eu fotografava e vendia. Fazia uma foto, no estilo do Fluminense. Uma vez eu estava vindo de Niterói e vi um ônibus pegando fogo na Ponte Rio-Niterói, fiz sozinho. Até porque naquela época tinha uma vantagem para o fotógrafo. Não existia celular. Hoje quando você chega para fotografar, já foi feita a foto, já mandaram a foto para o jornal. Enfim, é o triste fim. Voltei, fui no Fluminense, entreguei para o chefe de fotografia. Aí começou a sujar. O Alexandre Medeiros, que era repórter do Globo, me chamou para uma pauta. “Oswaldo, vamos dar um pulo em Campo Grande, que tem uma besteira lá, vamos

sem pressa”. Isso foi por volta de uma da tarde, mais ou menos. Quando a gente chegou no Ceasa¹²² de Irajá, tinha um caminhão de frutas tombado, com as rodas para cima. O fotógrafo era um garoto, também maravilhoso, chamado Jorge William, filho do chefe da fotografia, Sebastião Marinho. Eu peguei e perguntei para o Alexandre: “você está com muita pressa?” Ele me disse que não e a gente saltou porque aquela era a foto. Mais de 200 pessoas em volta do caminhão para saquear e só dois policiais militares. O filho do Marinho saltou do carro e veio comigo, saltou com uma tele(objetiva – tipo de lente). E você para fotografar uma coisa próxima e de grande proporção tem que ser uma grande angular. Nisso, um dos policiais levou uma tomatada na cara e falou: “eu não quero nem saber se tem imprensa aqui” e pegou um 38¹²³ que eles usavam e deu tiro para o alto. O pessoal que estava em volta invadiu o caminhão. O caminhão sumiu. Você sabe o que é um caminhão sumir? Eu fiz as fotos, o filho do Marinho fez a foto, virou-se para mim e falou: “me dá o teu filme que eu dou ao meu pai, que se a tua foto tiver ficado melhor, ele publica a tua”. Só que um mês antes, eu tinha feito um registro de uma confusão em uma fila para tirar o título de eleitor também com o Jorge e tinha dado para ele levar para o pai. Ele levou e falou “está aqui o filme que o Osvaldo fez”. O pai dele disse assim: “você vai colocar azeitona na empada dos outros? Deixa de ser otário, rapaz”, pegou o meu filme e jogou no lixo. Com essa foto que eu fiz que era uma foto monumental, eu não ia dar meu filme de novo a ele, ne? Ia para o lixo também. Levei para O Dia a foto. Meu amigo, O Dia abriu a primeira página. Pena não ter essa foto, não ter guardado uma foto enorme e o PM dando tiro também. O Globo antigamente tinha um anúncio “Leia amanhã no Globo: Caminhão tomba no Ceasa. Policial militar dá tiro e pessoal da favela saqueia o caminhão. Veja fotos exclusivas”. E O Dia deu aquela foto enorme. Aí o pai do menino Jorge William, o Sebastião Marinho, pegou a foto minha levou no Evandro Carlos de Andrade, que foi depois ser diretor da Globo, e falou: “olha a foto que o motorista fez e mandou para O Dia”. O Evandro falou: “demite, demite”. Aí quando eu cheguei lá o chefe de transporte chorando, cara, para você ver como graças a Deus eu era querido, chorando, “você vai ser demitido”. “Meu amigo, para de chorar cara, eu fui demitido, não morri não, você vai continuar me vendo, porque eu vou continuar perturbando eles”. Foi quando eu fui para o JB. Fiz uma foto sobre queimadas que eu subi no Hotel Nacional, quando ele ainda funcionava, pedi o segurança, fui até o último andar na cobertura, botei uma grande angular e peguei o incêndio no mato, em um morrozinho que tem ali, pegando fogo, peguei a Niemeyer, e o mar. Foi a primeira página do JB e todos me perguntavam se era uma foto aérea. O Dácio Malta era o editor-chefe do JB na época. Quando ele foi para O Dia me levou junto. Eu fui para a madrugada quando eu tinha um ano no Dia, um ano certinho. Foi quando quebraram meu braço em Volta Redonda. Fiquei um ano certinho no seguro, quando eu voltei do seguro eu estava com esse braço torto e eu tinha dificuldade de segurar uma teleobjetiva. Durante a noite você não usa muito a tele, é muito raro. Você usa muito é a grande ocular, porque não tem luz praticamente. Só quando você pega um incêndio e tal. O fotógrafo da madrugada na época se aposentou e eu fiquei com a vaga. Praticamente os anos todos que eu tenho no Dia, 90% foi na madrugada. Foram quase 27 anos na madrugada. De 1988 até 2014.

2) Conta uma história da madrugada para a gente, por favor.

¹²² Centro de Abastecimento.

¹²³ Tipo de revólver.

Osvaldo: Tem uma história boa que é a seguinte. Na época, eram dois repórteres da madrugada, sendo que eles saíram para fazer uma matéria que não havia necessidade do fotógrafo. Eles me pediram que ficasse na sala da escuta, onde tinha o rádio da Polícia Militar. Nessa época não existia celular. Liguei um vigilante que era de um prédio próximo ali à Candelária e eu atendi. Eu sempre falei para os companheiros, “olha, telefone de jornal nunca deixa de atender, porque, de repente, quando você menos espera, acontece alguma coisa”. Às vezes é uma bobagem, como aquelas senhoras que ficam com insônia e ligam para o jornal dizendo que tem um disco voador perto da janela delas. Mas, em cada 90 ligações, umas duas você tira proveito. “Jornal O Dia, boa noite”. “Meu amigo olha só, eu estou ligando porque eu sou leitor de vocês aí e tal e eu estou vendo que estão matando mais de 20 garotos aqui”. Eu agradei, peguei o livro famoso que tem o apelido de sebo – um livro que tinha, que todo mundo pegava, então era um livro imundo, por isso o nome. Eu peguei o sebo, olhei a área de escuta do Quinto Batalhão e liguei. “Comandante, me diz uma coisa, procede essa situação da Candelária de várias pessoas mortas lá?” “Olha meu amigo, eu não estou sabendo de nada não, mas eu até agradeço a você e eu vou pedir um patamo¹²⁴ para se deslocar até a Candelária para saber realmente o que tem”. Aí na rádio escuta eu escutei: “alô mané zero, peço jiló aqui para Candelária e tal, área de 932”. Nove-três-dois é o código de encontro de cadáver. Daqui a pouco escuto ele responder “Comandante, Comandante, procede, tem vários garotos mortos aí”. Como é que eu ia sair se os dois motoristas estavam na rua? Desci correndo, encontrei com o Zé Grande, grande figura. Zé Grande é o José Cortes dos Santos, mas ele não gostava que chamassem ele de José Cortes, tanto é que ele tinha tanta intimidade, mais de 40 anos no Jornal O Dia, que ele chegava para a dona do jornal e mandava botar José Grande, Zé Grande no crachá. Ele largava meia-noite mas ficava ali no bar tomando umas cervejinhas, porque ele morava ali perto. Conte para ele que eram 20 mortos na Candelária, ele me deu um dinheiro e me botou em um táxi. Como é madrugada, tem que ressaltar isso, costumava ser umas equipes unidas, não sei como é agora. Por que unida? Porque eram os mesmos repórteres, mesmo fotógrafo, mesmo motorista. Você não tinha como dar uma volta. Se você desse uma volta no companheiro, você era rotulado como mau caráter e também tomaria uma volta depois. Resumindo, quando eu saltei do táxi, rapaz, estava um inferno formado. Antes de eu descer para o táxi, eu tinha ligado da redação para o Jorge Martins, que já faleceu. “Jorge é o seguinte: estou indo para a Candelária, tem não sei quantos mortos que um vigilante me passou e a PM confirmou. Você que tem todos os telefones nas mãos, liga para os companheiros”. Resumindo a história, cheguei, estava aquele inferno mesmo, e eu comecei a fotografar, fotografar, mas não achava ainda que eu tinha uma foto boa. Boa entre aspas, porque a matéria-prima do jornal é isso mesmo. Infelizmente é o dia a dia. Eu tinha que ter uma foto que não chocasse assim o leitor, mas uma foto que dissesse alguma coisa. Aí tinha um garoto morto, coberto com um cobertor, e um outro passando a mão na testa dele onde tinha o furo da bala e eu fiz a foto. Até que o jornal O Dia deu na primeira página em letras pretas “Covardia”. O Globo, o que que fez? Acionou logo um batalhão de fotógrafos, um monte de fotógrafos. A TV Globo já tinha não sei quantas equipes, também já ligou mandando vir também. Eu sozinho de fotógrafo. Aí eu fiz o local, fui ao Aterro do Flamengo, onde parecia que tinha um sobrevivente. Enquanto eu fui para o local, o Zé Grande voltou para a Redação e começou a acionar os rádios

¹²⁴ Viatura da PM.

que tinham nos carros de reportagem. Eu fui o primeiro a saber, o primeiro a divulgar para os companheiros e o primeiro a chegar. Teve também a morte da Daniela Perez. Foi até se não me falha a memória no dia 23 de dezembro, foi no dia que o (Fernando) Collor (de Mello ex-presidente da República) foi posto para fora. O Collor foi tão de sorte, que ele não teve tanto destaque na imprensa. A matéria foi em cima da Glória Perez. Inclusive até o delegado, não lembro o nome dele, assim de momento eu não lembro, era muito meu amigo, me chamou na 16ª DP, onde hoje fica a Divisão de Homicídios, e disse: “confio em você, então vou falar para você o seguinte. Fica ligado porque eu estou indo prender o suspeito da morte da Daniela Perez, mas não vou te dizer quem é. Só vou te dizer que quando eu entrar com um ator da Globo abraçado, você pode fotografar que é o cara”. Aí mandaram minha rendição, eu podia até ter ficado quieto, mas chamei o fotógrafo e avisei. Eu quando cheguei no local, sinceramente com toda a experiência de jornal eu pensei que aquilo ali era um trote, porque quando eu cheguei tinha tantos refletores da Globo, que parecia uma filmagem, aqueles refletores grandões, lugar muito escuro, muito mesmo. O criminoso só foi descoberto mesmo por uma falta de sorte. Porque aconteceu o seguinte: uma semana antes tinha tido um assalto nesse condomínio onde o carro foi abandonado. Um senhor aposentado, advogado, que não tinha nada para fazer em casa, passou de noite a ficar dando voltas, e em uma dessas voltas ele viu dois carros que era onde estavam o Guilherme de Pádua e a mulher dele. Esse advogado de curiosidade anotou as placas dos dois carros e foi embora. Quando ele soube da situação, ele foi na polícia, na encolha e falou com o delegado. O Guilherme de Pádua já estava tão mal-intencionado, foi uma coisa programada, que ele adulterou a placa com a fita isolante. Tem muitas histórias, tem a Chacina de Vigário Geral. Na época nós tínhamos chefe de reportagem na madrugada, que era o Ilkar Leite, um velhinho que já desencarnou já. O Seu Ilkar atendeu um telefone de um tal de Negão, que era o chefe do tráfico de Vigário Geral. Mas essa chacina se desenrolou por quê? Porque na Praça Catolé do Rocha, que fica em Vigário Geral eles colocaram um estica. Um estica para quem não conhece é você pegar a boca de fumo da favela e levar para o asfalto, quer dizer para um local onde o comprador tem fácil acesso. E uma guarnição da PM chegou. O Negão, que era o chefe do tráfico, falou para os policiais que ia colocar um estica e deu um suborno em troca. Quando os playboyzinhos iam lá apanhar o bagulho, os policiais davam uma dura, tomavam os bagulhos e tomavam o dinheiro, tênis, tudo que eles levavam. Os viciados reclamaram com o pessoal do tráfico e o chefe lá decidiu botar os traficantes dentro de um carro e foram lá. O PM tomou um tiro de fuzil AR 15. Foi a primeira vez que eu vi um cara tomar um tiro desse tipo de arma. Ele levou um tiro na cabeça e saiu a bola do cérebro todinha no chão. A cabeça do PM ficou totalmente oca. Os policiais militares decidiram revidar. O que que eles fizeram? Dias depois eles foram à Praça Catolé do Rocha e mataram um rapaz chamado Fábio Lauro e tacaram fogo na moto desse rapaz. Dali eles foram para dentro da favela. Tudo quanto era inocente que eles encontravam eles matavam. Tinha uma casa de caridade que eles invadiram, mataram todo mundo. Foi uma época, se não me falha a memória, em agosto, estava até frio e a casa estava fechada. Rapaz, era um cheiro de sangue tão forte que você não conseguia ficar dentro da casa. Eu não conseguia ficar dentro da casa. Fotografei e saí porque eu não aguentei. Era um corpo no sofá, um marido por cima da mulher, eles entraram matando todo mundo. Eles jogaram uma granada no banheiro do botequim em frente, matou um senhor dentro do banheiro. Todo mundo que estava jogando sinuca eles saíram matando. Teve um rapaz de uma foto, que essa foto correu o mundo, que estava deitado com

a marmita no peito, um ovo e arroz só. Então se passasse lá eu, você ou qualquer um, eles saíam matando em represália aos soldados mortos na Catolé do Rocha dias anteriores. Mas só que, voltando de novo ao assunto, quando eu fui com o Natal (Lúcio Natalício – repórter), o tal do Negão mandou que encontrássemos com ele em uma passarela ali na região. Só que, naquela época não tinha celular, nós chegamos e não encontramos ninguém. “Natal, vamos voltar meu irmão, isso aí é furada”. Até que quando a gente já estava retornando, seu Ilkar passou uma mensagem pelo rádio: “o cara está chamando vocês, é do outro lado da passarela que os mortos estão”. Não sei agora porque mudou muito depois da morte do Tim Lopes, mudou muito mesmo. Mas os traficantes se apoiavam muito no jornalista, porque eles achavam que nós éramos uma base para eles, uma segurança. Tipo, se tem um fotógrafo perto, ele não vai ser agredido, ele não vai ser morto, não é isso? Então, eles tinham a gente como um apoio até, uma segurança, vamos dizer assim. E eles não te faziam mal nenhum. Se chamassem você, você podia chegar lá com um quilo de ouro no pescoço que ninguém te tocava. Rapaz, quando nós chegamos no meio da passarela, parecia um carnaval, carnaval mesmo. A favela toda acordada. O Natal foi no orelhão e chamou os colegas. Falou para todo mundo: “vem para cá que o bicho está pegando em Vigário Geral”. Eram tantos mortos que eu não sabia nem por onde começar. Nós fizemos tudo até a rendição chegar. Outra historinha da madrugada é de um vagbundinho que fez um assalto no Leblon e entrou no bueiro para fugir. Aquelas galerias lá da Zona Sul têm aqueles espaços que dá pra você ir se rastejando. Quando chegou ali em frente ao campo do Flamengo, ele tentou sair do ralo, só que não conseguiu. Tinha um carro em cima que estava tapando. Ele ficou com a metade do corpo do lado de fora, começou a bater no chão do carro. E um casal que estava namorando escutou aquelas pancadas. Ele contou uma história lá rápida, aí o casal conseguiu empurrar o carro, que estava solto. Só que ele ficou preso e o sangue dele foi descendo e inchou. Então ele não conseguia nem voltar, nem sair. Aí chamaram o bombeiro, o bombeiro veio e o Capitão viu que ele era vagabundo. Aí o Capitão pegou e falou assim. “Tira o anel do ralo”. Ninguém conseguia tirar o anel do ralo. O Capitão ficou sem paciência e fez um sinal. Um bombeiro pegou um cara num braço, o outro pegou ele no outro braço. O Capitão falou: “eu não quero que ninguém faça foto, hein”? Eu falei. “Aqui ninguém vai fazer foto não”. Mas eu já tinha posto no foco, já tinha colocado o flash ligado, quando o Capitão arriou a cabeça afirmativo os bombeiros deram um puxão nele. Quando deu o puxão nele foi a conta certinha de eu empurrar o bombeiro e apertar o dedo, foi uma chapa só que eu fiz, uma só. Ele já fora do bueiro com a boca desse tamanho com o berro que ele deu, de dor. Disfarcei, saí dali, tirei o filme rapidinho, botei no bolso. No dia seguinte o jornal deu na primeira página o cara sendo arrancado do bueiro também.

3) Você gostava de trabalhar na madrugada?

Osvaldo: Eu gostava da madrugada por vários motivos. Primeiro que era uma coisa tranquila. Teve uma vez que jogaram uma granada na porta da 35ª DP, que fica em Campo Grande. Nós saímos por volta de uma da manhã do jornal e quarenta minutos depois a gente estava na porta da delegacia. Sem correr. Durante o dia da Central do Brasil até o Caju, em um dia de acidente ou de chuva, você vai levar até duas horas. Isso é um detalhe. Outro é que você não tem aquela esquentação de chefia te cobrando. “Olha, se desloca para tal lugar assim. Me manda o filme por não sei por quem. O motoqueiro vai buscar o filme, deixa no botequim, aí, e tal”, não tem aquele estresse todo. E outra coisa é que os colegas são os mesmos sempre.

Durante o dia você está com um fotógrafo, daqui a pouco encontra outro. Já na madrugada você convive, se torna até uma família, porque você convive com eles a noite toda, todas as noites você está com os mesmos companheiros. Então um dos motivos de eu gostar da madrugada é esse. Além do que não tem aquele calor infernal, né? De madrugada é tranquilo, aquele fresquinho bom.

4) Como é que você acha que as práticas jornalísticas e as rotinas dos profissionais da madrugada eram diferentes dos que trabalhavam de dia?

Oswaldo: O primeiro ponto é o companheirismo, fundamental. Um fotógrafo que trabalha durante o dia, 90% quer sempre passar a perna no outro que é o famoso exclusivo. Se tem uma coisa que eu detesto no jornalismo é o tal de exclusivo. Para mim, exclusivo é sinônimo de traiagem. Exclusivo, por quê? Porque o cara ficou escondidinho lá, fez a matéria todinha e não falou para o colega. Na madrugada não, um é sempre amigo do outro. Sempre está avisando. Teve um caso de um Cassino de Petrópolis que estouraram, o Cassino Barão de Drummond. Marcamos todos em frente ao antigo Porcão da Penha, aquele negócio todo ali do Mercado São Sebastião. Marcamos ali, todo mundo foi junto, todo mundo fez, todo mundo direitinho. Que que acontece se é durante o dia? Com certeza o repórter que descobriu iria lá, faria tudo. Outra vez aconteceu que tinha um matador em Belford Roxo, chamado Dedo Nervoso. Pelo apelido já dá para sentir como ele era. E esse Dedo Nervoso foi preso na 54ª DP de Belford Roxo durante a madrugada. Aí a Albeniza (Garcia – repórter), como tinha muitos contatos de policiais ligavam para a casa dela de madrugada, ficou sabendo e me ligou: “Oswaldo, dá um pulo na 54, procura o delegado fulano de tal e fotografa o Dedo Nervoso. Olha só, hein, ninguém tem, só nós, escutou? Só nós que temos”. Eu falei que tudo bem mas quando cheguei na Leopoldina, saltei do carro e liguei para O Globo. Era o Jorge Martins na época. Avisei: “Jorginho, pegaram o Dedo Nervoso”. É como se fosse assim o (Fernandinho) Beira-Mar (traficante de drogas) hoje. Era desse quilate. “Pegaram o Dedo Nervoso, ele está preso na 54, liga para os companheiros que eu só estou podendo ligar para você. A Albeniza só me passou. Quando você chegar depois diz que foi um PM que estava lá, que te conhece e que é tua fonte e te ligou. É o que eu vou falar para ela”. Cheguei lá, o delegado levou até um susto porque foi chegando O Globo, JB. Ela veio me cobrar no dia seguinte: “como é que todo mundo foi”? Eu falei: “Albeniza, pera aí, você sabe que na delegacia são vários policiais, não é só o delegado não. São vários policiais tanto é que se chama uma equipe de plantão na madrugada na delegacia. Tem policiais militares lá, correto? Então, eles têm conhecimento com repórteres do Globo, da Bandeirantes, da Record, da TV Globo. E um deles que eu não sei quem é deve ter ligado do gabinete, lá da sala, lá do banheiro, eu não sei de onde e ligou e um colega passou para o outro. Quando eu cheguei lá, na boa, fiz sozinho, não tinha ninguém”. Aí ela engoliu aquele sapo, mas ela não era boba, ela não era de bobeira, ela sabia, conhecia o meu caráter. Sabia que eu tinha vazado, mas não tinha como provar.

5) Você tinha fontes de madrugada?

Oswaldo: Nós tínhamos, nós tínhamos. Por exemplo, eu estou fazendo uma matéria de um tiroteio, então você sempre conversa com um policial militar, conversa com outro, você pega o seu cartão e dá. E sempre você dá teu telefone e tal.

6) Qual a principal limitação da madrugada?

Oswaldo: Na madrugada é principalmente a segurança. Você tem que rezar e pedir a Deus para te levar e trazer. A segurança é assim nenhuma. Tanto é que você de madrugada se estiver no Centro ou na Zona Sul você até vê viatura de polícia. Na Zona Norte, na Baixada, você nem sonha em ver uma viatura. Até aconteceu um caso muito engraçado comigo, eu fui fazer uma matéria com o Ricardo França (repórter) em Nova Iguaçu, e a região da Baixada eu realmente não conheço bem. Eu entrei em uma rua escura, rapaz. Nessa época, Brasília era um carro “top”. Um senhor que estava entrando, parou uma Brasília branca na porta da garagem, saltou, abriu o portão social e foi dar a volta para abrir o da garagem. Nós encostamos o carro e eu fui pedir uma informação a ele. Quando eu saltei com a máquina na mão, ele, com medo, deve ter visto um revólver na minha mão. Claro, a minha máquina se transformou em um revólver com três homens dentro do carro. Ele bateu o portão social, largou carro ligado lá, com chave e tudo e não saiu mais não. O motorista: “meu irmão, vamos embora correndo, porque de repente ele vai lá dentro apanhar uma escopeta e vem aqui dar tiro”. Nosso carro era descaracterizado, nem letreiro tínhamos, demos marcha ré, cantamos o pneu e o cara até hoje deve achar com certeza que ele ia ser assaltado e escapou porque ele estava abrindo o portão e conseguiu entrar.

7) Qual tipo de assunto você mais abordou na madrugada?

Oswaldo: Infelizmente era a palavra triste, mas é a realidade, é desgraça. Tinha um motorista lá novo na casa e eu fui acordá-lo e falei: “olha, vamos para a Rocinha”. Isso às três da manhã. Ele virou assim para mim e perguntou. “Prado, o que que tem lá”? Eu falei assim: “uma coisa eu vou te garantir inauguração de praça não é. Com certeza, é desgraça. Meu amigo, é isso, infelizmente a gente vive disso”. E fomos.

8) E quais diferenciais você acha que o profissional da madrugada tem que ter?

Oswaldo: Muita coragem, isso tem que ter. Coragem mesmo. Se não tiver, você não faz nada. Ter um bom conhecimento de ruas, de bairro, porque durante a madrugada antigamente você via as pessoas no verão sentadas nas portas, nas cadeiras durante a madrugada, na Zona Norte, no Subúrbio. Hoje em dia, para te ser sincero, nem cachorro. Sinceramente, não estou brincando não, antigamente você via cachorro circulando na rua, um correndo atrás do outro, latindo. Nem isso você vê mais. Então você tem que conhecer, ter um certo tato, faz uma grande diferença.

9) O que que te motivou a trabalhar na madrugada por 27 anos?

Oswaldo: Eu tinha o dia todo livre para mim fazer o que eu quisesse. Ir à vontade à praia. Adoro correr, saltar de paraquedas. Eu era praticamente aquele cara que não fazia nada para ninguém. Eu morava nessa época no Flamengo. Eu ia atravessando ali a praia do Flamengo, no Aterro, com uma prancha debaixo do braço. Tudo isso me motivou a madrugada.

10) E como é que você definiria um repórter da madrugada?

Oswaldo: O repórter fotográfico da madrugada tem que ser uma pessoa que tenha coragem. Você tem que ter muita perseverança, muito conhecimento de locais. Você tem que ser uma pessoa cautelosa. Você tem que ter muito jogo de cintura, porque às vezes vai abordar certas situações que vão te exigir. O fotógrafo é sempre mal recebido nessas situações assim. Porque quando é para socialite, para sair na

parte social, todo mundo quer sair, mas na coluna policial ninguém quer sair. Você vê o caso do Romário, que sempre e até hoje ele adora uma lente. Ele não pode ver uma lente que ele já quer logo aparecer quando interessa a ele. Eu estava no jornal cheio de febre nível de estar quase delirando. Na época, o Romário estava nesse negócio de separação e tal e não queria ser fotografado saindo à noite. Um garçom avisou um amigo do jornal dizendo que ele estava com uma mulher em um restaurante na Praça Saens Peña, na Tijuca. Eu peguei e fui. Eu jamais faria o que eu fiz. Você acha que eu vou chegar para o gerente do restaurante e perguntar se o Romário está lá? Claro que ele vai dizer que não. Mas eu estava me sentindo tão mal que fiz. “Meu amigo tive uma informação que o Romário está aí dentro”. “Ih rapaz, eu vi ele passar aqui, ele está naquele bar lá da frente”. Um lugar tipo cem metros depois. Aí quando eu comecei a andar decidi voltar no carro e pegar uma capa e um chapéu, porque eu ia me molhar todo se chovesse e já estava cheio de febre. Quando estou voltando, dou de cara com o Romário abrindo um carro dele. Ele começou a me xingar e eu só tirando foto. O jornal me deu primeira página. Então aquela história, você tem que ter tato, saber a hora de chegar, como chegar. Como fiz uma vez na Vila Vintém. Um policial que era miliciano morreu e o carro dele tinha mais de 100 tiros. O carro do cara não tinha mais lugar para ter tiro. O irmão dele estava do lado. Quando ele me viu com a máquina, voou para cima de mim logo. “Se fotografar meu irmão, eu quebro a sua cara”. Eu até entendo porque o irmão dele podia ser o que fosse, mas era o sangue dele. Mas o meu trabalho era fotografar. Eu disse: “primeiro, meu amigo, calma, eu entendo a sua situação, eu sei que teu irmão está aí. Agora, essa foto, se você deixar eu fazer, eu vou fazer de um jeito que em momento algum eu vou mostrar seu irmão. Eu mostro a foto a você. Não vai mostrar o rosto do seu irmão. O carro dele tem *insulfilm*”. Ele respondeu: “tudo bem, tudo bem”. Aí eu fiz poucas fotos também para não abusar. Tem que ter muito tato mesmo, saber chegar no local. Tem situação que você já tem que chegar fotografando, como tem situação que você não pode.

APÊNDICE 18

Entrevista com Pedro Teixeira, fotógrafo do Jornal O Globo

1) Conta um pouquinho da sua trajetória profissional, por favor.

Teixeira: Em 2010 eu entrei no jornal O Povo. Fiquei um ano e depois comecei a fazer *freela* para o Extra e para O Globo. Aí eu fiquei de *freela* três anos até que O Globo me contratou. A princípio para os jornais de bairros. No final do ano passado (2015), eu entrei para a madrugada, vai fazer um ano agora.

2) Como é a sua rotina?

Teixeira: Meu horário é de meia-noite às sete da manhã. Eu chego e fico aguardando o Rafa (Rafael Nascimento – repórter de O Globo) ligar. Se tiver alguma coisa a gente sai. Eu fico na fotografia e ele fica na redação.

3) Você também tem algumas fontes, recebe alguma ligação, ajuda nesse processo de apuração?

Teixeira: Não, na madrugada eu não tenho ninguém não. Mas eu fico no computador, ou então fico vendo direto jornal. Qualquer coisa que sair, eu aviso.

4) Em relação ao dia, quais são as diferenças que você nas práticas profissionais e nas rotinas profissionais?

Teixeira: Eu acho que de madrugada é tudo mais calmo. Não tem trânsito, não tem calor. É diferente também que saída da madrugada tem que ser uma coisa mais, digamos assim, grave para você poder sair. O fotógrafo do dia não tem necessariamente uma coisa tão importante assim que vá acontecer. Uma coisa mais simples que aconteça no dia a dia ele vai ser mandado de repente se crescer lá.

5) Como funciona a colaboração entre os jornalistas entre os diferentes veículos?

Teixeira: Geralmente é com o Rafa. Ele tem mais contato com a galera, e aí tem as fontes também, pessoas que ligam para ele.

6) Qual você acha que é a principal limitação assim imposta pelo horário?

Teixeira: A rua é mais deserta, né? Fica mais perigoso, eu acho que é mais limitado do que de dia. Eu acho que de dia tem umas certas ruas que dá para entrar e que na madrugada não dá.

7) Que tipo de assunto você mais aborda na madrugada?

Teixeira: Só tiroteio, bala perdida, só mais violência, parte de segurança mesmo.

8) E você lembra de alguma história que tenha sido marcante?

Teixeira: Eu estava na madrugada, mas a foto rolou de manhã cedo, já quase na hora de eu ir embora. Eu fui fazer uma ressaca no Arpoador, aquela onda que cobriu até lá no calçadão. Aí rolou a foto que foi até a foto da capa, a foto montadinha, bonitinha que tinha até um cara observando as ondas e ainda tinha um pombo assim junto que parecia que os dois estavam olhando. De tragédia, mais difícil. Eu tento sempre compor com uma porta de delegacia, por exemplo, com um policial de costas passando ali na hora, sei lá, um retrovisor da viatura. Eu tento montar uma foto ali no momento, que tenha algum significado. Se não rolar, vai a fachada mesmo, mas tento observar ângulos diferentes. Teve uma história logo que eu comecei na madrugada que era um senhor lá na DH, que ele tinha perdido o filho na véspera do Natal. A foto era sempre a mesma coisa: a pessoa perde um parente. Em geral nesses casos é uma foto das pessoas chorando, aquela tristeza. E ele estava na situação lá chorando no depoimento falando com o repórter, só que eu vi que ele estava com um bonezinho na cabeça com a imagem de uma santa. Ele chorando, fazendo o movimento com a mão no olho. Teve uma hora que ele abaixou mais e destacou mais a santa. Aí eu fiz a foto mais de cima e pegou uma cena bonita assim que, apesar do momento ser triste, uma cena bonita e tal.

9) Você gosta de trabalhar de madrugada?

Teixeira: Gosto. Não tem trânsito, não tem calor. É abafado mas não tão quente como no sol. É tudo mais calmo até dentro do jornal mesmo. Sem aquela correria, aquele estresse, tirando o fator do sono. Você fica com o horário todo desregulado de início, mas, depois, eu me acostumei até porque eu durmo de tarde.

10) Que diferenciais você acha que um profissional de madrugada tem que ter?

Teixeira: Eu acho que ele tem que saber lidar bem com a luz. De noite é muito escuro. E eu acho que o flash, além de chamar tanto a atenção se for uma cena de alguém, num momento triste, sei lá, não fica legal. Então é um desafio porque eu tento usar luz ambiente o máximo que der. Se tiver um breu total, dá para usar umas técnicas, tipo parar o carro na frente da parada e o farol indo lá. Até a aproximação da pessoa com quem você vai falar tem que ser mais delicada, né? Eu tento chegar, eu vejo se a pessoa tem alguma condição de falar. Se estiver muito mal eu espero e faço até fotos de longe. Quando eu abordo, eu sou o mais educado possível e tento convencer ela de mostrar o sofrimento dela ali na hora, a situação no momento tem que ser mostrada porque senão como é que as pessoas vão saber o que que ela estava sentindo ali no momento, o que que ela estava transmitindo no momento. Tento conversar.

11) O que te motiva trabalhar de madrugada?

Teixeira: O adicional noturno. Para mim surgiu como uma oportunidade meio por acaso, porque eu era do jornal de bairros e eu sempre quis fazer cidade. Só que de dia é muito mais difícil, né? Sair do Bairros para ir para a Rio, para a cidade, é muito mais difícil na fotografia. Quando pintou a vaga era de madrugada. Apesar de ser só de noite, no escuro, mas estaria na editoria que eu curto, e um tipo de matéria que eu também curto. Porque eu sempre fui de fazer cidade eu até comecei no fotojornalismo por causa disso.

12) Como você definiria um repórter da madrugada?

Teixeira: Ele pode ser cuidadoso, porque tem que ser mais cuidadoso porque a cidade vai estar mais desprotegida, digamos assim, porque não tem tanto policiamento. Em certos lugares, tem que tomar cuidado. Tem que ter um certo cuidado com isso. E também tem que ficar bem ligado nessa questão de iluminação senão tem certas coisas que você não pode fazer e o momento não volta. Passou, passou.

APÊNDICE 19

Entrevista com Priscila Chagas, repórter da TV Globo

1) Conta um pouquinho da sua trajetória profissional, por favor.

Priscila: A minha carreira começou em comunicação interna. Fiquei três anos em comunicação interna, antes de me formar. Trabalhei na Oi. E eu sempre quis muito fazer audiovisual. Antes de fazer jornalismo, eu pensava em fazer cinema, sempre amei audiovisual. Eu estudei na UFRJ. Estudei na ECO. E já tinha três anos de Oi quando surgiu uma seletiva para o Passaporte Sportv¹²⁵. Aí eu me inscrevi muito naquela de “vou me inscrever só para ter a consciência tranquila de que eu tentei”, porque eu achava muito pouco provável que eu fosse conseguir. Eu não tinha experiência em TV, não tinha experiência de trabalhar em nada da área de esporte. E aí eu fui passando pelas etapas até que eu fui aprovada. E foi assim a realização

¹²⁵ Processo seletivo do canal Sportv que seleciona jornalistas recém-formados para se tornarem correspondentes do canal.

de um sonho mesmo. Eu sempre quis fazer audiovisual, sempre quis trabalhar com TV, sempre quis estar na rua. Ao contrário dos outros aprovados, eu fiquei no Brasil mesmo, o que para mim foi muito bom porque eu peguei uma experiência que eu não tinha, aquela experiência do dia a dia da redação, que me deu uma sustância em relação a aprender o que as pessoas gostam, o que que está certo, o que que está errado, você ouvir o *feedback* das pessoas. Para quem está começando, isso é muito importante, porque TV é prática, vídeo é prática, rua é prática. Quando terminou o projeto, eu até tive a oportunidade de continuar, mas não estando na rua. Eu poderia continuar como produtora ou editora, mas eu amo estar na rua. E aí consegui uma oportunidade de ir lá para a TV Rio Sul, ser repórter lá. Nem sabia onde Resende ficava, nunca tinha ido para lá, só sabia que era o lugar da Aman¹²⁶, não sabia mais nada. Larguei as coisas aqui e fui para lá. Foi uma das coisas mais difíceis, mas mais recompensadoras que eu fiz na minha vida. Se eu tivesse que passar por tudo de novo, eu passaria. Foi um processo muito difícil, de estar em um lugar que eu não conhecia, longe de tudo e de todo mundo, com salário menor do que eu ganhava aqui. Foi um desafio, mas foi muito bom, porque foi muito crescimento pessoal e muito crescimento profissional. Eu ganhei experiência na TV Rio Sul que eu não ganharia de outra forma. Em 2014, eu passei férias aqui na Globo Rio em fevereiro. Dos vinte dias que eu tive de férias, dez eu passei aqui, acompanhando. No final de abril, eu vim e fiquei de maio a julho, fiquei 3 meses, cobrindo uma licença médica, e voltei pra Rio Sul. Aí em 2015 me chamaram para passar uns dias, na época do Rock in Rio, que a escala estava uma loucura, foi em setembro. Logo depois me chamaram para vir e ficar até o fim das Olimpíadas. E aí eu estou ficando.

2) Como é a sua rotina na madrugada?

Priscila: Meu horário é de uma e meia da manhã até umas oito e meia, nove horas. Eu chego e a primeira coisa que faço é ir na subchefia de reportagem onde fica a Mari (Mariana Cardoso – produtora) para saber o que está acontecendo. Antes de sair de casa, eu também sempre abro o meu e-mail e dou uma olhada ali no grupo da madrugada para ver o que está acontecendo e já saio de casa com uma ideia do que eu vou fazer. Como eu entro em um horário mais tarde, na maioria das vezes, assim 99% das vezes, eu já chego com algo certo para fazer, para fechar. Muitas vezes eu fecho histórias da noite ou até do fim da tarde, o que é muito comum por incrível que pareça. Eu tenho o horário apertado, porque minha equipe é uma das que entra ao vivo no jornal. Então, para fazer VT eu tenho de uma e meia até quatro e meia, uma janela de três horas para fazer tudo. Às quatro e meia, eu tenho que estar aqui para o vivo.

3) Como é que você acha que as práticas jornalísticas e a rotina dos profissionais da madrugada são diferentes daqueles que trabalham de dia?

Priscila: São completamente diferentes. Existe uma unidade muito maior entre a maioria na madrugada, que é uma coisa que você não vê de dia. Uma coisa que me surpreendeu quando eu entrei na madrugada é que você está muito acostumado a tipo assim ter uma corrida para ver quem chega primeiro, na hora de gravar sonora ser aquela coisa parecendo abutre em cima da carniça. Isso é muito comum de dia. E quando eu cheguei de madrugada eu fiquei surpresa porque primeiro existe um grupo. Eu achei muito doido as pessoas terem um grupo em que compartilham as

¹²⁶ Academia Militar das Agulhas Negras.

informações. Isso já me chamou atenção. “Cara, como assim tem um grupo?” Um grupo em que está todo mundo e que, tipo assim, aquilo que você descobre, a informação que chega até você, você vai e compartilha com teoricamente coleguinhas que são concorrentes? Eu achei curioso. Foi a primeira coisa que me despertou a atenção. Até pensei: “opa, tem alguma coisa diferente, essa madrugada é diferente. Não é muito parecido com o que eu estou acostumada não”. No início, eu reparava muito, depois de um tempo quando você se acostuma você acaba não prestando muita atenção. Mas eu lembro muito que eu fiquei muito impressionada do cara do SBT mandar um rádio para o Evandro (Cardoso – repórter cinematográfico da TV Globo) falando assim: “a rua é aqui em tal lugar, não sei o que”. Ele estava mandando orientações, ajudando de verdade. Eu falei assim. “Por que que o cara do SBT está ajudando a gente? Será que ele é amigo pessoal do Evandro?” Depois você vai observando e fala “cara, é assim”. De uma forma geral, a única que a gente não tem muito esse contato é com o pessoal da Record, de falar diretamente com a gente, de ter aquela troca de figurinha diretamente com a nossa equipe. A gente está sempre em contato com o Rafa (Rafael Nascimento – repórter do Jornal O Globo), aquele pessoal do SBT, o Marquinho (Marcos Antônio de Jesus – repórter da Rádio CBN), o pessoal da CBN. Isso foi o que mais me impressionou. Existe uma cumplicidade que de dia você não tem. De dia a informação é muito fácil, você tem acesso às pessoas, você tem acesso às assessorias. As pessoas estão acordadas, a vida está acontecendo. De madrugada não. De madrugada você não tem assessoria. De madrugada está todo mundo dormindo. De madrugada as pessoas são mais mal-humoradas. De madrugada os policiais que estão no plantão estão de saco cheio por estar dando plantão. Então, assim, o ritmo é diferente. Para conseguir alguma coisa, você depende da boa vontade de chegar e o cara se sensibilizar com o seu “oi, tudo bem? Você tem alguma informação?” Você está falando com uma pessoa que está ali trabalhando na mesma situação que você, nas mesmas condições que você, com as mesmas dificuldades que o horário que você tem. Eu acho o ritmo um pouco diferente. Eu acho que a gente não tem condição de ser tão imediatista quanto a gente é de dia em relação ao acesso de informação, porque a fonte de informação está dormindo, a fonte oficial da informação está dormindo. Você conta muito mais com aquilo que você apura na rua do que com aquilo que a fonte oficial diz. De madrugada você não tem nota, é o que a testemunha falou que. “A nossa equipe conversou com funcionários do hospital que não quiseram gravar entrevista”, que é a clássica frase da madrugada. É aquilo que você apura no boca a boca. É aquilo que você fala com fulano numa conversa informal. Você não tem uma fonte oficial, então talvez nesse sentido seja muito mais *old school*.

4) Com essa falta de assessorias, como faz para apurar de madrugada?

Priscila: Teve um VT na semana passada, daquela mulher que levou um tiro lá em Copacabana. Ela estava nas Lojas Americanas e levou um tiro. As informações foram muito desencontradas. Uma testemunha disse uma coisa, outra testemunha já disse outra. Uma testemunha falou que a mulher estava passando na rua, o cara tentou assaltar a mulher e a mulher entrou dentro das Lojas Americanas e o cara entrou atrás dela na loja. Aí a outra testemunha já disse que não, que ela estava nas Lojas Americanas, o assaltante entrou na loja para assaltar a loja, ela acabou tentando fugir e ele abordou ela. E aí, faz o quê? Pergunta para quem? A polícia não vai te dizer nada. Na nossa apuração estava essa versão de que foi um assalto às Lojas Americanas. Encontrei duas testemunhas no local, cada uma falou uma

história. Se na apuração, que foi mais cedo, dizia isso e eu encontrei uma pessoa que disse a mesma coisa, eu vou confiar na pessoa e na apuração. Eu tenho que ir pela maioria, aí eu fui pela maioria.

5) E quando você tem duas ou três pautas na madrugada o que faz com que você corra para uma pauta e não corra para outra?

Priscila: Acho que entra até um pouco da experiência. Quanto mais experiência você tem, quanto mais prática você tem naquilo melhor você consegue decidir. Por exemplo, se você tem um acidente com ferido e um acidente com morto você vai para qual? O acidente com morto. Mas se tiver um acidente com morto na Penha e um ferido em Copacabana? Eu iria para o morto, mas sei que aqui por ser questão da Zona Sul, a gente acaba indo para a Zona Sul. Até porque muitas vezes uma questão da madrugada, que de dia não tem tanto, é a restrição de mobilidade. Você não pode ir para qualquer lugar. Eu não posso ir para a Cidade da Polícia¹²⁷ gravar passagem. De dia todo mundo vai para a Cidade da Polícia. Está tendo flagrante, a polícia está lá, é normal você ir para a Cidade da Polícia. Mas de madrugada a gente não pode. Teve um VT que eu fiz que eu gravei passagem aqui subindo a rua. Sabe ali onde começa a subida do Horto? Tipo assim eu estava na área das casas, mas eu levei esporro. Porque ali é um lugar perigoso, pode ser rota de fuga de bandido, “você não pode fazer ali, você não pode estar ali”. A gente não pode passar pelo Alto (da Boa Vista), a gente não pode passar pelo Horto, a gente não pode ir para a Cidade da Polícia. Dependendo do lugar na Penha a gente não vai. Então o que que eu vou fazer? Vou para Copacabana. Não tem porque eu ir mais longe, se eu não vou poder saltar do carro e apurar porque o lugar é perigoso. Então a madrugada tem muito isso que é uma restrição. Acaba sendo uma restrição. Eu lembro que teve uma casa que desabou, não lembro nem onde foi. Foi em algum lugar da Zona Norte. O Evandro (Cardoso – repórter cinematográfico da TV Globo) chegou lá antes e fez. Aí quando os policiais começaram a ir embora e os bombeiros começaram a ir embora porque já tinham socorrido as pessoas, um bombeiro chegou para a equipe e falou: “o pessoal está indo embora, mete o pé porque aqui é perigoso”. Na madrugada é assim, a gente tem muito mais restrições. Muitas vezes a escolha da pauta não é nem em relação à importância, é em relação ao que eu posso fazer, onde eu estou autorizada a ir, o que que é menos perigoso. Madrugada tem muito essa questão da segurança que de dia existe, mas não com tanto zelo. Eu estou há um ano na madrugada. A madrugada que eu entrei há um ano atrás era uma, a madrugada hoje é outra. A cidade mudou muito. O que é muito doido, porque um ano é muito pouco para a mudança que a gente percebe. Às vezes eu converso com os meninos, com o Evandro, com os meninos, e a percepção é a mesma assim, mudou muito. Para pior. Há um ano atrás a gente podia ir na Cidade da Polícia. Eu já fiz, cansei de fazer passagem, no início, na Cidade da Polícia. Hoje você não pode ir. Tem umas três semanas que eu estava passando em um dos acessos da Linha Amarela, no meio da curva, uma blitz com policial com fuzil em punho, preparado para atirar, e na hora quando você vê isso, um fuzil apontado para você, você não sabe o que é aquilo. É policial? É bandido vestido de policial? O

¹²⁷ Cidade da Polícia é um complexo onde ficam várias delegacias, auditórios e centros de treinamento da Polícia Civil do Rio. Atualmente também funciona lá a delegacia chamada Central de Garantias. Toda prisão em flagrante na Zona Norte do Rio, que ia para as delegacias distritais, agora segue para a Central de Garantias. A Cidade da Polícia fica no bairro do Jacaré, bem perto das favelas de Manguinhos e Jacarezinho, em uma região de muita violência e criminalidade na Zona Norte da cidade.

que está acontecendo? E a cara daquele policial me impressionou muito. Quando eu olhei para a cara daquele policial eu acho que eu tive uma pequena noção do que eles passam. Você vê que, pelo rosto dele, era um misto de tensão, de medo, de ansiedade. Ele estava pronto para atirar porque ele sabia que a qualquer momento ele podia ser alvo.

6) Você sente outra limitação na madrugada, além da questão da segurança?

Priscila: Eu acho que, de repente, para quem está de manhã você consegue ter às vezes um editor só para você. Na madrugada é um editor fazendo tudo. Tem que ser muito mais independente, sabe? Eu não tenho um editor para decupar¹²⁸ nada para mim. Quando você está de dia, tem um editor para você trocar ideia. “O que que você pensa? Estou pensando em fazer isso. O que você acha?” Na madrugada tem que ter muito mais independência em relação a isso. Muitas vezes é contra o tempo, você não tem tempo, você tem que escrever o texto, tem que decupar, tem que gravar passagem, tem que ir para o vivo. Eu não tenho tempo de ficar pensando, filosofando, o que eu vou fazer e a gente precisa entender que é muito trabalho para poucas pessoas. Como eu vim de afiliada, a estrutura lá é outra, então você tem muito mais independência de chegar e mandar o texto pronto e pá. Mas eu entendo que aqui quando você trabalha nos horários mais tradicionais você tem muito mais o apoio de uma pessoa que está ali, muito mais exclusiva para você, que tem condições de te dar muito mais atenção.

7) Quais os assuntos que você mais aborda na madrugada?

Priscila: Advinha? Deixa eu contar quantas matérias de comportamento eu fiz em um ano. Um, duas, três ou quatro matérias que não eram de violência em um ano. O resto só violência. É muito ruim porque isso te impacta, né? O Rio já está meio submundo, a madrugada no Rio é muito submundo. E as pessoas às vezes não tem noção. “Ah o Rio está perigoso, ah o Rio está violento, ah o Rio está estranho”, as pessoas com quem eu converso tem uma perspectiva geral. Mas a madrugada é o submundo do submundo. Quando você começa a entrar em contato com histórias, começa a conversar com policiais, alguns mais abertos outros ficam mais fechados, quando você consegue uma pessoa que troca uma ideia com você, você fala assim: “cara, que bosta”. Eu sonho com tiroteio, eu sonho com essas coisas. Tem histórias que me impressionam, tem história que eu chego e choro em casa. Teve uma história que eu cheguei e chorei: a história do estupro coletivo. Até por eu ser mulher, eu acho que sempre quando é alguma história que de alguma forma você se relaciona, isso mexe com você.

8) Aproveitando essa história, eu tenho uma pergunta que eu não fiz para ninguém até porque eu acho que você é a única mulher atualmente na madrugada. A madrugada por natureza é um ambiente bem machista. Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher no seu trabalho de madrugada?

Priscila: Ah, às vezes de não falar com você e falar com outro repórter, eu prefiro nem pensar que é porque eu sou mulher. Eu prefiro pensar que é porque ele não me conhece, prefiro pensar isso. Porque tem determinados lugares que você fica receosa por ser mulher, por ser a única, sabe. Muitas vezes você tem que ser mais

¹²⁸ Transcrever o material gravado.

firme. Tem determinadas vezes, tem determinadas coisas que eu entendo que talvez por ser mulher eu consiga a informação mais fácil. Eu acho que vai muito do jeito da pessoa, da forma como você aborda a pessoa, como você aborda de uma forma que você se abre. Entra tudo, entra linguagem corporal, entra todas as coisas que a pessoa lê inconscientemente em você que faz com que ela se abra e fale alguma coisa para você que para outra pessoa ela não vai falar. Isso depende do horário que você está trabalhando. Mas às vezes por você ser mulher, quando você chega dando um “oi, tudo bem? Você pode me ajudar em tal coisa?” Eu prefiro não pensar que as pessoas me deixam de dar informação porque eu sou mulher. Eu acho que, pelo contrário, às vezes eu consigo mais por ser a única. E querendo ou não, é quase tipo assim. “O que que você está fazendo aqui?” É muito engraçado. Tem uma amiga minha que fala. “Com cara de bonequinha de porcelana, cara de mulherzinha, você acha que o cara não vai se compadecer?” Não é lógica machista, porque querendo ou não pode ser uma lógica machista, mas a mulher está muito mais suscetível a determinadas violências que o homem. Na madrugada mais ainda. Então, assim, às vezes o policial se compadece, muitas vezes vai te passa, muitas vezes não.

9) Você gosta de trabalhar de madrugada

Priscila: Eu acho que tem mais prós do que contras. Eu não pego trânsito, eu tenho o dia livre para fazer o que eu quiser, eu ganho adicional noturno, que faz uma diferença boa no salário.

10) O que te motiva a trabalhar na madrugada?

Priscila: Eu acho que na minha vida, na minha trajetória, eu aprendi a importância do processo, de um passo de cada vez. Se quando eu entrasse no Sportv eu tivesse ido direto lá para fora, eu teria metido os pés pelas mãos, porque eu não tinha condições de fazer aquilo. Eu não tinha sustância profissional. E se você quer chegar em um lugar alto e você não tem raiz forte, você pode até chegar, mas vai chegar uma hora que você não se sustenta. Você cai. Pode até não cair no profissional, mas em alguma área da sua vida você pode cair. Então assim, a madrugada faz parte de um processo muito importante para ganhar sustância. Eu vim de afiliada, foram três anos de afiliada que me deram muita sustância. Foram três anos em que eu passei por determinadas coisas profissionais e pessoais, atrás daquilo que eu sempre quis fazer profissionalmente, que me deram sustância, e hoje eu trabalho num horário que me dá sustância. É difícil? É difícil, porque eu estou casada agora, mas eu acredito muito no processo.

11) E que diferenciais você acha que o profissional da madrugada tem que ter?

Priscila: É muito comum você ver nas pessoas que trabalham na madrugada o fato de “ah, eu não quero trabalhar na madrugada, esse horário é muito ruim”. Se você ficar amargo é pior ainda, eu acho que quando você tenta ser leve tudo fica mais fácil. Os policiais com quem a gente conversa já são amargos, já são pesados, as pessoas que a gente aborda na maioria das vezes são histórias ruins, são amargas, já são pesadas. Se você embarca, você vai estar igual a todo mundo e não vai conseguir botar um sorriso na cara. Sorriso que é fundamental para você fazer com que uma pessoa te conte uma coisa, por exemplo.

12) Como é que você definiria um repórter da madrugada?

Priscila: Eu acho que eu tenho que ser paciente, mas ágil, ágil. Você imagina de dia alguém ficar 40 minutos esperando para ver se alguém vai falar com você? Não existe. De dia isso não existe. De madrugada é normal. Quantos dias você não passou na porta da DH esperando para ver se algum policial falaria alguma coisa. Trinta anos depois o cara aparece para falar com você. De dia, se não quiser falar, vai o texto do jeito que está. Você tem outras fontes oficiais que de madrugada você não tem. E acho que tem que ser um repórter com jogo de cintura, tem que ser um repórter muito observador. No escuro todo gato é pardo, não existe esse ditado? Você tem que ficar assim olhando para cá e olhando para lá. Você tem que observar muito. E eu acho que uma coisa muito bacana, que eu acho que a madrugada dá por serem duas equipes fixas, é que você cria uma cumplicidade muito grande com seus parceiros de trabalho.

APÊNDICE 20

Entrevista com Rafael Nascimento, repórter do Jornal O Globo

1) Conta um pouquinho da sua trajetória profissional, por favor.

Rafael: Eu sou formado em jornalismo pela Uerj. O Jornal O Globo foi o meu primeiro emprego. Antes daqui eu estagiei em outros dois lugares. Eu estagiei na Rádio Melodia, uma rádio gospel que tem. Só que era uma coisa mais burocrática, não era muito com entrar no ar. Não era muito a rotina de rádio não. E o último estágio antes de entrar aqui era na Ediouro. Era até uma história muito engraçada, porque eles tinham dois produtos lá, que eram dois gibis, *Luluzinha* e *Luluteen*. Tinha uma publicação semanal ou mensal dessas revistas e eu era esses personagens no ambiente online. Teve até uma situação que eu fui ao show do Justin Bieber, por exemplo, para depois fazer um texto como se fossem os personagens contando como foi esse show. Nesse meio tempo apareceu o processo seletivo aqui do Globo. Eu já estava no fim da faculdade e entrei para o estágio em fevereiro de 2012. O processo de estágio aqui você passa, durante um ano, um mês em cada editoria dos três jornais: O Globo, Extra e Expresso. E aí você passa por cultura, pela geral, pelo esporte e tudo o mais para ver em qual lugar você se adequa melhor. Eu era uma pessoa que estava sendo preparado, eu imagino, para a área de entretenimento. Cobri muita novela, vi muito show, fiz muita música que eu achava que inclusive era a área que tinha mais talento para poder discorrer sobre. Só que aí todo estagiário/trainee tinha que passar pelo Centro de Operações da Prefeitura que cobre trânsito, acidente, manifestação, essas coisas todas. E no meu mês surgiu uma vaga. Eu estava para me formar e aí o coordenador de lá sugeriu meu nome e eu fui contratado. Eu não voltei mais para o entretenimento. Entrei para a Editoria Rio em outubro de 2013. Fiquei um tempo no Centro de Operações e depois vim para a redação cobrir férias das pessoas durante a tarde. Depois eu voltei para o Centro de Operações. Até que teve uma época em que a pessoa que foi escalada para cobrir a madrugada não se deu muito bem, não se adaptou por algum motivo e aí me chamaram para cobrir a madrugada por um tempo. Cobri férias um tempo e depois vim em definitivo. Já estou há um ano e um mês na madrugada direto.

2) Como é a estrutura de O Globo de madrugada?

Rafael: Funciona assim: a gente tem uma equipe de reportagem formada por mim, que sou o repórter, um fotógrafo, e um motorista. Aí fica uma pessoa para editar o site do jornal O Globo na madrugada. Edita a *home*, também fica ligado no que acontece no mundo, no que vem de agência. Sei lá, se às três da manhã explode uma bomba no Irã ou na Síria que mata 7900 pessoas tem que ter alguém aqui para poder alimentar a *web* com essas coisas. A equipe basicamente é essa. O que a gente produz de madrugada, de manhã, é veiculado no site do Globo porque é o jornal para qual eu trabalho, mas é replicado também no site do Extra, se eles tiverem interesse. Eu trabalho pensando no Globo. Mas como a gente lida muito com factual, o factual serve para todo mundo.

3) E como é a sua rotina de trabalho?

Rafael: Eu chego às onze da noite, rola um papo com quem eu vou render. A gente fica na madrugada na Repol¹²⁹. Aí a Dayana (Resende) que é a outra repórter que fica até as onze me passa todas as pendências e me diz o que rolou ao longo do dia. A gente troca essa bola e a partir daí que eu começo a rotina. Tendo alguma coisa para fazer eu já parto para a pendência direto. Não tendo pendência, o que que a gente costuma fazer? Eu costumo fazer a tal da ronda. Não sei se você ia perguntar isso, mas é bem legal. Você dá uma ligadinha para todos os batalhões, pelo menos para todos os principais batalhões para saber se você não está perdendo alguma coisa.

4) Como é que você acha que as práticas jornalísticas e a rotina profissional de quem trabalha de madrugada é diferente dos repórteres que trabalham de dia?

Rafael: Tem um ponto que eu acho que é o ponto principal. Você acaba exercitando de uma forma até instintiva, de uma forma natural, seu poder de seleção de notícia, porque você não tem um chefe de reportagem para te dizer se isso ou aquilo vai valer a pena. Se tiver duas coisas acontecendo ao mesmo tempo, eu só tenho uma equipe. Se eu não tenho a forma de conseguir as duas informações, produzir as duas matérias, eu vou ter que escolher uma ou, pelo menos, para produzir melhor uma. O que significa ir ao local, pegar personagem e tal. O outro, de repente, a gente vai ter que pegar um registro por telefone. Em um primeiro momento, chegar na madrugada é um desespero. Eu sou desesperado por natureza, mas eu ficava um pouco ansioso porque eu achava que tudo valia, tudo valia. “Um chinelo caiu lá, em Marechal Hermes”. Meu Deus, vamos lá em Marechal Hermes. E aí você acaba vendo que as coisas não são assim. Você acaba desenvolvendo faro mesmo. E isso de alguma forma se legitima quando você conversa com os colegas e as avaliações são semelhantes. Em via de regra, aqui na redação, eu tomo essa decisão sozinho. O que eu consulto o motorista, o fotógrafo, por exemplo, é em relação a ir ou não em determinado lugar. A gente não conhece a cidade toda em detalhes para saber que lugar você pode pegar o carro de reportagem e ir. Aí o motorista é um bom termômetro para esse momento. Apesar de a gente andar com carro blindado e tudo o mais, não vale a pena você se arriscar por uma matéria. Isso é uma coisa que eu levo de verdade. Se alguém fala que o lugar é um pouquinho perigoso, pronto, eu não vou. Tem algum risco, você vai passar no meio de uma comunidade, não vou. Mas como o motorista é bastante experiente, graças a Deus, ele está na casa, sei lá,

¹²⁹ Repol é sigla para “Radioescuta policial”. Esse é o nome que o Jornal O Globo deu para o setor de apuração da redação, também conhecido em outras redações pelo nome “escuta”.

há uns 15 ou 20 anos, conhece bastante essa Região Metropolitana e diz que dá para ir, eu vou tranquilo. Quando é o contrário, eu também não insisto.

5) Como funciona a apuração nesse horário que as assessorias não estão funcionando?

Rafael: Em um momento bateu um desespero, porque era ronda, né, não tinha jeito. Você começou a trabalhar ontem, você não tem fontes para trabalhar de madrugada. Hoje inclusive eu acho que eu teria mais dificuldade de trabalhar de dia sob a perspectiva de fontes, porque não é fazendo ronda que você consegue fontes, mas é indo na rua. Na rua você pega um telefone de um delegado, você pega um telefone de um agente, você vai guardando no WhatsApp e tudo mais, entendeu? Um exemplo claro disso: há dois dias teve um tiroteio numa ação policial da CORE no Complexo de Favelas do Lins de noite. Teve até aquela situação do pessoal do (Hospital) Marcílio Dias, que o pessoal ficou caminhando abaixado dentro do hospital por conta dos tiros. Você está aqui de noite, você não vai no Lins em um clima tenso do jeito que estava. Tiroteio a torto e a direita. A informação a princípio era de que o chefe do tráfico de uma comunidade lá tinha morrido no meio do tiroteio. Uma coisa que nem precisou ligar para o motorista. Você não vai e ponto. E aí como é que você consegue a história? Você tem uma rede social te bombardeando. Mas o que difere a gente dessas páginas de rede social, tipo Saracuruna News, Bangu News, Jacarepaguá Notícias? Você precisa de algum argumento de autoridade, de alguma autoridade confirmando aquela informação para poder se diferenciar da boataria, porque aquilo provavelmente era verdade, mas a gente não trabalha com probabilidade, a gente trabalha com certeza. E aí uma dessas fontes que a gente conheceu em algum momento era um delegado da CORE. Pensei “tenho esse telefone aqui, vou mandar ‘whatsapp’ para ele”. E aí mandei um áudio dizendo o que a gente tinha de informação. Tudo que estava relatado nas redes sociais eu fiz um resumo para ele não precisar me relatar nada, só me confirmar ou não. Ele me disse: “a história é essa aí mesma rapaz”. E depois ainda me mandou um outro áudio falando que um agente tinha sido atingido. Ou seja, é uma coisa que eu não conseguiria com ronda. Eu preferiria chegar de manhã sem a matéria do que me arriscar de qualquer forma. Mas foi um desses conhecimentos de rua que você acaba tendo contato com uma pessoa que acaba virando uma fonte.

6) Há uma tendência grande de se ir cada vez menos para a rua nas redações de uma maneira geral. Você acha que na madrugada essa tendência se confirma ou se inverte?

Rafael: Acho que na madrugada você precisa mais da rua. De repente você tem a confirmação de um fato, mas a confirmação de um fato não é uma matéria. Você precisa sentir o clima, você precisa ter a textura de alguma forma, você precisa se imbuir do que a cena te proporciona para você poder produzir um material melhor. Acho que nesse sentido estar no local é a melhor forma. E como a gente não tem, por exemplo, a questão do fechamento, então acho que a gente é mais livre para poder exercer esse tipo de coisa. Sempre que dá e o negócio é relevante, eu sempre prefiro ir para a rua, porque vira e mexe você encontra um personagem que te dá uma perspectiva diferente da que você pegou inicialmente. Você pega se o clima estava tenso ou não, você descreve uma cena. A foto está ali, mas você descreve com palavras para compor o cenário, porque é uma imagem muito estática, porque é uma foto, que não te diz muita coisa, não é um movimento como em uma televisão e tal

7) Como você define o que é uma pauta na madrugada? Que aspectos e critérios faz com que você corra para uma determinada história e não para outra?

Rafael: O que eu imagino é o impacto que a informação pode causar. Um exemplo: um tiroteio na Praça da Bandeira, que é aqui pertinho, é uma informação importante que você tem que cobrir. Mas se aqui no Centro tem um assassinato passional, sabe, isso aqui causa mais impacto, mexe mais, não sei, de repente com a opinião pública. E você tem que se preocupar com a audiência também, audiências de cliques no meu caso também. Tanto é que eu acho que a maior audiência que eu tive no jornal, se não estou enganado, foi de um milhão de *views*, em um caso passional de uma mulher que era casada com um policial, só que aí ela foi pega pelo marido em um motel com outro militar, sacou? Esse caso foi em Irajá, é um caso que nem novela. Os dois trocaram tiros na porta do motel, uma coisa meio bizarra, mas foi uma coisa que rendeu muito. Pelo que eu me lembro, chegou um “*whatsapp*” para a gente falando de tiroteio na porta de um motel. Aí eu entrei em contato com a PM que confirmou que teve um tiroteio e que a informação preliminar é que tinha um policial militar ferido. E teve informação de colega que cantou a bola que tinha sido passional. Aí eu corri para lá também. A informação da traição veio do coleguismo da madrugada. Quando eu cheguei lá o motel estava com muita polícia, muita polícia em volta, aquela coisa que a gente vê até com uma certa rotina. O perímetro da porta já estava isolado. A Divisão de Homicídios já estava dentro do estabelecimento para poder ver o que tinha de perícia, falar com a sobrevivente, que no caso era a mulher, e até arrumar uma forma de você tirar ela de lá, né? Ela não queria aparecer por motivos óbvios. E a gente precisava da história. E aí sempre tem a galera da PM que estava lá em volta e tal. Você chega no sorriso e no amor e tenta. A história da traição eu confirmei com a PM, com os policiais militares lá no local. Porque você chega se aproximando e vai contando a história do jeito que você sabe, né, para ver como eles reagem. Então eu disse. “Chato uma traição terminar nisso, né rapaz? Mulher estava lá, falou que para a faculdade e veio para cá, aí chega o outro aí, descobre a traição do outro e tal. Chato, né? E terminou da pior forma possível”. E aí o policial já começou a conversa. “Você vê um tomou um tiro não sei aonde, um tomou três nas costas, um está lá no Getúlio Vargas e tudo mais”. Aí eu já perguntei se os dois eram militares porque eu sabia que o marido era PM. “Os dois eram militares tanto que estavam os dois armados, um monte de carro cheio de tiro aí”. Pronto, eu consegui toda a minha história. Porque não tem jeito. Eles não podem falar, mas você precisa ter essa história de manhã. Vai ter o Bom Dia (Rio – telejornal da TV Globo) dando a história, vai ter a CBN dando a história, vai ter a Record dando a história e você precisa ter a história também. De resto você já tem o mote e você já sabe o que aconteceu. Saindo da redação, eu vou lá para tentar descobrir o nome desse cara e de repente algum parente, algum familiar, que esteja por lá. Aí quando eu cheguei já percebi que era um lugar que tinha um motel, mas que tinha muita casa. A foto do fotógrafo é a cena do crime, mas o que aconteceu? Vamos lá. Tinha muito vizinho ali na porta? Vamos falar com os vizinhos para saber o que aconteceu, para ter aquele relato do tipo. “Ah, eu estava chegando de ônibus e encontrei o tiroteio, meu pai mandou não sei o que correr”. São histórias que te ajudam a compor um cenário. É importante você ter também. São informações coadjuvantes com a informação principal? É uma coisa coadjuvante, mas é importante para você compor um contexto. Para você contar uma história. Você pode só dizer que o tiroteio foi pesado. Mas você pode dizer que o tiroteio foi

tão pesado que o pai mandou a menina nem entrar em casa e ficar no carro até o tiroteio acabar.

8) E a colaboração dos outros jornalistas de madrugada, como funciona?

Rafael: Eu vejo que se não tivesse colaboração entre os coleguinhas na madrugada o trabalho seria dez vezes mais difícil. Tudo que a gente fala é com relação a factual mesmo. Quando é uma matéria exclusiva, claro, exclusiva é exclusiva, já diz o próprio nome, você não tem o que dizer. Qual a graça, qual é a importância de você esconder uma informação que é corriqueira, digamos assim, né? Então eu acho que é importante o pessoal se ajudar e eu acho que a imprensa, vou dizer carioca, porque eu não sei como funciona fora do estado, mas a imprensa carioca de madrugada é muita parceira. É importante que isso aconteça porque assim ninguém sai perdendo. As pessoas dividem o que elas têm, assim, como você faz também, né? E é até legal também porque para determinados lugares você corre em comboio, você se sente até mais seguro de ir com as outras equipes, né? Isso claro, sem ser exclusivo. Então, cara, na boa, não tenho pudor nenhum com a informação. Se eu tenho alguma coisa, tenho um telefone, alguma informação, divido.

9) Quais você acha que são as limitações impostas pelo horário?

Rafael: Em relação à tecnologia, a única limitação que eu tenho é quando tem vídeo para inserir lá no site. Eu não faço isso, eu não edito vídeo, tem uma equipe de ilha de edição lá. Mas não tem ninguém de madrugada. Quando eu faço um vídeo da rua ou chega um vídeo pelo WhatsApp e seria interessante inclui-lo no material online, eu espero até de manhã, até a equipe do vídeo chegar. E tem, claro, as questões de segurança. Tenho até uma história sobre isso. Teve um lugar que eu já fui e só depois eu soube que era perigoso. Eu estava há uma semana de madrugada e até hoje foi o choque de realidade mais bizarro que eu tive até então. Surgiu uma informação que teve uma chacina e morreram quatro ou cinco jovens em Caxias. Era um lugar pobre, não me pareceu muito perigoso não. Não era favela, eram bairros mais simples. A gente não teve problema nenhum. O fato é que eu encontrei quando eu cheguei lá no lugar corpos de meninos cobertos. Tinha um aqui numa rua, menos de 20 metros depois tinha outro. E a comunidade estava toda no meio da rua, tipo perplexa com o que estava acontecendo. Aí você começa a perguntar para um e para outro. Eles contaram que os meninos estavam vindo da escola, veio um carro preto e saiu atirando em todo mundo. Mas a gente tem aquela mania de achar que ninguém morre de graça, né? Mas naquele caso acho que realmente estavam morrendo de graça. Os moradores disseram que os homens que saltaram do carro estavam encapuzados e que seriam milicianos que atuavam perto dali. A cena já é pavorosa por si só, um choque de realidade absurda. E aí tem uma coisa que é muito diferente quando você vai fazer matéria no local mais humilde. As pessoas têm ânsia de serem escutadas, de serem ouvidas, porque parece que serviço nenhum do Estado chega. Eles não são escutados por ninguém e quando você chega ali parece que a gente está ajudando, mas a gente está fazendo o nosso trabalho apenas e eles encaram dessa forma diferente. No portão da casa de um deles estava uma mãe chorando. Ela não estava desesperada, mas ela estava calada olhando pra baixo. Aí eu sentei do lado dela, crente que eu ia falar alguma coisa com ela. Só que eu vi que ela estava num choque tão absurdo com o que tinha acontecido que não tem o que fazer. Eu chorei junto, cara. Eu nunca tinha visto aquilo. Eu encostei lá na mãe para ver se ela desabafava e falava qualquer coisa. Qualquer coisa que ela falasse ali estava valendo. É uma parada que eu não esqueço.

10) Que tipo de assunto mais você aborda na madrugada?

Rafael: É polícia, é crime, dentro do âmbito da violência. É o que você mais faz. Eu fiz um exercício por esses dias. A gente tem um sistema lá no jornal que você procura fotos, páginas em *pdf* do que já foi publicado. Coloquei Rafael Nascimento lá para ver o que que aparece. Só desgraça, só desgraça. São raras as vezes que a gente faz coisas diferentes, divertidas e muito mais. Quase nunca. Só no verão, quando tem uma festa, quanto tem um evento, Olimpíada, Réveillon. Mas, em via de regra, a rotina é violência.

11) Você gosta de trabalhar de madrugada?

Rafael: Eu aprendi a gostar. Não estou dizendo que eu não trabalharia de dia, mas aprendi a gostar. Eu tenho muito medo de ter ruga e dizem que quando você fica muito preocupado, ansioso ou insatisfeito você tende a franzir o semblante muitas vezes. Então eu já começo por aí. Não vou franzir o semblante por conta do meu horário de trabalho. Outra coisa, o que não tem remédio, remediado está. E aí o que eu tento fazer é encarar, achar o lado positivo da coisa. Eu não tenho o problema do fechamento para me preocupar, porque quando eu chego o jornal já está praticamente fechado. Quando tem alguma coisa que acontece nesse interim, são sete filhos normais. Então na madrugada dá para você trabalhar com mais calma, no sentido de conseguir trabalhar um texto melhor. Sua vida fica meio ao contrário? Fica. Você fica meio puto de vez em quando? Fica. Porque tem um *happy hour* que você não consegue ir. A parte ruim não é nem trabalhar de madrugada, a parte ruim é a vida social que fica empacada para caramba.

12) O que te motiva trabalhar na madrugada?

Rafael: Eu danço conforme a música. Qualidade financeira, a diferença não é tão grande assim do adicional noturno. Eu não tenho filhos, cara. Então para mim não faz tanta diferença, graças a Deus. Claro que é bom ganhar um pouquinho mais de diferença, mas não compensa se eu tivesse aqui por isso. Eu entrei nessa de gaiato, no sentido de precisarem de alguém na madrugada.

13) Qual diferencial você acha que o pessoal da madrugada tem que ter?

Rafael: Diferencial? Acho que talvez o faro para avaliar certas coisas e, acho que, independência, cara. Depois de um certo tempo, não digo que eu tenha independência não, porque a gente nunca está pronto, porque a gente nunca sabe das coisas, isso é um processo. Mas acho que eu estou melhor do que eu era. Mas, claro, que dá para ficar muito melhor. As pessoas falam dos repórteres dos tempos áureos, da antiga da madrugada, que passava das dez da noite, o que quisesse que acontecesse lá longe era só pá que que eles resolviam, porque tinham contato do mundo todo. Então, assim, se resolver a gente se resolve, porque é necessário. Mas às vezes um direcionamento de uma determinada pauta fria, por exemplo, sinto um pouco de falta de um *feedback*, um direcionamento. Você não tem com quem dividir o retorno.

14) Como é que você definiria um repórter na madrugada?

Rafael: Eu acho que o repórter da madrugada é muito repórter. Ele é muito repórter, por conta da falta de blindagens, tipo assessorias que te dão o posicionamento oficial por determinada coisa ou não – isso para linhas gerais porque tem muitos meandros aí no meio. Mas você precisa correr um pouquinho mais para ter um

mínimo de informação para informar para o meu leitor, para o seu telespectador do Bom Dia Rio. Não digo à moda antiga não, porque tem auxílio de tecnologia hoje que é fundamental. Você descobre boato pelo Facebook nesses grupos de páginas e também um montão de informação que procede por esses lugares. Mas efetivamente fazer alguma coisa você precisa ir para o local. A gente bate muito em porta de delegacia, recebe muitos “não”, você às vezes é maltratado. Eu acho que faz parte da rotina e eu acho que isso ainda é muito próximo daquilo que a gente estudou para.

APÊNDICE 21

Entrevista com Roberto Martiniano, dirigente do Sindicato dos Radialistas do Rio

1) Conta um pouquinho, por favor, da sua trajetória.

Martiniano: Eu comecei trabalhando no entretenimento. Eu trabalhava fazendo o Fantástico, viajei muito fazendo o Fantástico, só que eu era da equipe do entretenimento. A Alice Maria (ex-diretora do Fantástico) achou por bem de passar nossa equipe toda para o jornalismo. Aí saí do Fantástico, e aí eu fui trabalhar na Editoria Rio. Na Editoria Rio eu pedi para trabalhar de madrugada. Fiquei 23 anos na madrugada. Madrugada era melhor, porque eu tinha um filho que era deficiente e precisava muito de mim de dia para levar para o hospital, essa coisa toda, né? Aí passei a trabalhar de dia, para poder ter tempo de ficar em casa para dar assistência ao meu filho. No início é muito ruim, porque até acostumar é muito difícil. Às vezes eu estava dirigindo e o meu olho começava a fechar. Eu pensava “não posso dormir, não posso dormir”, botava um som, botava a cabeça para fora para sentir o vento e não dormir. A primeira semana da madrugada foi muito ruim para me acostumar, porque eu não podia dormir muito de dia porque eu levava o filho no médico. E fui ficando na madrugada. Conclusão: fiquei 23 anos na madrugada. Agora estou licenciado porque sou diretor de fiscalização do Sindicato dos Radialistas. Para mim foi até bom, porque já estava meio cansado do trabalho da madrugada, já estava há um bom tempo na madrugada.

2) Você gostava de trabalhar na madrugada?

Martiniano: Gostava, nossa, eu adorava trabalhar na madrugada. Gostava mesmo, tanto que eu trabalhei na madrugada, até quando eu quis. Só saí para vir para o Sindicato. Saía todo mundo junto, cinegrafista, repórter. Todos mudavam e eu continuava lá.

3) Como você acha que as práticas jornalísticas e as rotinas profissionais eram diferentes na madrugada em relação ao dia?

Martiniano: Porque de madrugada é muito mais perigoso, né? Você tem que saber onde vai entrar, como vai entrar, como vai sair do lugar. Não pode botar carro em qualquer lugar que é muito perigoso, é um risco muito grande. Trabalhar na madrugada é um risco muito grande, você tem que ter muita visão. Não é como trabalhar de dia. De dia você pode entrar em qualquer lugar, não precisa colocar

luz. De madrugada você precisa colocar luz, dependendo do lugar você não pode colocar luz, o cinegrafista tem que ser muito bom.

4) Você também ajudava na apuração? Como era essa apuração num horário que não tem assessoria de imprensa?

Martiniano: É aquele negócio, sou um quarto olho do cinegrafista. O operador tem que estar de olho no entorno para ajudar o cinegrafista. Quando precisava, eu abordava o entrevistado, segurava o microfone, perguntava as coisas. Se a gente estivesse sem repórter e se o cinegrafista estivesse ocupado, eu fazia a apuração do que tinha acontecido. A dificuldade é que, dependendo do assunto, a pessoa não queria falar. Tem medo de falar, não quer falar. A dificuldade de madrugada é que você não tem ninguém na rua para perguntar. Só tem equipe na rua na madrugada.

5) E você via uma colaboração entre os jornalistas de diferentes veículos? Como é que funcionava?

Martiniano: Eram muito unidos. Funcionava que um coleguinha passava para o outro. Um sabia de uma coisa, ligava para o outro. Só quando tinha coisa assim por exemplo, que era exclusiva, que não podia vazar, que a gente não passava. Mas coisa que podia, que estava acontecendo, a gente ligava para os coleguinhos e ia todo mundo. Porque você saindo em comboio é muito menos perigoso, do que uma equipe só. Uma equipe só é muito mais perigoso que você ir em comboio, porque se os caras tiverem que fazer, não fazem com todo mundo. Já vi bandido com machadinha, mostrar machadinha para nós, mostrar pistola. “Ô da Globo, você vai morrer”, já ouvi várias vezes. A gente vê muita coisa ruim, muita coisa ruim mesmo. É acidente, é roubo, já vi uns roubos assim na nossa cara. Cara assaltando carro na nossa frente. Só coisa ruim acontece na madrugada. Muito difícil trabalhar na madrugada. Tem que gostar muito para trabalhar na madrugada. É risco de todos os lados. Muita história na madrugada, história boa e história ruim, de parar com pistola na cabeça e o caramba. O delegado parou a gente na Avenida Brasil. Era eu e o Rogerinho (Rogério Lima – repórter cinematográfico da TV Globo). Eu pedi passagem para ele, ele não deu, aí eu joguei o carro para a esquerda e passei pela seletiva. Ele veio do lado assim, botou a pistola na porta do carro. Foi umas três horas da manhã. A gente estava vindo de Campo Grande, onde tínhamos ido fazer uma matéria. Tinha uma viatura da Polícia Militar parada no acostamento da Avenida Brasil. Eu parei e falei: “tem um cara atrás aqui botando uma pistola para o nosso lado”. Ele parou logo atrás, falou que era delegado, se identificou ao PM que era delegado, me pediu documento e foi todo mundo parar na delegacia de madrugada

6) Para você quais são as principais limitações durante a madrugada?

Martiniano: O que limitava é certos lugares como já falei, que a gente não podia ir. Antigamente a gente fazia muitas matérias com polícia, de subir morro e tal. Graças a Deus, a Globo acabou com isso. Imagina você acompanhar uma blitz, uma batida da polícia no morro? Aconteceu muito isso na madrugada. Na época, a gente não tinha limite, podia ir à vontade. Tinha cinegrafista que era muito afoito em mostrar a matéria e aí se enfiava junto com a polícia no morro. A gente que era operador tinha que estar junto carregando o equipamento, né?

7) Como é que você definia para qual pauta correr?

Martiniano: Madrugada não tem essa definição. Tudo que tem, mandam a gente ir. Madrugada vai para tudo. Só tem uma equipe. Não tem como definir. A gente é que avalia no local. Se for perigoso, não entra.

8) Nesses 23 anos de madrugada qual o tipo de assunto que você mais abordou?

Martiniano: Mais foi acidente, muito acidente feio. Fiz acidente na Lagoa de morrer todo mundo, cinco pessoas mortas. Briga. Na madrugada, fizemos muita briga em boate, já cheguei até a apanhar enquanto a gente filmava.

9) Lembra de alguma história marcante?

Martiniano: Fomos fazer chacina, passar por cima dos corpos. Lá em Santa Cruz, tem muitos anos isso. A gente teve que passar pulando em cima de corpos cheio de sangue, um cheiro horrível de sangue e passando em cima de corpos. Essa foi muito marcante, lá em Santa Cruz. Tem uns 20 anos mais ou menos isso. Aquele cheiro de sangue me marcou. A gente fede né, cara? Aquele cheiro terrível, muito, muito ruim, foi horrível aquilo.

10) Quais diferenciais você acha que um profissional da madrugada tem que ter?

Martiniano: Conhecimento, né? Conhecimento. Na madrugada tem que ser uma equipe, tem que ser para dar certo. Se um torcer para um lado e outro torcer para o outro nunca vai dar certo. Tem que ser uma equipe unida para poder funcionar. A madrugada não tem recursos, só a gente na rua.

11) Como é que você definiria um repórter da madrugada?

Martiniano: O cara tem que ter conhecimento e humildade acima de tudo. Tem que ser humilde, escutar o cinegrafista, escutar o operador. Tem repórter, não é o caso teu e de muitos, mas tem repórter que não escuta o cinegrafista, não escuta o operador. Às vezes, o operador e o cinegrafista têm mais conhecimento do que eles. Mas ele não quer nem saber.